

REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS

Vol. IV

Abril, 1945

N.º

10

SUMARIO

	Págs.
Editorial	2
<i>Idéias e debates:</i>	
FRANK W. CYR, A educação rural nos Estados Unidos	
JUAN MANTOVANI, Ilusões e realidade do mundo pedagógico	43
LOURENÇO FILHO e ARMANDO HILDEBRAND, São necessários os exames escolares ?	50
INEZIL PENA MARINHO, História da educação física no Brasil. II. O Império	54
<i>Documentação:</i>	
O vocabulário mais freqüente na leitura comum do adulto...	64
I Congresso Internacional de Educação Católica.	133
<i>Vida educacional:</i>	
A educação brasileira no mês de janeiro de 1945.	138
Informação do país.	145
Informação do estrangeiro.	146
BIBLIOGRAFIA: <i>Vocational Technical Training for Industrial Occupations</i> , U. S. Office of Education; <i>Instituições educacionais do Canadá. do</i> Ministério do Comércio do Canadá.	149
ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAIS: <i>José Anibal M. Machado</i> , Lamartine Dela- mare, educador de gerações; <i>Dra. Betti Katzenstein</i> , Crianças sem jogos; A reforma do ensino médico na Inglaterra.	152

Atos oficiais:

- LEGISLAÇÃO FEDERAL: Portaria n.º 77, de 19-2-945, do Ministro da Agricultura — *Baixa instruções para o funcionamento do curso avulso de Reflorestadores*; Portaria n.º 78 de 19-2-945, do Ministro da Agricultura — *Baixa instruções para o funcionamento do curso avulso de Jardinagem*.161
- LEGISLAÇÃO DO DISTRITO FEDERAL: Ordem de serviço N.º 2, do diretor do Departamento de Difusão Cultural da Secretaria Geral de Educação e Cultura — *Baixa instruções sobre a organização de um Curso de Orientação do Ensino Elementar para Adultos*; Resolução N.º 5, do Secretário Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal — *Cria, em caráter experimental, uma colônia de férias na ilha de Paquetá* 164
- LEGISLAÇÃO ESTADUAL: Decreto-lei N.º 14.553, de 22-2-945 — *Baixa Regulamento para o Concurso de ingresso ao cargo de Adjunto de Grupos Escolares Rurais do Estado de S. Paulo*.166»

INVESTIGAÇÃO PEDAGÓGICA E CONSCIÊNCIA TÉCNICA

Porfiam os educadores de nosso tempo, qualquer que seja a orientação filosófica a que se filiem, na busca de dados objetivos sôbre os quais o seu próprio trabalho possa fundamentar-se. Em outros têrmos: esforça-se a educação moderna em conquistar uma "consciência técnica". Para isso, duas ordens de realidades desafiam o conhecimento: uma, relativa aos quadros sociais, onde a educação se processa; outra referente à marcha do desenvolvimento natural das crianças e jovens. A exata compreensão da primeira esclarece a forma, o andamento, e as condições gerais do processo educacional, em cada coletividade, e é, por isso, subsídio indispensável aos estudos da política da educação e da administração escolar latu sensu. O domínio da segunda importa, essencialmente, à obra da educação sistemática, ao labor da escola. Nêle, é que se hão de buscar os fundamentos da boa organização escolar, as bases para os planos de ensino e gradação dos programas, os elementos com os quais se possa dar vida a uma didática de cunho racional, os recursos de diagnóstico para solução de "casos-problemas", e da orientação educacional, em geral. Não colidem os elementos de estudo de uma e de outra dessas fontes, nem mütuamente se excluem. Se ê certo que não há educação fora da comunidade, verdade é também que não há ação educativa sem a consideração, em cada caso, de um indivíduo, a ser compreendido em suas condições peculiares de desenvolvimento e capacidades. Na renovação pedagógica contemporânea estão ultrapassadas as fases que se resumiam em motes tais como "comunidade como centro", e "aluno como centro", pela simples razão de que não há vida coletiva, em abstrato, nem por igual indivíduos que a si mesmo possam caracterizar-se, fora das expressões de cultura de seu meio e de seu tempo. O progresso dos estudos atuais da biologia e da psicologia educacional deve-se, justamente, a essa mais larga e justa compreensão, que é a da observação de grandes grupos com definição rigorosa dos valores que o representem, em face dos quais

— e só em face dos quais — a descrição de cada caso individual ganha nitidez e possibilidade de classificação objetiva. O método estatístico, por sua fecundidade e plasticidade de aplicações é, na verdade, o instrumento indispensável à fundamentação de uma verdadeira consciência técnica em educação. Força é reconhecer que, em nosso meio, são ainda incipientes os estudos com essa orientação. Com efeito, só há pouco mais de um decênio, deixaram êles de ser objeto de trabalho de alguns poucos especialistas isolados, para se imporem aos centros de preparação do professorado e aos órgãos centrais de administração do ensino. Muito animador, no entanto, apresenta-se o progresso já realizado. Pesquisas dos mais diversos gêneros têm sido empreendidas e outras vão em andamento. Já REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS tem dado a conhecer resultados de trabalhos dêsse gênero comunicados ao Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, bem como outros planejados e realizados por êsse mesmo órgão do Ministério da Educação. Em seus três volumes iniciais, divulgou esta REVISTA nada menos que quatorze estudos baseados em pesquisas, entre os quais um bem fundamentado estudo da criança de sete anos, segundo os resultados de testes aplicados em escola do Estado de Minas Gerais, por mais de um decênio. No presente número, apresentam-se os resultados gerais da pesquisa realizada pelo I. N. E. P. para verificação do vocabulário da leitura comum do adulto, e que resume vários anos de paciente e cuidada investigação. Não será preciso salientar a importância de tais contribuições para o progresso de nossos estudos pedagógicos. Se quisermos estabelecer uma pedagogia de bases menos arbitrárias, e imprimir ao trabalho de nossas escolas uma verdadeira "consciência técnica" teremos, na verdade, de conhecer nossos quadros sociais e o desenvolvimento médio de nossas crianças e jovens, por meio de investigações de caráter objetivo.

A EDUCAÇÃO RURAL NOS ESTADOS UNIDOS (*)

FRANK W. CYR

Da Universidade de Colúmbia, Nova York

A educação rural lança tremendo desafio aos administradores escolares nos Estados Unidos. Embora somente 43.5 por cento da população do país habite as zonas rurais, mais da metade da população escolar, 54 por cento de todo o professorado e 88 por cento dos prédios escolares se encontram em regiões rurais. A comunidade rural é a sementeira da nação, e fornece grande parte dos futuros cidadãos. Verifica-se, no entanto, que apenas 37 por cento do orçamento para as escolas públicas são aplicados nessas zonas; que somente 30 por cento do montante destinado à construção de prédios escolares têm sido aí aplicados; e que o vencimento médio anual dos professores e inspetores, de \$827 nas zonas rurais, representa menos de metade da média dos vencimentos nas escolas urbanas. A escola rural tem de oferecer igualdade de oportunidades à metade das crianças do país, sem contar, como se vê, com as mesmas condições de que goza a escola da cidade quanto a orçamentos, prédios escolares, material e remuneração de professores. Essa situação cria cruciantes problemas quanto ao ajustamento da escola à comunidade, e do currículo às necessidades da criança; igualmente, quanto ao reajustamento de impostos e taxas e à reorganização administrativa, dentro dos moldes da sociedade moderna, que, por sua maior complexidade, exige também maior complexidade dos serviços educacionais.

Durante o meio século anterior ao período de depressão, que se deu por volta de 1930, a rápida expansão das escolas urbanas ocupou

(*) O *American Council of Education*, organização que reúne, nos Estados Unidos, associações de educação e entidades de interesses afins, confiou a vários especialistas, sob a direção geral do prof. I. L. Kandel, a redação de vários estudos para a descrição dos mais importantes aspectos de educação nesse grande país. Devidamente autorizada, Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos aqui publica um desses valiosos estudos.

tôda a atenção dos administradores escolares. As escolas rurais progrediram, então, lentamente. Com a depressão, tornou-se evidente a importância da educação rural para o equilíbrio nacional e os grandes serviços que pode prestar à vida coletiva. Reconhece-se cada vez mais o valor das escolas de pequenas comunidades; sente-se a necessidade de garanti-las com razoável orçamento; compreende-se que o ensino deva adaptar-se às necessidades rurais, e que métodos mais adequados devam ser utilizados.

Nos Estados Unidos, são consideradas *zonas rurais* os campos abertos, as vilas, e ainda cidades com menos de 2.500 habitantes. Essa divisão é arbitrária se considerarmos que muitas das grandes cidades dependem exclusivamente da agricultura e que certas vilas são, na realidade, subúrbios de grandes cidades. De modo geral, pode-se dizer que a região rural inclui a parte da população especialmente dedicada à vida do campo. Para compreender a educação rural, será, pois, necessário compreender a comunidade rural, a que deve servir, e a vida agrícola, sua principal atividade.

FATÔRES ECONÔMICOS E SOCIAIS A ATENDER NA EDUCAÇÃO RURAL

Dia a dia, tornam-se as escolas públicas mais conscientes do papel que as forças econômicas e sociais desempenham na educação. A organização do ensino, seu conteúdo, e o próprio tipo das escolas estão se ajustando de modo mais preciso a essas forças.

Baixa densidade de população

A baixa densidade de população é o fator capital, das características e dos problemas das escolas rurais. O grau de densidade varia com a natureza e a quantidade dos recursos naturais, a situação geográfica, climática ou topográfica. Um grande número de agricultores vive em suas propriedades, e não em vilas ou em grandes plantações. O isolamento proveniente dêsse modo de vida aproxima o indivíduo da natureza. Geralmente quanto menos densa é a população, menores são as oportunidades de contato social, maiores as distâncias até a escola e outras instituições, e menores os grupos que se podem reunir para fins educacionais. Tudo mostra uma estreita correlação entre a baixa

densidade de população e o tamanho que as escolas secundárias podem ter; a quantidade das escolas isoladas; a necessidade de transporte dos alunos e a questão das taxas escolares. Quanto menos densa for a população, mais nítidos se tornam os problemas de educação rural e, por conseguinte, maior se faz sentir a necessidade de métodos e de técnicas especiais adaptados à educação desses pequenos grupos isolados. Esse fator de densidade persiste, e continua a ser ponto básico, mau grado os automóveis, a eletricidade e a mecanização do lar e da agricultura, que multiplicaram os contatos humanos e diminuíram o penoso trabalho nas fazendas.

Índice de natalidade

A população das zonas rurais apresenta, proporcionalmente, mais crianças e jovens a educar do que a das zonas urbanas. O índice de natalidade no campo é mais alto uma vez e meia do que nas cidades. Tomando 1,00, como índice que manteria a população estacionária, verificamos que as cidades com mais de 2.500 habitantes têm uma taxa de natalidade de apenas 0,87, enquanto a das zonas rurais é de 1,47. O índice mais alto é o das fazendas, 1,62. Considerando que a natalidade nos Estados Unidos, em seu conjunto, está apenas um pouco acima do estacionário, 1,09, torna-se evidente que são apenas as populações rurais que impedem que caia o número total da população. Não fôsse a constante remessa de gente nova, anualmente vinda do campo para as cidades, estas declinariam a olhos vistos.

Aspectos econômicos relativos ao deslocamento

Calcula-se que a zona rural dos Estados Unidos contribua com cerca de \$1.400.000.000 anualmente para as cidades, quanta esta representada pela educação, alimentação, roupa e serviços médicos dispensados aos jovens que todos os anos entram para a vida produtiva das cidades. Quando a isso acrescentarmos as fortunas herdadas por jovens que emigraram para as zonas urbanas, verificaremos que um quinto de toda a renda nacional rural é canalizada das fazendas para as cidades. Por outro lado, a natalidade nas fazendas é de 50 por cento mais elevada do que aquela que seria necessária para que houvesse equilíbrio

com os meios de subsistência; mesmo na população que aí permanece, a metade necessita de arranjar empregos fora das fainas de produção agrícola.

Esse contínuo fluxo da população entre as duas áreas, a urbana e a rural, demonstra que a zona rural não pode, sòzinha, fazer face às despesas de educação dos jovens, uma vez que metade dêles irá viver e produzir nas cidades. A renda "per capita" da população rural é, geralmente, a metade da da parte restante da população. As mulheres que residem nas fazendas constituem dois décimos das mulheres de tôda a nação, e, no entanto, dão ao país três décimos do total de nascimentos, só dispendo de um décimo da renda nacional. Os fundos estaduais devem, portanto, suprir as taxas locais para a manutenção das escolas públicas.

Os maiores índices de natalidade e os maiores movimentos migratórios dão-se nas mais pobres regiões rurais das montanhas Apalaches meridionais, nas plantações de algodão no sul e no oeste, nas regiões vizinhas aos Grandes Lagos, e em certos pontos das Grandes Planícies, onde as chuvas são escassas. Sòmente quando o orçamento federal destinar uma justa parcela para a educação, poderá haver igualdade de oportunidades para todos. Só assim será realidade, nos Estados Unidos, o princípio dessa igualdade, em bases eficientes.

Renda agrícola

A renda total da zona agrícola nos Estados Unidos era, em 1940, pouco mais de \$11.000.000.000 (onze bilhões de dólares.) ou sejam \$1.807 (mil oitocentos e sete dólares) por propriedade. Essa média não evidencia a extensão da escala de variação das rendas. Certas propriedades têm uma renda várias vêzes superior à quantia representada pela média referida; outras, ao contrário, situadas em áreas pouco privilegiadas, não produzem nem mesmo o suficiente para a alimentação e vestiário de seus habitantes, dentro das boas condições de conservação da saúde. Estimativa feita em 1929 indicava que 89 por cento da produção agrícola provinham, em pouco mais de metade, de pequenas fazendas. O total tem oscilado de ano para ano. Em 1929, os agricultores receberam 9 por cento da renda nacional; no entretanto, tinham a responsabilidade de 31 por cento das crianças do país entre as idades de 5 e 17 anos. Para cada dólar despendido com as crianças da zona ru-

ral dispendem-se \$4.44 com as crianças da cidade. Essa situação varia com as regiões. Os agricultores do sudeste, que têm de cuidar de 13.42 por cento das crianças de toda a nação, dispõem apenas de 2.21 por cento da renda nacional; enquanto, no nordeste, as populações não rurais, com apenas um número de crianças duas vezes maior, dispõem de 42 por cento da renda total dos Estados Unidos.

É evidente que os distritos escolares locais não possuem recursos suficientes para estabelecer um sistema educacional que ofereça igualdade de oportunidades para todos. O Estado, portanto, deve suprir as dotações locais, distribuindo auxílio financeiro de acordo com a população e as necessidades de cada distrito. Mas a ação supletiva dos Estados não pode neutralizar as profundas diferenças existentes, quer entre êles, quer mesmo entre as diferentes zonas de cada um. Faz-se mister o auxílio federal até que se tenha resolvido o problema básico de dar ao agricultor remuneração igual à que se dá aos que se dedicam a outras profissões, com o mesmo emprego de capital, os mesmos esforços e capacidade.

Tipos de propriedades agrícola

A agricultura e a base econômica da vida rural dos Estados Unidos. Dela dependem para subsistência as populações, quer urbanas, quer rurais. O tipo de propriedade é o principal fator na determinação da forma sociológica da comunidade, da densidade da população, do padrão de vida e até dos hábitos e atitudes dos habitantes. A complexidade dos problemas educacionais rurais deriva das profundas diferenças entre as zonas agrícolas, que exigem diversidade de matéria a ser ensinada, diferentes meios de transporte para que as crianças possam ir à escola, várias modalidades de organização de distritos escolares, assim como de administração financeira.

As propriedades rurais diferem grandemente, de uma para outra região de Estado para Estado e até dentro de um mesmo distrito. O tipo de agricultura resulta do clima, temperatura, incidência das chuvas, topografia do solo e mercado da região. A produção principal da propriedade pode ser gado, cereais, frutas, vegetais, morangos, laticínios. avicultura, algodão, com infinita variedade dentro de cada uma dessas divisões. Há as grandes plantações de algodão no Sul; os grandes ranchos de gado nas montanhas e planícies do Oeste; os grandes

campo de trigo nas zonas secas; as fazendas pequenas do Nordeste, nas zonas de irrigação, onde as frutas e legumes são plantados intensivamente; assim como as pequenas propriedades, dos Estados da planície. conhecidas como o celeiro do país, por produzirem cereais e criarem aves e gado.

As propriedade variam também quanto à maneira de utilizar a produção. Há fazendas que só produzem para o consumo do fazendeiro e de sua família. Outras produzem para o mercado. Estas vão de pequenas organizações até grandes corporações de fazendas denominadas "usinas dos campos". A oeste dos Montes Apalaches o governo federal dividiu a terra em milhas quadradas de 640 acres (1). cada uma. Esses quadrados foram sub-divididos em lotes capazes de produzir o suficiente para o sustento de uma família. Isso deu margem a uma nova forma de sociedade rural onde as famílias dos fazendeiros encontram-se espalhadas no campo em lugar de estarem concentradas em vilas, como acontece na Europa; a vida da família viu-se assim modificada, tendo diminuído muito o número de contatos humanos, assim como surgido dificuldades quanto à questão escolar no que diz respeito ao tipo de escola conveniente, e às possibilidades de frequência assídua por parte dos alunos.

Número e tamanho

Segundo o censo de 1940, há 6.096.799 propriedades rurais avaliadas em trinta e três e meio bilhões de dólares, e que cobrem uma área de 1.060.852.000 acres, ou seja mais que metade da superfície total dos Estados Unidos. O tamanho médio dessas propriedades é de 174 acres, o que representa a maior média que já se obteve desde 1850 e mostra aumento de 17 acres sobre a média obtida em 1930. Cinquenta e nove por cento das propriedades estão abaixo de 100 acres, e 37 por cento cobrem área que vai de 100 a 500 acres. Somente 5 por cento excedem dessa área. Isso indica que há tendência em fazer crescer o número das propriedades muito pequenas, como, por outro lado, em fazer crescer o número das grandes propriedades.

(1) Um acre tem cerca de quatro décimos de um hectare.

Propriedade e arrendamento

Sessenta e um por cento das propriedades são dirigidas por seus próprios proprietários; 39 por cento, por arrendatários. Aproximadamente um terço de proprietários tem também empregos fora das fazendas; o tempo que a esses empregos destinam perfaz um total de 137 dias por ano. Isso indica a tendência de se combinarem os trabalhos do campo aos da indústria, tendência que se vem acentuando com o desenvolvimento da força elétrica e conseqüente descentralização industrial. Esses empregos parciais têm a vantagem de pôr dinheiro em espécie ao alcance imediato do camponês, o que contribui para levantar-lhe o nível de vida. Mas é preciso que a escola prepare tais indivíduos de modo que possam ser eficientes, quer na vida do campo, quer nos trabalhos de indústria, aos quais dedicam parte de seu tempo.

A proporção das propriedades dirigidas por arrendatários durante os últimos sessenta anos elevou-se de 25 a 39 por cento, sendo que, na Nova Inglaterra, por exemplo, a proporção é apenas de 7,4, ao passo que nos Estados centrais do sul a cifra sobe a mais de 50 por cento. Essa proporção varia de 6 por cento em New Hampshire a 66 por cento no Mississippi. A natureza do arrendamento varia muito também, indo desde o pequeno grupo que explora em conjunto um lote de terra, tirando dela apenas o suficiente para se manter, nem sempre em boas condições, até o jovem que trabalha e dirige a fazenda que um dia herdará de seu pai. Muitos são antigos proprietários que perderam suas fazendas durante o período de depressão e que nelas continuam a título de locatários.

Os rendeiros transferem-se freqüentemente de uma fazenda para outra, mudando, assim, de um para outro distrito escolar. A percentagem das que têm água corrente, automóveis, rádios, luz elétrica, calefação central e outras comodidades é pequena. Em geral, também, esses locatários têm poucas organizações com finalidades sociais, e nelas não se mantêm por muito tempo. As crianças ressentem-se dessa instabilidade que as faz mudar freqüentemente de escola; não se apegam à vida de uma comunidade e ao seu futuro.

Conservação do solo

A conservação dos recursos naturais do solo é a principal preocupação da educação rural. A população e a vida de cada comunidade é, em

grande parte, determinada pelo tipo e utilização dos recursos econômicos com que se mantêm. Quando as minas se esgotam, as comunidades e, por conseqüência, as escolas, entram em decadência, a menos que medidas enérgicas ponham côbro a essa situação. Quando as florestas de madeira de construção se esgotam, as comunidades que delas vinham tirando sua subsistência desaparecem; também quando a fertilidade do solo diminui a comunidade se empobrece, os fundos escolares decrescem, menor número de crianças freqüentam escolas. O esgotamento do solo tem sido, nestes últimos 150 anos, um dos graves problemas dos Estados Unidos. A fixação da agricultura e do tipo de civilização, que determina dependerá em grande escala da capacidade de conservar o solo. Processos inadequados de cultura, assim como a má utilização do solo, permitiram que a água e o vento arruinassem grandes áreas. Segundo estimativas autorizadas, uma superfície de 35.000.000 acres está completamente destruída; outra, de 125.000.000 já teve a primeira camada do solo arruinada; mais de 100.000.000 de acres estão em via de destruição.

Nesses últimos doze anos grande progresso tem sido realizado, nesse sentido, por iniciativa do govêrno federal. A escola tem se esforçado em fazer ver às crianças a importância da conservação dos recursos naturais do país e procurado ensinar-lhes métodos apropriados para êsse fim. Cento e setenta e oito institutos de formação de professôres incluem em seus programas cursos de "conservação"; folhetos sôbre o assunto podem ser obtidos em várias fontes, entre outras, por exemplo, o *United States Office of Education*. As escolas locais incluem essa matéria como parte regular do seu programa, e têm cooperado dêsse modo no movimento em prol da conservação dos recursos naturais.

Mobilidade da população rural

Um dos mais importantes aspectos a considerar, na população rural, é a tendência, que se vem desenvolvendo desde o comêço do século. ao sentido da fixação da comunidade rural em vilas. Havia uma forte barreira que separava a cidade do campo; essa barreira foi a pouco e pouco desaparecendo pela introdução do automóvel, das estradas de rodagem, da entrega gratuita de correspondência, do telefone e do rádio. Outrora os lavradores iam muito pouco à cidade, faziam-no só a

negócio e, quando nela entravam, consideravam-se sempre em terreno estranho. Hoje, a população dos arredores toma realmente parte na vida da cidade: freqüenta suas igrejas, pertence a suas instituições, vai aprender em suas escolas. Em geral, a metade das crianças matriculadas nas escolas das vilas, ou de pequenas cidades, mora em fazendas circunvizinhas. Pesquisa feita em Wisconsin demonstrou que a população rural tem mais contatos com seus semelhantes através das organizações das vilas, do que com seus vizinhos moradores no campo. Certas organizações locais acabam por solidificar-se e expandir-se, mas muito mais lentamente do que as das cidades ou vilas.

As igrejas e outros órgãos da comunidade têm reagido muito mais prontamente a essa situação do que a escola, a qual, freqüentemente tem mantido seu tipo de escola pequena, com uma só professôra, a despeito de tôda a vida rural ter sido atraída para a vila. A escola secundária rural tem representado, porém, importante fator na afirmação da vila, ou da cidade, como centro da vida comunal. Metade dos alunos matriculados vem das fazendas. O ideal seria estar a escola a serviço da vida social de cada comunidade. Esta pode ser uma cidade; pode ser uma vila, que compreenda tôda a população circunvizinha, que a freqüenta, nela desenvolvendo suas atividades comerciais ou sociais. O aumento progressivo das populações das cidades e vilas, com menos de 2.500 habitantes, tem consolidado essa posição de centro da comunidade rural, a despeito do decréscimo da população das propriedades rurais pròpriamente ditas.

Serviços sociais

Um dos problemas da zona rural é a sua premente necessidade de maiores e melhores serviços educacionais e sociais. O pioneiro contentava-se com uma escola elementar que ensinasse a "ler, escrever e contar". Já a geração seguinte exigia uma escola secundária, preparatória para a universidade. Hoje, a população rural quer um currículo mais vasto, que não sòmente dê o domínio das técnicas fundamentais mas prepare cidadãos inteligentes, desenvolva-lhes os interêsses profissionais e cuide também da saúde, sem desprezar a música, as artes, a economia doméstica, bem como assuntos correlatos. Os serviços sociais são também de grande importância para a vida rural.

Facilidades de ordem recreativa estão sendo introduzidas na vida rural através dos *conselhos* de condado (2), de serviços de extensão agrícola, de projetos da *Works Projects Administration*, ou de escolas públicas e outros órgãos.

Instituições como a *Farm Security Administration*, a *Social Security Agency*, o *CCC Camps* e a *Works Projects Administration* muito têm feito para aumentar o bem-estar social e profissional dos trabalhadores rurais, o que se tem progressivamente verificado nestes últimos dez anos. A *Farm Security Administration* tem fornecido crédito e conselhos educativos às famílias que dispõem de pequenas rendas; a *Social Security Agency* ocupa-se dos velhos dando-lhes mensalidades que os ajudem a viver e fornecendo-lhes tratamento e cuidados durante as doenças; os *CCC camps*, fundados durante a depressão, têm a finalidade de arranjar trabalho para jovens desempregados e preparar aqueles que careçam de maior preparação; e a *Works Projects Administration*, criada também na mesma época, tem por objetivo empregar por meio das obras públicas as pessoas sem trabalho.

Serviços de biblioteca também vêm sendo organizados nas zonas rurais, mais lentamente, porém, segundo os recursos locais e estaduais. Cerca de 72 por cento da população rural não gozam das vantagens de biblioteca, ao passo que apenas 34 por cento da população do país estão privadas de tais serviços. Os Estados de Nova Jersey e Califórnia abriram caminho na instalação de bibliotecas regionais; agora esse serviço já se acha organizado em mais de 37 Estados. É provável que, dos 3.085 condados dos Estados Unidos, 450 mantenham tais serviços, com orçamento equivalente a U. S. \$100.000 (cem mil dólares), ou mais, por ano. Uma biblioteca de condado tem geralmente o estabelecimento central e filiais nas escolas, nos lares, nas lojas, nas estações do corpo de bombeiros da localidade e nos salões de barbeiros. O bibliotecário do condado visita periodicamente essas filiais, com um caminhão que transporta livros; faz a distribuição de volumes novos, recolhe os que já não estão em estado de servir e orienta tecnicamente o serviço. Geralmente as bibliotecas de condado servem a todo o seu território. Há

(2) O condado (*county*) é uma subdivisão territorial dos Estados. Inicialmente, servia apenas à administração dos serviços da justiça, correspondendo na administração brasileira, ao que chamamos *comarcas*. Depois, tornou-se uma subdivisão para os serviços de educação, saúde, agricultura e ainda outros. Há, assim, conselhos, ou repartições de condado. (N. da R.)

casos também de bibliotecas que servem a vários condados, quando estes sejam muito pequenos.

Uma das necessidades mais prementes nas zonas rurais é a instalação de serviços modernos de saúde. Em 1939, menos de 40 por cento dos 2.453 condados tipicamente rurais dispunham de serviços de saúde, com funcionamento em tempo integral; somente 423 tinham hospitais oficialmente mantidos. Depois de declarada a guerra o número de médicos da zona rural tem diminuído constantemente devido às necessidades do Exército; em compensação, tem crescido o número de serviços organizados de saúde. No Estado de North Dakota, na década iniciada em 1930, havia apenas um médico para cada 4.000 pessoas das comunidades rurais, em contraste com a proporção de um, para 400 pessoas, nas cidades de mais de 10.000 habitantes.

RELAÇÕES DA ESCOLA COM A COMUNIDADE

Os educadores tornam-se cada vez mais convictos da necessidade premente que há de se desenvolverem intensas relações entre a escola e a comunidade. A vida social modifica-se rapidamente devido às forças econômicas e sociais, e a escola deve ajustar-se a situações novas e às novas necessidades educacionais. A escola pública há muito que ocupa lugar proeminente na sociedade rural. É o recurso pelo qual as novas gerações podem progredir na vida. Os edifícios das escolas servem, ao mesmo tempo, de sede a muitas das atividades da comunidade, e os professores são, em geral, os líderes em cada pequena povoação.

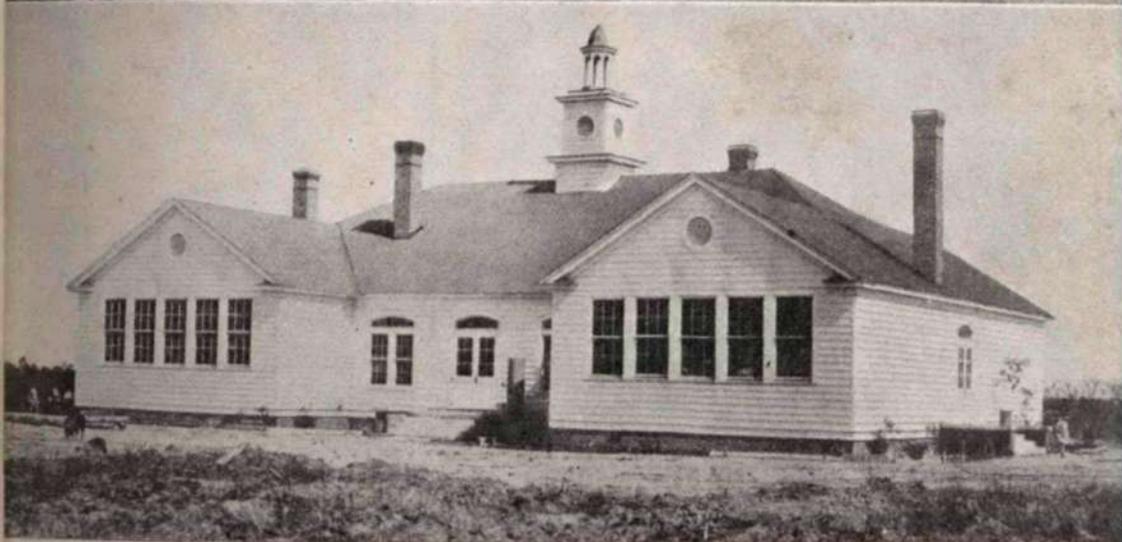
Legalmente, a escola se acha ligada a comunidade por meio do *conselho escolar*, composto de cidadãos eleitos pelo povo (3). As crianças, os pais e as atividades extra-escolares constituem outros tantos elementos de aproximação. A comunidade, por si mesma, oferece a observação de seus recursos naturais e de sua população, bem como o pessoal que toma parte em atividades sociais pelas quais também se educam as crianças.

(3) Salvo na Carolina do Norte, os serviços de educação nos Estados Unidos são administrados por órgãos locais, sob a forma de conselhos (*board of education*), ou comissões (*school committee*). Há conselhos para o distrito ou reunião de certo número de distritos; para cidades e para condados. (N. da R.).

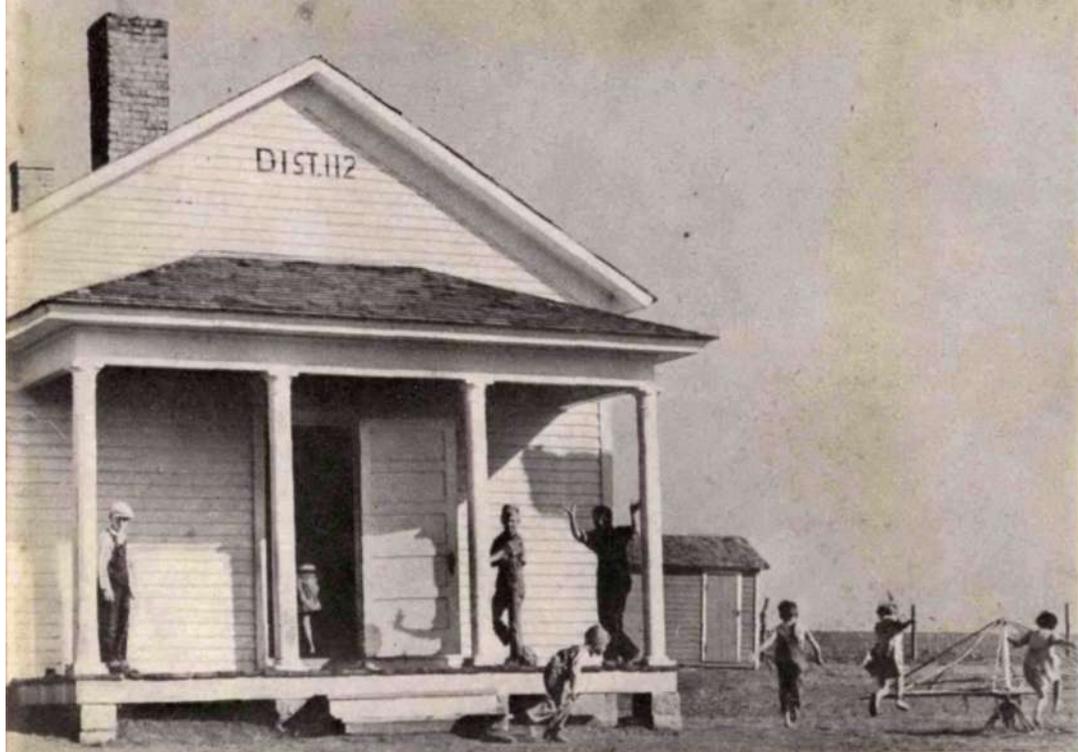
Muitas escolas rurais empenham-se em melhorar o próprio aspecto dos lugares onde tenham sede. A escola de uma povoação de 600 habitantes, numa das regiões das dunas da Carolina do Norte, empreendeu o estudo de embelezamento dessa povoação. Os terrenos da escola eram tristes e nus. Um plano de melhoramento foi desenvolvido pelo serviço de agricultura. Depressões foram aterradas e o terreno nivelado; árvores e arbustos foram trazidos de uma floresta próxima e plantados; surgiram também gramados, com espécies adequadas ao terreno arenoso. Todos colaboraram nessa obra: pais, professores e alunos. O plano obteve tanto êxito que duas igrejas e vinte residências particulares prepararam seus terrenos do mesmo modo.

A comunidade oferece aos alunos valiosas oportunidades de ordem profissional, pela possibilidade de trabalho semanal em cada uma das lojas, fábricas ou escritórios da localidade, sob a direção da escola. Essa experiência dá-lhes compreensão mais nítida em relação às profissões e seus próprios interesses do que o fariam os melhores livros. Eis o programa desenvolvido, nesse sentido, por uma escola secundária de menos de 70 alunos, no período de um ano: um hábil ferreiro, que possuía boas forjas e uma loja de máquinas, tomou dois alunos da escola secundária que se interessavam por este gênero de trabalho, durante duas horas por semana; uma grande loja, tomou outro aluno do décimo primeiro grau, que estudava comércio; a encarregada dos trabalhos sociais da comunidade instruía todos os sábados, pela manhã, uma aluna que mostrava disposição e gosto por esses assuntos; duas outras meninas estudavam enfermagem com a enfermeira do distrito; uma outra, que começava seu curso na escola de biblioteconomia, trabalhava na excelente biblioteca da comunidade, obtendo assim a prática necessária; muitas meninas desejavam tornar-se professoras: uma delas, que mostrava qualidades excepcionais, passava várias horas dedicando-se, com sucesso, ao ensino das crianças em classes primárias; dos dois meninos que pretendiam dedicar-se à medicina, um, além de qualidades mentais que justificavam essa pretensão, possuía também os necessários atributos pessoais; foi levado a trabalhar durante cinco dias da semana, das 7 da manhã às 8 da noite, no escritório o. na clínica de um médico local; uma artista ofereceu-se para ensinar a uma menina que revelava inclinações artísticas notáveis.

As escolas têm também contribuído para o melhoramento da saúde pública, estudando cuidadosamente os reservatórios de água e os



O ensino rural nos Estados Unidos — 1. Antiga escola isolada rural; 2. Escola Isolada rural de recente construção; 3. Grande escola rural, com numerosas classes, para ensino primário e secundário (Consolidated School) ; 4. Modernas escolas reunidas, com duas classes e residência dos professores.



O ensino rural nos Estados Unidos - 1. Velho edifício da escola isolada rural nas planícies do Estado de Nebraska; 2. Aspecto típico de Uma escola rural no Estado de North Dakota.

métodos de purificação, o destino dado ao lixo e os meios mais adequados para a prevenção das doenças contagiosas. Em uma comunidade, com alta taxa de mortalidade infantil e onde a língua falada não era o inglês, as meninas da escola secundária dedicaram-se ao estudo de puericultura, montaram na própria escola uma clínica para gestantes, e serviram de intérpretes entre as consulentes e os médicos e enfermeiras.

Muitos departamentos de agricultura das escolas secundárias levantaram o nível econômico da comunidade pela introdução de melhores processos agrícolas e de criação de animais. Nas fazendas dos pais, cada menino dispunha de certa porção de terreno onde plantava algodão ou milho; criava galinhas, ou mantinha uma vaca ou um porco, sempre com a adoção de métodos científicos nessa demonstração. Esses meninos integram-se, assim, numa grande organização nacional: a dos futuros agricultores do país. Organizaram cooperativas para vender seus produtos, examinar o leite das leiterias locais e ocupar-se das sementes de batata. Uma pequena escola secundária rural verificou que uma quarta parte da carne distribuída no condado estragava-se por causa de refrigeração imprópria; seus alunos lançaram por isso a idéia de uma cooperativa, com matadouro e frigorífico. Os alunos prepararam 50.000 libras de carne para a localidade. Quando os técnicos sugeriram a idéia de que o enlatamento aumentaria a renda anual dos fazendeiros em trezentos dólares, uma estamperia foi imediatamente instalada. Uma universidade levou a efeito uma série de experiências, a-fim de preparar material de leitura simples e ilustrado sobre assuntos tais como jardinagem, criação de cabras, de aves, enlatamento de carne de galinha, conservação de ovos, para ser usado nas escolas elementares dos distritos pobres. Não houve propriamente modificação alguma no currículo da escola; apenas esses livros substituíram outros, cujo conteúdo era inteiramente estranho à vida das crianças. Os interesses assim despertados e bem orientados elevaram o nível da vida em vários distritos. Em um deles uma interessante história sobre produção e conservação de ovos teve como consequência que oito famílias, a metade das de todo o distrito, criassem galinhas e conservassem ovos para o inverno.

Essas ilustrações mostram algumas das maneiras pelas quais os professores, os alunos e a comunidade têm cooperado na organização de um melhor sistema de vida. Tais esforços em comum criam sólidas

relações entre a sociedade e a escola. Mais do que isso, esse sistema prepara as crianças para exercerem mais tarde com eficiência os seus deveres de cidadãos.

ESCOLAS PRIMÁRIAS RURAIS

Mais da metade das crianças matriculadas em escolas primárias dos Estados Unidos freqüentam escolas rurais. Essas escolas são as que estão localizadas no campo, em lugarejos e vilas. Algumas situam-se nos vales de montanhas longínquas, no meio de florestas, ou em planícies isoladas. Outras encontram-se em ricas zonas agrícolas, ou perto de grandes cidades. Há também as que ficam em climas muito frios, onde a neve, elevando-se no inverno a muitos metros de altura, não permite que as aulas funcionem durante vários meses. Outras ainda estão no meio de florestas semi-tropicais. Umas acham-se à beira de grandes rodovias ao passo que outras são apenas servidas por atalhos. Essas regiões apresentam vários tipos de escola: a de um só professor, a de dois, as escolas reunidas, em pleno campo, ou nas povoações chamadas "de escola" (4). Algumas dão apenas curso elementar, mas os tipos que reúnem os oito anos elementares, e quatro de ensino secundário estão em aumento sensível. Pesquisa feita em 140 vilas, que têm a agricultura como base econômica, mostra que 29,2 por cento das crianças matriculadas em suas escolas elementares moram fora da vila. A proporção varia de 16,2 por cento nos Estados do Centro-oeste, para 45,4 por cento, no Sul.

Os últimos relatórios indicam que 33% das crianças matriculadas em escolas rurais elementares freqüentam escolas isoladas; 27 por cento, escolas reunidas, com três ou mais professores; 18 por cento, escolas agrupadas; 12 por cento, escolas de dois professores, e 10 por cento escolas em pleno campo com três ou mais professores. Nas áreas rurais, a escola elementar mantém, geralmente, curso de oito anos. Em alguns Estados, porém, conta apenas sete, e nas localidades onde exis-

(4) Graças aos serviços de transporte de alunos, perfeitamente organizados em vários Estados, como adiante se explica, há muitas vezes escolas de numerosas classes, em belos edifícios situados em pleno campo, sem habitações ao redor, ou situadas em insignificantes povoados, por isso chamados "de escola". A esses estabelecimentos dá-se o nome de *consolidated-schools*, ou seja, *escolas reunidas* ou *agrupadas*. (N. da R.).

tam escolas secundárias completas, ou, ao menos, o seu primeiro ciclo, as crianças deixam a escola elementar ao terminar o sexto ano. Houve nestes últimos anos movimento favorável à criação de jardins de infância anexos às escolas elementares rurais. Em 1935-36, somente 0,5 por cento das crianças de zonas rurais freqüentavam jardins de infância ao passo que o número dessas na cidade elevava-se agora a 6 por cento. Este índice varia muito de Estado para outro. Em Rhode Island, Maine, Connecticut e Michigan, mais de 50 por cento das crianças das zonas rurais na idade de 5 anos freqüentam jardins de infância. No extremo oposto, estão dezoito outros Estados, com menos de 2 por cento de suas crianças com cinco anos em tais instituições; e ainda outros dezoito, que não possuem jardins de infância na zona rural. É preciso esclarecer, porém, que em vários Estados as crianças entram para a escola elementar com cinco anos e ficam dois anos na primeira classe. Claro está que esta prática não é recomendável, e que há necessidade de organizar escolas com programas especiais para as crianças menores de seis anos.

Ano letivo

Nas escolas primárias das zonas rurais, e nas escolas de um só professor, o ano letivo é mais curto que nas zonas urbanas. Nestas, o ano escolar é, em regra, de 156 dias, enquanto nas rurais é de 136, ou seja um mês a menos. Mas a tendência é a de aumentar o período letivo. De 1926 a 1934, foi ele acrescido em 10 dias. A variação do ano escolar, nos vários Estados, pode ser compreendida pela maior e a menor extensão que apresenta: North Dakota, com 187,9 dias, e Mississippi, com 132,5 dias. Ambos esses Estados têm mais de 83 por cento de seu território em zonas rurais.

Escolas isoladas, seu número e matrícula

Há mais de 132.800 escolas nos Estados Unidos com um só professor, e, nelas, a matrícula se eleva a 2.700.000 alunos. Em 1934, a média de matrícula era de 23 alunos, para cada escola. Nos últimos trinta anos, tem havido sensível diminuição do número de escolas desse tipo. As facilidades provenientes dos sistemas modernos de transporte e a necessidade de uma educação mais completa fizeram que se ado-

tasse, sempre que possível, o sistema de reunir-se numa só organização, várias escolas isoladas. Durante os 20 anos que vão de 1916 a 1936, o número das escolas com um só professor diminuiu de um terço, ou seja, de 200.000 a 132.800, numa proporção de 1,7 por cento, em média por ano. Estimativas autorizadas indicam que quando se tiver terminado o programa de reunião ou agrupamento de escolas em todos os distritos onde a densidade de população, os meios de transporte e a organização geral o permitem, restarão apenas 75.000 escolas de um só professor em todo o país.

Essas escolas defrontam vários problemas que precisam ser resolvidos se se quiser dispensar eficiente educação às populações rurais. Em geral, são elas mantidas com recursos locais, insuficientes para sustentar uma boa escola. Os orçamentos escolares são pequenos; os professores, mal pagos; os prédios, inadequados; há falta de orientação pedagógica; o programa limita-se a dar aos alunos instrução nas matérias preparatórias para a escola secundária. Certamente, o maior problema é o de estarem essas escolas organizadas nos mesmos moldes das urbanas, sem se ajustarem de modo adequado ao ambiente rural. A escola isolada, ou, de um só professor, oferece, porém, a vantagem de estar em contato mais íntimo com o povo e -a localidade a que sirva.

Professores

O fator que mais concorre para o valor educacional do programa desse tipo de escola é, sem dúvida alguma, o professor. Ele acumula todos os deveres do mestre da classe com os encargos do diretor e dos demais membros do corpo docente. É responsável tanto pelo funcionamento da escola, como por sua articulação com a sociedade. Recente estudo sobre os professores rurais nos dá um bom flagrante deles ou, antes, *dessas professoras*, pois quase todas as docentes são mulheres. É geralmente uma moça solteira, com dois anos de escola superior e cinco anos de prática, ensinando há três, no seu posto atual. Recebe um salário de \$668 (seiscentos e sessenta e oito dólares) anuais e possui automóvel, que já pagou integralmente, ou está em vias de pagar. Não tem à sua disposição uma biblioteca pública com mais de 1.000 volumes, e talvez viva numa casa sem telefone, sem banheiro, eletricidade ou calefação central. Apenas dezesseis por cento dos professores em escolas rurais são homens, dos quais dez por cento completaram quatro

anos de escola superior; 27 por cento são casados, e 31 por cento são proprietários das casas onde moram, ao passo que 15 por cento estão ainda pagando esses lares. Cada um tem, em média, uma pessoa dependente.

Organização do currículo

A organização do currículo é das maiores responsabilidades e problemas da escola isolada ou de um só professor. Por muitos anos houve pouco ou nenhum esforço nesse sentido, e o resultado era o caos. Para remediar essa situação foi adotado o currículo da escola primária urbana de oito anos, com cinco ou seis materiais em cada um. Isso levava um só professor a ensinar a três ou quatro classes num dia, mesmo que algumas delas tivessem apenas um só aluno. Algumas trabalhavam, ou ainda trabalham, sob a direção direta do mestre apenas por dez ou quinze minutos por dia, o que não representa senão mera formalidade. Vários planos foram estudados a fim de que se modificasse essa situação por assim dizer mecânica em situação mais real, a ser dominada por um só professor.

Um dos planos, foi o da *combinação e alternância dos anos*, já empregado em 30 Estados, com resultados francamente favoráveis. Segundo esse plano, recomenda-se a fusão do quarto e quinto anos, nos estudos de geografia e educação física; o programa do quarto ano é dado durante um período letivo, e o do quinto, no outro. Da mesma maneira, o sexto e sétimo anos acham-se combinados para o estudo de certas disciplinas. Em outros Estados, a combinação de anos e disciplinas é ainda maior. A aritmética é das matérias que geralmente não admitem esse sistema. Num Estado, porém, tem-se experimentado juntar o terceiro e quarto anos, o quinto e o sexto, e o sétimo e o oitavo. Noutro Estado, combinam-se todos os anos, acima do segundo para certas disciplinas; e o quinto, sexto, sétimo e oitavo em todas. Tais combinações reduzem o número de lições diárias, e aumentam-lhes a duração, sem eliminar contudo os defeitos da rigidez dos programas em relação aos anos escolares.

Outro plano é o da *coordenação de disciplinas*. Quando se ensina história ou geografia, aproveita-se para ensinar ao mesmo tempo o inglês, sem fazer deste disciplina especial.

Há um plano que aconselha a *integração ou fusão de disciplinas* afins em uma só disciplina, mais complexa. A experiência fêz-se primeiro com estudos sociais, história, geografia, organização governamental, economia e sociologia, organizados em torno de um problema social real, de modo que as crianças, pelo seu estudo, pudessem instruir-se. Assim é que foram desenvolvidos assuntos tais como "A Fazenda", "A Casa", e "A Comunidade". (5)

Um quarto plano, conhecido como "O Plano de Grupo", deu bons resultados nas escolas rurais de Nova Jersey. Esse plano permite rotação de três anos, estando cada ano organizado ao redor de um tema central com as disciplinas que devam ser ensinadas. Cada ano começa aproveitando as experiências reais e concretas da criança, elevando-se gradualmente a assuntos mais remotos no tempo e no espaço, com o desenvolvimento dos temas centrais: "O Lar e a Vida do Lar", "A Fazenda", "A Vida da Comunidade".

Esse plano teve grande êxito por estimular o interesse das crianças, articulando o programa com a vida social, assim como por fornecer aos alunos oportunidades para o domínio das técnicas fundamentais.

Experiência mais recente é a chamada da *escola integral*, ou do *projeto geral*. Como os nomes indicam, o trabalho deve interessar a toda a escola. Toda ela trabalhará no desenvolvimento de certos assuntos: um problema de saúde, uma feira escolar, laticínios, a migração dos pássaros. Às vezes, até os adultos do distrito unem-se às crianças. Todas as idades se misturam no planejar trabalhos, na divisão das responsabilidades, nas excursões e no relatório do que se haja feito. Individualmente, ou em grupos, os trabalhos prosseguem de acordo com o que tinha sido determinado. A professora deve ter o cuidado de ver se cada um recebe o trabalho que melhor o instrua nos pontos que reconheça serem mais necessários.

Embora esse tipo de organização não seja sempre possível, possui qualidades apreciáveis, uma das quais é a socialização. Recomenda-se que, pelo menos uma vez por ano, um projeto desses seja adotado em qualquer escola.

(5) Na prática, corresponde este plano ao ensino por "centros de interesse". (N. da R.)

Outros planos seriam relatados se o espaço o permitisse. Os que foram referidos, porém, dão idéia do que podem fazer o espírito inventivo e as oportunidades do ambiente, para ajustar o currículo às condições especiais apresentadas pela escola de um só professor, nos Estados Unidos.

A ESCOLA SECUNDÁRIA RURAL

As escolas secundárias só apareceram em cena muito tempo depois de bem estabelecido o ensino primário. Com efeito, em 1880 havia apenas 800 escolas secundárias nos Estados Unidos; somente depois da entrada deste século é que se tornaram mais generalizadas. Por volta de 1910, seu número já se elevava a 10.000; 25 anos mais tarde ultrapassavam 26.000. A rapidez com que se deu esse desenvolvimento é claramente indicada pela matrícula dos alunos, que dobrou em cada década no período de 1870 a 1930. Essa expansão fêz-se sentir fracamente, a princípio, na zona rural. Nos últimos dez anos, porém, intensificou-se aí também. Atualmente existem 17.600 escolas secundárias rurais, com matrícula de mais de 2.200.000 alunos. Em geral, essas escolas são pequenas. Um quinto delas conta menos de 50 alunos e, em mais de metade, o número dos alunos não sobe a 100. Setenta e quatro por cento de todas as escolas secundárias dos Estados Unidos têm menos de 200 alunos por estabelecimento e, 82 por cento, menos de 300.

A escola secundária típica da zona rural tem cursos de 4 anos, que seguem a tradição acadêmica; isto é, dão maior atenção às disciplinas preparatórias para a universidade, sem levar em conta que, aproximadamente, dois terços dos alunos não seguirão estudos superiores. Como a escola primária foi organizada com oito anos, a escola secundária foi estabelecida com quatro. (6) Regra geral, esta pertencia a um regime de administração à parte, com o seu orçamento próprio, outro

(6) Dois planos existem no *ensino comum* dos Estados Unidos: o plano 8 + 4, isto é, de oito anos de curso primário e quatro de secundário; e o plano 6 + 3 + 3, isto é, de seis anos de curso primário, e seis de secundário, dividido este em dois ciclos de três anos cada um, a *júnior high-school* e a *sênior high-school*. O plano 6 + 3 + 3 é o mais disseminado, salvo nas zonas rurais. (N. da R.)

conselho de educação e outro corpo docente. Essa situação criou entre as duas escolas uma barreira, responsável por muitas lacunas. Para remediá-la, aconselhou-se a introdução da *júnior high school*. Mas, nas comunidades pequenas, a criação da *júnior high school* complica o problema administrativo. Parece que o melhor tipo de organização para as áreas rurais é o tipo da escola secundária de seis anos, indo do grau 7 ao 12; ou, então, a escola com 12 anos seguidos, no mesmo prédio, com uma só direção, em seqüência ininterrupta.

A escola secundária de pequenas proporções tem sido alvo de muitas críticas. Por vezes se tem tido a falsa impressão de que os defeitos notados nesse tipo de escola possam ser corrigidos pela imitação do que se passe nas grandes escolas urbanas. A escola secundária rural, mesmo que sirva a vários distritos, será sempre pequena, não podendo atingir a proporção dos grandes estabelecimentos dedicados a este mesmo grau de educação na cidade. Portanto, todas as medidas que resultarem em aperfeiçoamento do tipo rural devem ser as de ajustamento ao meio e às suas necessidades específicas, tendo em vista que o progresso deve ser o da qualidade do ensino. Para isso, será necessário que a escola disponha de sólidos recursos para sua manutenção, de boa administração, assim como de eficiente serviço de inspeção e orientação.

Dois importantes pontos devem receber especial atenção em qualquer tentativa de enriquecimento das oportunidades educacionais oferecidas pela escola secundária rural: a pequena quantidade de alunos que cabe a cada professor, e a grande despesa para preparação profissional dos professores para cada disciplina. Ora, é aceito, em geral, o princípio de que, para maior eficiência do ensino (resultante de um ajustamento mais completo do currículo às múltiplas e variadas necessidades do aluno), necessário será acrescentar-se disciplinas ao programa, a serem ensinadas em turmas especiais para cada uma, com período de aulas regulares durante a semana. E isso, é claro, sem se levar em conta o total dos alunos em cada classe. Por outras palavras, uma classe de quatro alunos terá tantas aulas por semana quanto outras de quarenta. Nessa base, as escolas secundárias, com menos de 80 alunos, terão duas vezes menos alunos por professor do que as de 500 alunos. O preço por aluno, será, assim, muito mais alto. Aumentando-se o número de disciplinas por professor, acontecerá que muitos deles deverão ensinar assuntos muitos diversos, como inglês, matemática, ciên-

cias e línguas estrangeiras, sem, que realmente sejam especialistas em cada um desses assuntos. Fica, portanto, muito claro que medidas que visem o enriquecimento do curso, não podem diminuir o número de alunos por professor; nem podem sobrecarregar a preparação profissional de cada mestre, exigindo-lhe estudos de várias matérias não correlatas. Veremos o que se tem feito nesse sentido, nas pequenas escolas secundárias rurais, e quais os resultados práticos.

A comunidade como centro da escola

A eficiência da pequena escola quanto aos serviços que possa prestar à comunidade já foi demonstrada. Seu reduzido tamanho torna mais sólidas as relações entre o professorado e os alunos. Vivendo em mais estreito contato com os estudantes, os professores adquirem profundo conhecimento de suas capacidades, necessidades e interesses, bem como da sua vida na comunidade. Há mais oportunidades de contatos sociais e, portanto, conhecimento recíproco mais intenso. Algumas escolas secundárias rurais rebelaram-se contra a estreiteza do currículo exclusivamente acadêmico, mas caíram no extremo oposto, limitando-se à preparação para o trabalho agrícola. Isso, longe de resolver o problema, veio agravá-lo, pois o ensino assim ministrado só serve a uma minoria, e ainda para esta, com o prejuízo de não receber o treino de cidadania essencial a qualquer, seja qual for a profissão a que se destine. O melhor fazendeiro não poderá ser um bom cidadão se sua ambição limitar-se a ganhar bastante dinheiro para adquirir toda a terra em volta de sua fazenda. É preciso que compreenda o sentido da vida de família, e de comunidade e suas responsabilidades sociais.

A escola secundária rural cabe a complicada tarefa de educar tanto os jovens que se destinem à vida do campo, como os que venham a emigrar dentro de pouco tempo para a cidade, e ainda os que tenham ingresso futuro nas universidades. O currículo deve estar à altura dessa tripla responsabilidade, de modo que, por meio dele, os alunos aprendam o trabalho em cooperação, compreendam a comunidade e participem na solução de seus problemas. O currículo deve, pois, originar-se das necessidades e interesses da comunidade a que serve, crescendo até à compreensão do Estado, da Nação e do Mundo.

Professores ambulantes e por horas

O desenvolvimento de estradas de rodagem e automóveis aumentou, rapidamente, o emprego de *professores ambulantes*, resolvendo, assim, um dos problemas das zonas rurais. Em vez de transportar os alunos todos a um centro comum, há professores especiais que vão, regularmente, de uma escola a outra, ensinando as crianças e orientando os *professores residentes* na solução dos problemas especiais. Em geral, são as disciplinas novas do currículo que exigem maior trabalho por parte desses professores: agricultura moderna, economia doméstica, música, arte, educação física e higiene. Também as disciplinas menos relacionadas com a vida da comunidade, como línguas estrangeiras e alta matemática, beneficiam-se com esse recurso. O Estado da Pennsylvania tem professores ambulantes de agricultura moderna, em 20 condados; de economia doméstica, em 12; e de música, também em 12. Um só professor de agricultura moderna pode ensinar a 170 alunos, dando aulas em oito diferentes pontos dentro do mesmo condado, em uma semana. Em um dos casos dois professores, um de agricultura e outra de economia doméstica, viviam entre duas comunidades e desse modo resolveram o problema da distância: passavam a metade do dia em cada escola; o professor ensinava agricultura aos meninos, enquanto a professora se ocupava das meninas em aulas de economia doméstica.

O Estado de Wisconsin oferece grande variedade de cursos profissionais, incluindo alguns para adultos, por intermédio de professores ambulantes. Uma escola secundária da Califórnia, por esse meio, mantém seis cursos de artes manuais em seis escolas rurais dos arredores. Cada escola fornece uma oficina com bancos, e o professor transporta num caminhão especial os instrumentos necessários. De seis em seis semanas, há um rodízio de todo o material de ensino, assim como dos cursos entre as escolas do grupo. Torna-se importante que a contribuição do professor ambulante para cada escola seja bem compreendida e que seu programa seja cuidadosamente planejado e organizado, como acontece com o curso de música num dos condados de Ohio. O salário dos professores é pago pelas escolas que contratam seus serviços, na proporção do tempo dispendido em cada uma. O programa inclui o ensino e orientação de música, com aulas práticas dos instrumentos da orquestra, assim como da direção da orquestra no seu conjunto. Há cinco escolas numa zona, e quatro, na outra. Um professor ensina violino e orienta o ensino de música de toda a escola primária; outro en-

sina instrumentos de sopro, dirige a orquestra e os clubes de música de todas as nove escolas. Cada professor passa meio dia em cada escola, trabalhando em duas escolas cada dia.

Orientação de estudos por meio de correspondência

Este sistema começou em 1923 numa escola secundária em Benton Harbor, no estado de Michigan. O diretor dessa escola verificou que a correspondência era meio eficiente de ensinar desenho mecânico a um pequeno grupo de alunos. Hoje, mais de um terço dos alunos matriculados nessa escola tomam regularmente um curso de correspondência por ano, sob a inspeção de um dos professores locais. Isso permitiu enriquecer o currículo com 400 cursos, que se acham agora ao alcance dos alunos, e que vieram preencher lacunas quanto às necessidades individuais. Alguns deles são: contabilidade, publicidade, condicionamento de ar, álgebra, mecânica, motores de aviação, de automóveis, fotografia, comércio, caricatura, química, serviço público, artes comerciais, desenho de modelos, eletricidade, inglês, francês, fruticultura, engenharia de estradas, horticultura paisagista, navegação, direção de casas comerciais, enfermagem prática, rádio, telegrafia, datilografia, soldagem. Esses cursos podem ser obtidos em escolas de correspondência particulares, universidades e departamentos estaduais de educação. A escola fornece uma oficina experimental com motores de aviões e automóveis velhos e toda sorte de máquinas para que os alunos possam servir-se deles, à medida que os estudos o requirem. A escolha do curso é feita sob a orientação de um especialista e de acordo com os interesses e capacidade do aluno, sendo ouvida a opinião dos pais. O professor do centro de correspondência ministra o ensino técnico e corrige os exercícios e trabalhos escolares; um membro da escola guia e anima o estudante no prosseguimento de seus estudos.

A Universidade de Nebraska organizou um extenso programa de didática por correspondência servindo especialmente às escolas rurais secundárias do Estado. Outros Estados, principalmente os que contam com grande população rural, adotaram depois esse método. O custo por aluno, nesses cursos, é mais ou menos o mesmo que o de um aluno numa classe de 25. Por conseguinte, é meio prático e econômico de ministrar ensino individual ou a pequenos grupos, e os resultados obtidos auguram um brilhante futuro a esse método de enriquecimento do ensino rural.

Alternância de disciplinas

Há muitos anos que se vem adotando o sistema de alternância de disciplinas, principalmente, nos últimos anos da escola secundária. Usualmente, a alternância se faz em

o nono e décimo graus

constituem um desses ciclos, e o undécimo e décimo segundo, outro. Por exemplo, o nono e décimo graus tomam *Inglês I* num ano, e *Inglês II*, no outro. Assim, em vez de se oferecerem simultaneamente os dois cursos a dois grupos pequenos, cada um de per si, são eles oferecidos a grupos maiores em anos alternados. O trabalho do professor fica reduzido de metade. Em todas as escolas há sempre disciplinas que possam ser assim alternadas. Em escolas de menos de 100 alunos, é aconselhável a alternância de um bom número de disciplinas, pois o currículo ficará mais rico em extensão e profundidade. Muitos Estados, tendo em vista a transferência de alunos de uma escola para outra, adotaram programa desse tipo. O seguinte plano é adotado numa escola secundária com quatro anos de currículo, dois professores, menos de 50 alunos, e oito disciplinas diárias para cada professor:

ANOS PARES			
Grau 9	Grau 10	Grau 11	Grau 12
Inglês II	Inglês II	Inglês III	Inglês III
Ciências Sociais II	Ciências Sociais I	Ciências Sociais III	Ciências Sociais III
Linguagem II	Linguagem I	Ciências III	Ciências III
Matemática I	Matemática I	Matemática II	Matemática II
ANOS ÍMPARES			
Grau 9	Grau 10	Grau 11	Grau 12
Inglês I	Inglês I	Inglês IV	Inglês IV
Ciências Sociais I	Ciências Sociais II	Ciências Sociais IV	Ciências Sociais IV
Linguagem I	Linguagem II	Matemática III	Matemática III
Ciências I	Ciências I	Ciências II	Ciências II

O prédio da escola secundária rural

Em geral, o prédio da escola secundária é o mais importante e o mais belo do lugar. Além das salas de aula, dispõe sempre de laboratórios, oficinas e auditório. Acontece, porém, que muitas vezes é planejado

de fora para dentro em vez de o ser de dentro para fora. O arquiteto desenha a fachada, e o interior tem que se adaptar a ela, em vez de começar o projeto pelas salas necessárias ao programa educacional e depois preparar-lhe exterior harmonioso. A escola pequena tem, em regra, o defeito de copiar as grandes escolas da cidade onde se pode dispor de muito maior número de salas especiais. É preferível que a pequena tenha salas amplas que se prestem a várias atividades. Uma só peça bem arranjada pode servir às aulas de ciências e a vários cursos de trabalhos manuais, assim como ao ensino de outras disciplinas. O ginásio e o auditório podem acomodar-se num só recinto. Uma pesquisa acaba de demonstrar que a biblioteca é mais utilizada quando seu recinto sirva ao mesmo tempo de sala de estudo.

A escola secundária rural, por ser geralmente o edifício mais importante da localidade, pode abrigar também outros serviços, tais como clínicas de saúde, dentária, e até, às vezes, a biblioteca pública. O plano arquitetural deve levar em conta as várias atividades sociais que têm lugar na escola, como reuniões de fazendeiros, clubes da comunidade, a Cruz Vermelha, os Escoteiros, aulas de adultos, etc. Os campos de atletismo da escola podem ser também usados fora das horas escolares, durante as férias, e tanto pelos alunos como por adultos.

Desde a declaração da guerra as crianças das escolas da cidade, com devida assistência, vêm colaborando em plantações e na colheita. Tanto na Califórnia como em Maryland essas crianças têm sido alojadas nos prédios escolares rurais. Talvez se torne um hábito acolher nesses prédios as crianças da cidade para o período de férias e seria bom que arquitetos tivessem em conta essa possibilidade. O prédio escolar representa um grande emprego de capital e é justo que renda o máximo, ajustando-se a diversos usos.

Administração das escolas rurais

O caráter da administração das escolas rurais é determinado pelos princípios gerais de administração educacional nos Estados Unidos. Poderes delegados pelos Estados aos distritos, e que são em número superior a 125.000 tornam a estes responsáveis por quase toda a administração das escolas. Sendo o controle, portanto, de caráter democrático, traz consigo as vantagens e desvantagens características do sistema: se por um lado imprime grande variedade e flexibilidade, por outro acarreta

ineficiência e falta de programa nacional unificado. O modelo de pequeno distrito, que cresceu na Nova Inglaterra, foi levado para o Oeste pelos pioneiros e tornou-se comum nos Estados do centro-oeste (*Middle West*) e nos Estados das Planícies (*Plains States*). No Sul, é mais comum a unidade do condado, que se encontra também em outras regiões do país.

Muitos Estados têm um inspetor de condado que, ou é eleito pelo povo, ou nomeado pelo conselho local de educação, pelos representantes dos distritos locais ou pelos departamentos estaduais de educação. Há 3.400 desses funcionários administrativos nas zonas rurais, e perto de 1.000 inspetores de ensino.

Os departamentos estaduais de educação estão procurando centralizar cada vez mais a administração escolar. Ocupam-se principalmente das zonas rurais, porque estas não possuem, como acontece nas cidades, boa administração local. Sua ação varia segundo os Estados, sendo que, em alguns, é mais órgão consultivo a serviço dos distritos; em outros, imiscui-se no funcionamento escolar; e, quase sempre, é o responsável pela aplicação das leis e regulamentos estaduais referentes ao mínimo exigido para habilitação de professores, prédios, material, programas etc. Esses departamentos preparam programas e cursos, imprimem direção à formulação da política educacional estadual, orientam a iniciação de novos métodos e idéias. As responsabilidades dos departamentos crescem na razão direta do aumento dos orçamentos para a educação, e também devido à situação atual de guerra, que levou o Governo Federal a organizar programas nacionais que são levados às escolas por intermédio dos departamentos estaduais. Os chefes do sistema escolar estadual são responsáveis pela participação e colaboração na formulação da política educacional nacional e pela aplicação dessa política dentro de seus respectivos Estados. Trinta e dois dos 48 chefes escolares estaduais são eleitos pelo povo; 8 são nomeados pela comissão estadual de educação, e 8, diretamente pelo povo.

AGRUPAMENTO DAS ESCOLAS RURAIS

Nos primórdios da colonização dos Estados Unidos, pequenos grupos de pioneiros foram até às florestas e montanhas e, mais tarde, aos campos e planícies, onde fundaram minúsculas povoações. Cada uma delas organizou sua própria escola elementar com um professor. A fé

que os pioneiros depositavam na educação era tão grande e generalizada que, em breve, um sistema escolar se tinha estendido através do país, originado dessas pequenas povoações, cada uma com a sua unidade escolar. Foi um grande acontecimento na história da educação universal, e passo decisivo no sentido de igualdade de oportunidades para todos. Em grande escala, atingiu-se o ideal de pôr à disposição de cada criança uma escola para onde ela pudesse ir a pé, pois não ficavam a mais de duas milhas de cada lar. A distância da escola foi determinada pela capacidade de andar de uma criança normal de seis anos. Enquanto as necessidades eram limitadas ao conhecimento das técnicas fundamentais, ler, escrever e contar, esse tipo de escola serviu com eficiência aos pioneiros e aos seus filhos.

Com o desenvolvimento da nação, contudo, algumas de suas limitações tornaram-se evidentes. Tornou-se difícil levantar em cada comunidade os fundos necessários, obter professores competentes, orientar e fiscalizar o ensino, fornecer à escola e ao corpo docente material adequado, e construir prédios apropriados. Em consequência, os administradores escolares começaram muito cedo a trabalhar no sentido de reunirem, num só grande estabelecimento, várias pequenas unidades da mesma área geográfica. Já em 1837, Horace Mann, em Massachusetts, lutava para que os pequenos distritos escolares de cada cidade fossem reunidos em um só, e que as escolas de uma sala única fossem agrupadas numa escola maior. Conquanto desde o século XIX tivesse sido advogado o agrupamento das escolas, foi somente neste século que a idéia se pôs em prática. O processo tornou-se mais fácil pela compreensão da necessidade de se dispensar ao povo uma educação que não consistisse apenas em mera alfabetização, e, em parte, em consequência do maior emprego de automóveis e construção das grandes e modernas rodovias. Isso não impede que das 210.000 escolas rurais ainda 132.800 tenham apenas um professor. Tais escolas, cuja frequência muitas vezes não é superior a dez alunos, são caras e a educação aí ministrada nem sempre é muito eficiente.

Aceleração do movimento de reunião das escolas

Durante os primeiros anos do século XX, a expansão das escolas secundárias, por todo o país, e, mais tarde, o espantoso desenvolvimento da indústria do automóvel, que se seguiu à guerra de 1914, constituíram fatores que vieram aumentar, rapidamente, o movimento de reunião das

escolas rurais. Essas cresceram, num período de vinte anos, de 5.000 a 17.500. As escolas rurais originais não se achavam aparelhadas para se desdobrarem também em secundárias e uma alternativa se impunha: ou reorganização da escola, ou a criação de distritos especiais para o ensino secundário. Infelizmente, em vários Estados foi essa a fórmula que prevaleceu; ou então, os alunos tiveram que ser mandados para estudos secundários em outros distritos escolares, como se deu em Wisconsin, onde menos de um quarto da área total tem escolas secundárias, o que obriga a freqüência fora de seus próprios distritos. Torna-se, pois, imprescindível a reunião de escolas, que ofereçam os doze anos de ensino primário e secundário, para que as populações vizinhas possam gozar de um bom serviço de educação. Esse movimento que se iniciou rapidamente, em princípios do século XX, e que atingiu o apogeu durante os anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, manteve-se durante muito tempo numa progressão que culminou na reunião de sete escolas por dia, para depois cessasse quase que completamente nos dias de depressão que se deram por volta de 1930. Veio a tomar novo impulso nesses últimos anos, estimulado pelo auxílio financeiro dos Estados que votaram verbas especiais para construção de prédios escolares apropriados. A atual guerra, que determinou o racionamento de gasolina, dos pneumáticos e de outros materiais indispensáveis à indústria bélica, veio mais uma vez entrar o movimento que se processa, deixando-nos, contudo, a esperança de vê-lo reorganizar-se depois da paz e ajustar-se às novas condições da vida rural auxiliado por fundos federais que se destinem à construção de prédios.

Razões que impedem o agrupamento de escolas

Torna-se conveniente analisar os fatores que retardaram o movimento, no passado, para que se possa, com conhecimento da questão, lançar as bases de um sólido programa para o futuro. Em primeiro lugar, encontra-se a resistência da população rural em receber a inovação que, por mais de 100 anos, vinha sendo pregada pelos líderes educacionais. Essa resistência foi devida a várias causas: relutância em abandonar a escola pequena na imediata vizinhança, e sob o controle direto dos habitantes da pequena localidade; falta de conhecimento quanto às reais vantagens da escola agrupada; receio de taxas mais elevadas, pois, em geral, as grandes escolas exigem maiores despesas e, portanto, o povo vê aumentados seus impostos. O que não é, no entanto, bem compre-

(lido pela população é o fato de que a escola agrupada, por si só, não ficaria mais cara se não fossem melhoradas as condições educacionais; calcula-se segundo um estudo feito em 223 condados que o custo médio diminuiria de 7,8 por cento nas escolas agrupadas se não se alterasse a forma de educação. Em 68 por cento dos casos estudados, o custo desceria de 1.6 a 14 por cento. Não haveria, portanto, aumento de despesa se os professores não fossem mais bem pagos, os edificios não fossem mais apropriados e o currículo expandido e enriquecido. Cumpre, portanto, esclarecer a população quanto ao maior rendimento que retiram da educação assim aperfeiçoada, para justificar o aumento das taxas.

Uma das causas que muito prejudicaram o movimento de agrupamento de escolas foi a falta de planejamento prévio, de modo que muitas unidades assim reunidas, sob entusiástico impulso, mas sem organização cuidadosa, apresentaram defeitos graves que deram margem a críticas. A maneira de agrupar as escolas é de vital importância. Tudo deve ser cuidadosamente planejado, nada deixado ao acaso. Às vezes, por exemplo, crianças realmente pertencentes à comunidade, mas vivendo em terras extremamente pobres, cujos habitantes não podiam pagar taxas, foram excluídas da escola; outras vezes, o custo do prédio foi tão alto e o povo já tão fortemente taxado, que não houve possibilidades de se obter o dinheiro necessário para pagar, devidamente, aos professores e fazer face às muitas necessidades do funcionamento escolar, sem mesmo falar no enriquecimento do currículo. Houve, também, escolas agrupadas que ofereceram apenas um currículo acadêmico, em comunidades onde insignificante minoria prossegue em seus estudos superiores. Muitos defeitos de organização foram devidos ao fato de não se ter levado em conta as perspectivas de população e a riqueza do distrito. Em Missouri, por exemplo, a população de mais de 70 por cento dos condados decresceu, ao mesmo tempo que a população geral do Estado crescia. As comunidades não são estáticas. Tanto suas populações como suas riquezas estão sujeitas a aumentar ou diminuir. A extinção dos recursos naturais como madeiras, minas, fertilidade do solo e outros, pode empobrecer de tal modo a população que essa não possa pagar os compromissos que assumiu para a construção do prédio escolar. Ele pode também tornar-se exageradamente grande para uma localidade cuja população diminua de modo contínuo. Alguns agrupamentos não levaram em conta o tipo social da população, que se viu, assim, prejudicada nas indispensáveis relações entre a escola e o meio. Todas essas falhas podem ser evitadas por um cuidadoso planejamento, entregue a técnicos.

Métodos de eficiente reorganização

Um programa de reorganização deve: 1) determinar o programa educacional necessário; 2) analisar os fatores econômicos e sociais ligados à reorganização; 3) estabelecer os princípios básicos de uma administração eficiente e democrática; 4) definir a frequência; 5) as unidades administrativas; 6) seguir métodos seguros no próprio processo de reorganização.

A primeira medida será determinar o programa educacional que mais convenha à localidade. A organização administrativa é apenas meio para atingir um fim; sua função única é oferecer educação apropriada; deve variar segundo os objetivos do programa educacional. Tudo precisa ser previamente estabelecido: o número de séries ou graus, a orientação, os serviços de saúde, trabalhos de oficina, transporte dos alunos, educação dos anormais, educação dos adultos, integração da escola à comunidade, serviços aos jovens da comunidade não matriculados na escola, ajustamento às diferenças e necessidades individuais. Apenas em parte, o programa educacional deverá atender aos requisitos fixados nas leis estaduais; antes de tudo deverá ajustar-se aos desejos e necessidades dos cidadãos da comunidade. Muito antes do trabalho inicial de planejamento, deve haver o seu estudo mediante discussões públicas para que se possa conhecer a vontade do povo; as discussões devem ser orientadas; toda a documentação necessária para o esclarecimento da população, inclusive dados sobre as necessidades educacionais da localidade e sobre possibilidades educacionais em distritos reconhecidamente progressistas, devem estar ao alcance de quem quiser consultá-los. O programa deve ser formulado pelas conclusões obtidas mediante tais discussões. O estudo da localidade e de suas possibilidades sociais e econômicas deve desenvolver-se paralelamente às discussões. São sempre importantes os seguintes pontos: população escolar presente e futura, segundo cuidadosas estimativas; recursos econômicos para a manutenção da escola; limites da comunidade sociológica; densidade da população; profissionais mais procurados pelos serviços da comunidade; custo da educação desejada.

A boa organização administrativa deverá atender a dois objetivos principais: eficiência e democracia. Uma estrutura eficiente deve ter capacidade para prover orientação competente e real e os elementos necessários ao desenvolvimento do trabalho escolar. Uma estrutura democrática deverá prover oportunidades ao público para tomar parte ativa

nos serviços da educação. A responsabilidade da educação, contudo, não pode caber a um único grupo social ou governamental. À unidade local cabem as funções que requerem, conhecimento íntimo dos alunos, professores e comunidade; à unidade maior (nos Estados Unidos, o condado) caberá encarregar-se da direção geral e inspeção, zona de ação de professores, serviços de saúde e biblioteca e financiamento geral das escolas: O Estado, finalmente, através de seus administradores, deve promover a coordenação estadual, determinar os mínimos exigidos e dar provimento às somas necessárias ao nivelamento de oportunidades educacionais.

Processo de reorganização

Alguns Estados conferem ao diretor do departamento de educação autoridade para decidir sobre os agrupamentos a serem feitos. Essa tendência tem sensivelmente aumentado. Em muitos Estados, contudo, a questão do agrupamento é decidida por votação dos habitantes dos diversos distritos, em eleições organizadas especialmente para esse fim. Em tais casos, a função do departamento estadual de educação será a de apresentar todas as informações e a documentação necessária ao esclarecimento da questão. O processo deve ser essencialmente democrático; isto é, os cidadãos devem estar a par dos fatos, com perfeito esclarecimento sobre a situação da nova escola e dos melhoramentos que lhes trará. A experiência tem demonstrado que grupos de cidadãos, convenientemente esclarecidos, são capazes de resolver seus problemas, de modo acertado, sem perturbar os padrões previamente estabelecidos pelo Estado. A reorganização deve ser consequência dos estudos de vários anos e, não, consequência de uma campanha feita às pressas antes da decisão final.

TRANSPORTES ESCOLARES

Foi em Massachusetts, em 1869, que o transporte dos alunos tornou-se, pela primeira vez, serviço oficial. Até o uso generalizado dos veículos motores, o transporte dos alunos rurais fazia-se em número insignificante. Nos quarenta e cinco anos que precederam 1940, o número de veículos a motor registrados subiu de quatro a mais de trinta milhões. Nos dez anos, que se seguiram a 1920, a rápida expansão no emprego

de toda espécie de veículos a motor teve como resultado, na década seguinte, acréscimo considerável no número dos ônibus escolares, cujo número foi triplicado. É interessante notar que o número de ônibus e o custo do transporte aumentaram mais rapidamente do que o número de crianças transportadas ou de milhas percorridas. Por volta de 1940, 93.000 ônibus escolares transportavam perto de 4.000.000 de crianças, sobre 1.017.056 milhas, com a despesa anual de \$61.032.340. Mais de 90 por cento das crianças transportadas viviam em zonas rurais.

A proporção das crianças transportadas varia enormemente entre os 48 Estados. Um transporta 2.123 crianças, enquanto outro, 306.963. Essas grandes variações são, em parte, devidas ao tamanho do Estado, suas condições geográficas e climáticas, sua densidade de população e extensão do desenvolvimento de suas rodovias.

Seleção e treino dos motoristas

Na questão de transporte escolar, aspecto dos mais importantes é a segurança dos alunos. Os motoristas devem ser cuidadosamente selecionados, bem treinados e devidamente fiscalizados. Como os motoristas são utilizados pelas escolas somente durante quatro horas por dia, a maior parte deles também se dedica a outras ocupações. A guerra tem aumentado extraordinariamente o número de mulheres motoristas, uma vez que os homens são chamados para o serviço militar e indústrias de guerra. Como o motorista da escola é empregado de tempo parcial, torna-se necessário coordenar esse seu trabalho com outros. Discute-se, atualmente, a possibilidade de empregar, nesse serviço, estudantes que tenham o necessário preparo para a tarefa.

Trinta e oito Estados dispõem de leis e regulamentos sobre a seleção dos motoristas de ônibus escolares, com referências especiais às qualidades de caráter. A capacidade física é salientada por 27 Estados. Em uma conferência onde se encontravam representantes dos 48 departamentos de educação estaduais recomendou-se que os motoristas escolares fossem examinados quanto à saúde física e capacidade mental, por médicos designados pelas autoridades escolares.

O treino dos motoristas é fator importante na garantia da segurança dos alunos. Há cursos especiais para tal fim, em vários condados. São aí estudados: regulamentação estadual, métodos de segurança na di-

reção, cuidado com o carro, comportamento das crianças, relatórios e fichas, horários de ônibus escolares. Procede-se, atualmente, a um estudo nacional do assunto, mantido por fundos federais, e que visa preparar motoristas, à vista da crise determinada pelas exigências de guerra.

Comportamento dos alunos

O ônibus escolar oferece aos alunos situação de vida social inteiramente nova. Difere da que encontram nas aulas, no ginásio, nos parques infantis, ou outros lugares públicos, onde as normas de conduta estão claramente estabelecidas. As mesmas crianças andam de ônibus juntas, dia após dia, sem atividade especial alguma que as entretenha; recursos devem ser encontrados para que possam tirar daí relações sociais proveitosas. Tem-se verificado que os ônibus ocupam o segundo lugar entre todos os recintos onde se apresentem problemas disciplinares. A disposição dos assentos do veículo é considerada importante. Notou-se que a conduta dos alunos era melhor quando havia duas filas de lugares, dispostos dois a dois, enquanto a arrumação longitudinal de lugares, de cada lado do ônibus, provou ser a que menos resultados dava.

Torna-se indispensável a criação do sentimento de responsabilidade por parte dos alunos, para que mantenham atitude social, satisfatória. Isso tem sido conseguido por meio de estudos de métodos de garantia e segurança, colocando-se as crianças menores sob a responsabilidade das maiores e, às vezes, organizando-se clubes com crianças de cada ônibus. Atividades tais como cantar, ouvir rádio e outras, têm dado algum resultado. A organização das patrulhas de ônibus tem prestado muitos serviços. Dois estudantes, escolhidos entre os mais velhos, são designados para vigilância de cada ônibus. Seus deveres consistem em fiscalizar a saída e a entrada dos estudantes, ver que o ônibus não saia antes de estarem todos sentados, impedir que desçam com o carro em movimento, deixar a passagem desimpedida de livros, cestos e outros objetos, avisar os companheiros e instruí-los sobre leis de tráfego e segurança, relatar os casos de maior gravidade, descer do ônibus nas encruzilhadas e vigiar para ver se há trens na linha enquanto o carro a atravessa, e, de modo geral, auxiliar a todas as crianças em trânsito.

Itinerário dos ônibus

A eficiência da operação dos ônibus escolares depende largamente dos itinerários seguidos. O transporte torna-se caro e ineficiente quando os distritos escolares são demasiado pequenos para planejar bons itinerários, quando os ônibus tentam apanhar todas as crianças em suas portas, por pequena que seja a distância que as separe da escola, e quando ônibus de distritos adjacentes sirvam à mesma zona, havendo por conseguinte dualidade de serviço. Os itinerários devem ser planejados ao mesmo tempo para todas as escolas de uma grande área. E' necessário planejar-se o itinerário consultando um mapa da zona, com as rodovias, as casas das crianças, as escolas e a via a ser seguida. Essas informações e o conhecimento da capacidade dos ônibus permitirão a organização de um bom itinerário, que trará à escola seus alunos com um mínimo de esforço. É aconselhável não se submeter criança alguma a uma estadia de mais de quarenta e cinco minutos no ônibus; o máximo a tolerar é de uma hora.

A propriedade dos ônibus

Somente 37 por cento dos ônibus escolares são de propriedade dos distritos escolares. Os restantes são de propriedade de indivíduos ou corporações, que fazem, com os distritos, contratos para o transporte dos alunos. Cresce rapidamente a tendência de se tornarem os distritos escolares proprietários dos ônibus. A prática varia muito nesse particular, de um Estado para outro. Um contrata todos os ônibus escolares, outro possui 99 por cento dos que servem suas escolas. Quando pertencentes às escolas, os ônibus prestam mais serviços e tornam-se mais econômicos. Quatorze inquéritos demonstraram que a despesa dos ônibus de propriedade do distrito escolar é consideravelmente menor que a dos demais.

Compra de ônibus escolares

A compra de ônibus escolares faz-se, ordinariamente, por distritos. Em alguns Estados, o condado adquire os ônibus para todos os seus distritos; em outros, como o da Carolina do Norte, por exemplo, os ônibus são comprados pelo Estado, em concorrência pública. Em Alabama, o

Estado exerce apenas ação fiscalizadora e as compras são feitas em cooperação pelos condados. Até 1939, havia dualidade e conflitos nas leis estaduais, o que prejudicava seriamente os construtores e aumentava o custo de fabricação. Em 1939, essa situação desapareceu. Representantes de todos os Estados, depois de estudo do assunto, apresentaram modelos de ônibus escolar que foram mais tarde adotados pela maioria dos Estados, e, assim, pelos fabricantes. Esses modelos oriundos da conferência realizada no *Teachers College* da Universidade de Colúmbia tinham como objetivos principais de construção a segurança e a economia. Muitos tipos apresentados foram postos à margem por não possuírem suficientes garantias de segurança. Dessa maneira ficou grandemente reduzido o número de modelos que podiam ser fabricados. Uma das contribuições trazidas por essa conferência, no sentido da segurança, foi a adoção de uma cor distintiva e uniforme, em todo o país, para os ônibus escolares — *National School Bus Chrome* — o que torna o ônibus facilmente reconhecível em qualquer parte, e promove a observância dos regulamentos de segurança, por parte dos motoristas de outros veículos.

EDUCAÇÃO RURAL DE ADULTOS

O estímulo trazido pela depressão econômica desenvolveu grandemente a educação de adultos nas zonas rurais. Escolas, bibliotecas e outras organizações tiveram que admitir que a educação não termina com o ensino formal da escola, e que os adultos precisam ter oportunidades de estudar os problemas sociais, cívicos e econômicos.

O maior programa de educação de adultos é realizado pelo *Agricultura! and Home Demonstration Extension Service*, mantido por orçamento federal, estadual e do condado. Teve início em 1914, visando principalmente a produção agrícola. Hoje, porém, acha-se vitalmente ligado a todos os aspectos da vida econômica, profissional, cívica e social dos agricultores e de suas famílias. Além desses problemas de lavoura e economia doméstica, ocupa-se, também, do desenvolvimento de um programa de organizações necessárias à comunidade, algumas das quais de ordem recreativa, tais como teatro, música e arte. Três mil condados, nos Estados Unidos, agora se beneficiam desses serviços.

Noventa e seis por cento dos condados dispõem de um agrônomo, que trabalha em cooperação com os órgãos dos condados, e as organi-

zações agrícolas locais. Sessenta por cento dos condados, possuem agentes de demonstração que tratam dos problemas dos lares e das famílias. Esses agentes levam às fazendas as mais recentes inovações científicas sobre lavoura, administração agrícola e colocação dos produtos no mercado. Organizam conferências, encarregam-se da publicidade entre os fazendeiros, e dão consultas sobre problemas individuais.

A escola pública, nas zonas rurais, desenvolve importante programa de educação de adulto, conquanto esse aspecto de sua obra seja ainda reduzido, comparado ao que realiza na esfera da educação primária. O agrupamento das escolas e o uso dos meios de transporte modernos aumentaram consideravelmente o número e a variedade de cursos.

Por muito tempo, as atividades de educação dos adultos tinham por finalidade trabalhos escolares; hoje, a intenção é a de completar sua educação, de modo muito mais amplo. Para isso, grande variedade de cursos é oferecida nas zonas rurais, embora o número de cursos mantidos numa só escola seja limitado. Há maior freqüência, nos campos de agricultura profissional, e economia doméstica, que dispõem de orçamentos federais. Formam-se cursos sempre que um grupo de adultos requiera ensino em assuntos como cultivo do trigo, criação de aves, criação de gado, cultivo de frutas, puericultura, dietética, costura. Nesses casos, são sempre empregadas demonstrações práticas. Há fazendas que servem de centro para essas demonstrações. Especialistas das escolas superiores de agricultura estaduais são constantemente chamados para servirem aos condados como consultores técnicos. O movimento conta com 500.000 fazendeiros e suas mulheres que, voluntariamente, a ele dedicam, em média, 17 dias por ano. Cada condado planeja suas próprias atividades com a cooperação das organizações federais, estaduais e locais existentes, de modo a unificar o trabalho e a não haver desperdício de esforços.

Cooperativas para colocação dos produtos agrícolas, e compra de artigos necessários aos fazendeiros, desempenham papel importante na vida rural dos Estados Unidos. Constituem um meio pelo qual os fazendeiros podem vender seus produtos e comprar seus víveres através de organizações próprias, por eles fiscalizadas. O número das cooperativas dobrou nos últimos vinte anos, e o de sócios quadruplicou nesse mesmo prazo. Constituem poderoso elemento no levantamento do nível de vida da comunidade e, por isso, devem ser levados em conta na educação rural. Por sua vez, elas participam de atividades de educação, realizando

programas que lhes são próprios. Muitos Estados incluíram em seus programas assuntos relativos ao movimento das cooperativas; muitas escolas desenvolvem, em seus programas de ciências sociais, o estudo das cooperativas.

BIBLIOGRAFIA

ADVISORY COMMITTEE ON EDUCATION, *Report of the Committee*, Washington, D. C., U. S. Government Printing Office.

Relatório da comissão especial nomeada pelo Presidente Franklin D. Roosevelt para o estudo das relações entre órgãos federais, estaduais e locais, nos assuntos relativos à educação.

BRUNNER, E. DE S., *Rural Society and Rural Education*, *Educational Yearbook*, 1938, of the *International Institute of Teachers College*, Columbia University, New York, Bureau of Publications, Teachers College, Columbia University, 1938.

A educação rural à luz das condições específicas da sociedade rural.

„, and LORGE, IRVING D., *Rural Trends in Depression Years*, New York, Columbia University Press, 1937.

Inquérito sobre a vida agrícola.

COYLE, DAVID C., *Rural Youth in Action*, Washington, D. C., American Council on Education, 1942.

Os problemas da juventude na zona rural.

CYR, FRANK W. BURKE, ARVID, J., and MORT, PAUL, R., *Paying for Our Public Schools*, Scanton, Pennsylvania, International Textbook Company, 1938

Discussão dos meios para o financiamento da educação.

DAWSON, H. A., *Satisfactory Local Units*, Nashville, Tennessee, George Peabody College for Teachers, 1934.

Estudo dos tipos de escolas reunidas ou agrupadas.

EDWARDS, NEWTON, *Equal Educational Opportunity for Youth: A National Responsibility*, Washington, D. C., American Council on Education, 1939.

Discussão da importância da educação na vida nacional, e dos métodos relativos à sua democratização.

GAUMNITZ, W. H., *High-School Instruction by Mail*, U. S. Office of Education, Bulletin, 1933, No. 13. Washington D. C., U. S. Government Printing Office, 1933.

Princípios para organização dos cursos de correspondência.

— *The Smallness of America's Small High Schools*, U. S. Office of Education, Bulletin, 1930, No. 13. Washington, D. C., U. S. Government Printing Office, 1930.

Estudo estatístico.

HANNA, PAUL R., *Youth Serves the Community*, New York, D. Appleton-Century Company, 1936.

A contribuição dos jovens ao progresso das comunidades.

KOLB, J. H., and BRUNNER, E. DE S., *A Study of Rural Society*, New York Houghton Mifflin Company, 1940 (Revised edition).

Compêndio de sociologia rural.

LANGFITT, R. EMERSON, CYR, FRANK W., and NEWSOM, WILLIAM, *The Small High School at Work*, New York, The American Book Company, 1936.

Problemas de administração nas pequenas escolas secundárias.

MEADOWS, AUSTIN R., *Safety and Economy in School Bus Transportation*, Wetumpka, Alabama, Wetumpka Printing Company, 1940.

Organização do transporte de alunos nas zonas rurais.

MITCHELL, SIDNEY C., *Supervised Correspondence Study for Individual Pupil Needs*, Scranton, Pennsylvania, International Textbook Company, 1939.

Os cursos de correspondência como recurso de enriquecimento do currículo secundário.

MONROE, W. S., *Encyclopedia of Educational Research*, New York, The Macmillan Company, 1940.

Vários estudos sobre a educação rural, com exame de diferentes aspectos e problemas.

NATIONAL EDUCATION ASSOCIATION OF THE UNITED STATE, AMERICAN ASSOCIATION OF SCHOOL ADMINISTRATORS, *Seventeenth Yearbook: Schools in Small Communities*, Chapters I and II. Washington, D. C., National Education Association, 1939.

Problemas gerais de administração nos pequenos sistemas escolares.

— DEPARTMENT OF RURAL EDUCATION. *Yearbooks*. Washington, D. C. National Education Association: *Community Resources in Rural Schools*, 1939; *Community Resources in Rural Schools*, 1939; *Newer Types of Instruction in Small Rural Schools*, 1938; *Organization of Curricula for One-Teacher Schools*, 1933.

Nestes quatro Armários são discutidos, especialmente, os problemas do programa das escolas rurais.

NOBLE, M. C. S., *Pupil Transportation in the United States*, Scranton, Pennsylvania, International Textbook Company, 1940.

Problemas dos serviços de transporte de alunos.

PATTEN, MARJORIE, *The Arts Workshop of Rural America*, New York. Columbia University Press, 1937.

Difusão das artes aplicadas por meio do "Agricultural Extension Service".

Rojo, BERNABÉ, *Transporte Oficial de Alunos: Recursos Econômicos para la Educación; Edificación Escolar*. New York, 1941.

Transporte de alunos, orçamentos e prédios escolares.

WIETING, C. MAURICE, *How to Teach Consumers Cooperatives*, New York, Harper and Brothers, 1942.

O cooperativismo nas escolas públicas.

WOFFORD, KATE V., *Modern Education in the Small Rural School*, New York, The Macmillan Company, 1938.

Amplio estudo dos problemas da escola isolada.

WORKS, G. S., and. LESSER, S. O., *Rural America Today, Its Schools and Community Life*, Chicago, University of Chicago Press, 1942.

A educação nas comunidades rurais e instituições que a podem servir e desenvolver.

ILUSÕES E REALIDADES DO MUNDO PEDAGÓGICO

JUAN MANTOVANI

Da Universidade de Buenos Aires

Não é a escola uma instituição imutável; nem a educação, sistema rígido de conceitos estabelecidos por pedagogistas. Movem-se ambas dentro do ritmo da história e da vida. A educação é, a cada época, um problema; e de cada época, expressão das tendências dominantes. Para caracterizar essas tendências, será preciso indagar, primeiro, qual o traço dominante da vida humana na época. O conhecimento do homem e os valores da cultura predominantes fornecerão a base ética da educação. Se o momento histórico exigir homens dotados principalmente de saber para fins utilitários, ou para o domínio prático, a escola será influenciada por esse clima, para corresponder às exigências imperiosas da época; o professor comportar-se-á como agente dessa intenção. Mas, se a época clamar pela necessidade de formação mais cuidada da personalidade humana, então, a escola deverá ser, principalmente, uma fonte de formação ética, de valores que estimulem esse desenvolvimento; e o professor será o agente direto dessa formação.

Quais são as necessidades e reivindicações da nossa época? Nossa época necessita e reivindica coisas opostas: homens práticos e homens cultos; o cultivo dos conhecimentos úteis e o das humanidades; o desenvolvimento das técnicas manuais e o da cultura pessoal; pessoas capazes de resolver as necessidades da vida material e as exigências da vida cultural. Raramente estas tendências unilaterais se integram, quase sempre entram em conflito, e, hoje, principalmente quase se excluem. Isto ocorre porque a nossa época se encontra profundamente abalada pelas concepções mais contraditórias do mundo, da vida política e da vida social. Porque cada uma dessas concepções concebe ideal educativo diferente, explica-se não existir hoje, como existia, por exemplo, no tempo do humanismo e do racionalismo, ideal unitário predominante na

educação. Todos os ideais entraram em conflito, lutando para impor-se e apoderar-se da escola pública. Há escolas que têm por fim realizar a vida pessoal em toda sua plenitude, e outras, a que o Estado assegura ambiente de liberdade para que possam realizar seus objetivos; ao contrário, outras há que tentam realizar ideal oposto. A educação não está, em muitos países, impulsionada por um ideal de formação, mas por imperiosa necessidade política que se converteu em ideal histórico de um Estado e de um povo, de que têm resultado ideais educativos unilaterais. Fortalecem demasiado um aspecto do ser humano, mutilando ou excluindo os demais. Impedem a atividade plena do espírito. Preparam, desde a primeira idade, para viver submissos a uma disciplina que não oferece oportunidade nem forma capacidade para iniciativas individuais. O Estado dirige tudo, e, como todo o propósito unilateral restringe os limites da formação, uma concepção estritamente econômica da educação, circunscreve-a a uma preparação de ordem pragmática. Não conduz à contemplação estética nem à elevação moral, e menos ainda à percepção de outros valores da cultura.

Encarada de um ponto de vista amplo a educação propõe-se a dotar o ser, sobre que atue, de eficiência humana, do poder de manifestar-se cada vez mais como um ser humano, isto é, de fazê-lo agir de acordo com uma decisão própria, por ele escolhida. A existência do homem, ao contrário da dos outros seres, ultrapassa seu estado biológico. Deve alcançar uma ordem mais elevada — a da liberdade. Necessita adaptar-se a um tipo de vida que escapa às forças naturais. E, por isso, penetra no mundo da cultura, participa dele, recebe a influência dos valores que servem decisivamente para a sua formação. A característica humana, que nunca foi posta em dúvida, é a sua tendência a querer ser aquilo que ainda não é, a de viver mais com o ideal do que com a realidade, a de querer superar a natureza, convertendo-se em pessoa espiritual graças à influência da cultura e seus valores. Estas são, sem dúvida, as características que mais distinguem o homem dos outros seres, e o homem culto do inculto.

Para definir cada vez mais o poder que separa e distingue esses extremos, a educação intencional é indispensável. Ela não é, porém, a única força que contribui para a formação humana. Não se pode esperar tudo da escola nem depositar demasiada fé no poder ilimitado da educação que proporcione. Ela tem limites, e não só no que se refira à tarefa da formação da personalidade humana; se analisarmos as exage-

radas ilusões do mundo pedagógico, verificaremos que outras forças além da escola, influem e condicionam a vida do homem. Umas, porém, são ascendentes e outras descendentes. Por isso é que será preciso ter cautela, não permitindo que estas últimas diminuam ou anulem a obra escolar. Para citar um só exemplo: a linguagem correta, que a escola tenta defender, seria dominada pelos vícios e deformações da linguagem vulgar.

A escola estimula a criança para que no transcurso de cada dia adquira maior poder humano. Esse poder é integral. Não só compreende os aspectos físico e intelectual, como também o moral e o estético, manifestando-se por algo de positivo e a todos visível: a capacidade de fazer ou deixar de fazer certas coisas que a vida exige. A escola não se propõe a capacitar os indivíduos para que realizem atos extraordinários. Esses atos serão talvez condicionados pela vocação ou pelas circunstâncias que se apresentarem na vida de cada um. O objetivo da escola é outro: é pôr a criança de hoje, o jovem de amanhã, ou mesmo o adulto, em condições de resolver eficientemente os problemas que se lhes defrontem.

A existência de homens extraordinários não pode servir de padrão à escola; eles servirão apenas de incentivo aos jovens. Ninguém chega a ser grande homem por ter copiado a forma de vida e as aspirações de outro grande homem; no entanto, pode a vida de um grande vulto, por seus ideais e ação humanitária, entusiasmar e interessar as novas gerações. Sarmiento mandou traduzir para o castelhano "A vida de Franklin" para que todos os adolescentes a pudessem ler, pois achava que o seu exemplo moral fortalecia o espírito juvenil.

A escola é uma realidade concreta e se manifesta por sua atuação prática. Propõe-se a desenvolver normalmente capacidade e aptidões de uma vida normal e não de seres extraordinários; destina-se a formar homens que devem conviver com os demais, não a realizar existência segregada. Ora, essa tarefa não poderá ser realizada unicamente dentro dos limites individuais, mas, sim tendo-se em vista os valores da comunidade. Por outro lado, a educação importa sempre em escolha: a dos vários caminhos do ambiente existente e das aptidões dos educandos. Só assim compreendida, a ação de educar assegura permanência de valores e abre caminho para novos valores. A formação da personalidade só se torna possível com a permanência de certos valores e o enriquecimento constante de sua gama.

O poder a que me referi compreende a saúde, a conduta moral, certa aptidão estética, a linguagem correta e o saber em nível útil ao homem. Para desenvolver essa potencialidade não devemos recorrer à pedagogia do herói nem à do sábio, mas a uma pedagogia sem pretensões excessivas, que tenda à formação de um ser equilibrado e sensível, que saiba regular sua vida intelectual, suas paixões, seus costumes e seus atos.

O grau humano de uma criança é motivado pelas relações entre aquilo que possa atingir e o de que, normalmente, necessite. Assim, enganam-se os que pregam uma pedagogia sem esforço. Na antinomia educativa do interesse e do esforço, este não deve ficar excluído, pois é ele que incrementa o vigor do espírito. Mas desnecessário será que o esforço ultrapasse os limites das capacidades de cada um, e que a escola se torne desagradável e opressiva.

A criança carece de tudo quanto favoreça as relações com os seus maiores e o convívio com outras crianças; e tudo, no sentido de seu contínuo crescimento, pois, em dado momento, ela deixará de ser criança. Em todo jovem há o desejo de ser homem feito, e o professor deve orientar esse desejo, sem enfraquecê-lo. A evolução de uma para outra etapa não deve significar ruptura brusca com a anterior, nem anular os atributos de cada idade. Em todos os momentos da vida o homem cresce, enriquece e multiplica as suas possibilidades, sem solução de continuidade. Disse Guilherme Dilthey: "Em todo o ser vivente realiza-se um processo de intensificação da própria existência".

A verdadeira ciência do professor não é demonstrada por grande erudição, mas especial intuição no sentido de descobrir as potencialidades da criança, e de determinar os valores apropriados a cada momento. Cada mestre só logra comunicar seus conhecimentos em pequenissima proporção. Não deve pretender entulhar a cabeça da criança nem subordinar a conduta infantil a normas complexas e muito numerosas. A criança deve integrar à sua vida somente aquilo que lhe facilite a difícil passagem da infância para a idade adulta. Os conhecimentos que o professor deve adquirir, sem descanso, servirão mais para a sua própria formação de que para a comunicação aos alunos. Mais do que ninguém, os mestres devem alcançar unidade de pensamento e de filosofia,

para coordenação dos fatos e idéias, para coerência entre o pensamento e a ação. Cada ensinamento do professor deve emanar dessa força espiritual, porque, do contrário, ministrará ensino de minguado conteúdo e sem penetração — transmitirá saber sem vitalidade, que não se integrará na criança nem vivificará sua alma.

O mestre deve ter sensibilidade inata para prescrutar e estimular as disposições interiores da criança e dar-lhe a cultura necessária a fim de manter ativo o espírito. Para isso, deve estar em contacto constante com os livros e as idéias, com a natureza, seus segredos e sua beleza, com as tradições e a memória dos grandes feitos e figuras, universais e nacionais, com os valores da cultura e as normas morais que dão sentido à vida. Algumas vezes, também, o professor deve refletir sobre si mesmo e sobre a sua tarefa. Não pode permanecer em dúvida sobre a natureza dos fins de sua missão.

E' por essa sensibilidade inata, que se explica o êxito da mulher no magistério primário: ela é, de seu natural, mais intuitiva e mais arguta, quando à sua tarefa se dedique com senso de responsabilidade e entusiasmo. Não se pode ser professor em nenhum grau de ensino sem que se esteja imbuído desse entusiasmo pelo trabalho docente. Se acaso essa capacidade de interesse e entusiasmo fosse suscetível de medida, nela é que deveríamos encontrar os critérios de seleção para o magistério, e não, na simples classificação dos exames, que mais provam dedicação aos estudos que vocação pedagógica. Se o ingresso para a carreira se fizesse de acordo com padrão claramente estabelecido, de vocação para a docência, o número de professores se reduziria de muito. Dir-se-á que é muito o que agora se pede como remuneração do professor. Na verdade, ele merece muito mais. Não será isso razão, no entanto, para que desanime ou para que descuide de sua formação cultural e aperfeiçoamento constante de sua personalidade. A diferença que podemos observar entre uma classe dirigida por um mestre realmente culto, e outra por docente de mentalidade insuficientemente desenvolvida é tão grande como a diferença que notamos entre um ambiente de ar puro e outro de ar viciado. O maior ou menor prazer que os alunos demonstrem em cada aula corresponde ao grau de maior ou menor cultura do professor. E' que somente com o espírito é que se pode fazer mover os espíritos. O professor que não dispuser de clareza de espírito esmagará o espírito de seus alunos. E o professor da escola primária é muito mais um animador da vida infantil do que simples agente da transmissão de noções.

Se o professor for incapaz de perceber o mundo infantil, nada ensinará, ou ensinará menos que qualquer outra pessoa. A criança mais se deixa influenciar por alguém que saiba movê-la em seu íntimo, que a relacione com os fatos do inundo, da história, da existência humana. E isso, com a mesma singeleza e naturalidade, com que saiba fazer expandir o seu espírito — sem opressão nem violência.

O mestre, que puder agir deste modo, sentirá, sem dúvida, acrescida a sua personalidade e, com ela, o seu poder de educador, porque a influência de um homem sobre outro não resulta da conquista fria das técnicas didáticas, mas, sim, da pujança do seu poder interior, da riqueza de sua cultura e do valor de sua personalidade. A educação se produz pela interação do educando e do educador. A criança necessita de estar em contacto espiritual com a humanidade já formada. Os valores da cultura do mestre devem encontrar eco na subjetividade do aluno. A primeira preocupação do mestre deve ser a de estabelecer essa conexão, que constitui um princípio essencial. Sem essa conexão, estabelecem-se dois mundos opostos e irreconciliáveis. Muitas vezes o menino incapaz ou indisciplinado em uma classe transforma-se em excelente estudante pelo simples fato de haver mudado de professor, ou seja, de passar a receber outra direção e outra influência.

O mestre deve ter sempre em mente este princípio: o de velar pelo seu constante progresso e aperfeiçoamento, pois que, assim, seu trabalho será mais eficiente. Deve manter alerta a sua curiosidade intelectual, não pela soma de conhecimentos novos a transmitir, mas pela necessidade que tem de renovar-se como educador. O professor ainda tem um outro dever, o de meditar sobre muitos problemas e o de senti-los como algo de íntimo, de pessoal. Deve por exemplo, sentir a necessidade de compreender e explicar a realidade de seu país, o que foi, o que é, o que será. Somente depois dessa compreensão e análise é que poderá agir, com eficiência no sentido do ritmo progressivo da cultura do país. Formar-se-á, então, no íntimo de seu espírito, uma concepção de vida nacional; aclarar-se-á o sentido do homem de sua terra, segundo as lições da história, dos esforços do presente e das aspirações da nação. Essa concepção e esse sentido preservarão o mestre e os alunos, a, que oriente e eduque, das sugestões para soluções extremistas que não estiverem de acordo com a tradição, as instituições e os ideais da nacionalidade.

Cada nação não é somente território, raça, sangue, idioma. E' um ser espiritual, de cujos valores a comunidade inteira se torna portadora. e, por isso mesmo, cada indivíduo, em maior ou menor proporção, desde que cumpra a missão, que lhe caiba, na compreensão do destino comum.

À escola cumpre infundir esse ideal na alma das novas gerações. Tem por objetivo conduzi-las a um propósito construtivo, a um fim criador. Além de representar uma força cultural, a escola é também órgão decisivo da vida nacional. Observando o quadro europeu atual. convencemo-nos de que a nossa escola deve também desenvolver os princípios de solidariedade americana e a consciência dos problemas e responsabilidades continentais. Todo o professor que tente impingir concepções extremistas, da direita ou da esquerda, ou soluções exóticas, sem adaptação às profundas realidades do país e às aspirações coletivas, perturba a obra de direção nacional que cumpre à escola pública.

Determinação firme deve mover a todos os que trabalham pelo desenvolvimento da cultura. Essa determinação será a de preservar os valores de cada nação, fortificando em todos os homens de cada país aquele fundo comum de sentimentos, de interesses, de preferências, de aspirações, que lhes seja comum. Isso é que caracteriza uma nacionalidade e delimita as lutas e os esforços individuais. Uma obra espiritual, de arte, por exemplo, resume peculiaridades pessoais do autor e influências da comunidade. Distingue-se assim, facilmente, a pintura francesa, da espanhola; a literatura dos povos latinos, da dos povos nórdicos. No fundo de toda criação pessoal há um entrelaçamento de caracteres impessoais, impostos pela nação e pela cultura da época, em relação aos quais o espírito não pode ficar alheiado.

A escola deve ser o reflexo da cultura e da nacionalidade, deve ser a força inculcadora dos seus valores. A tarefa do professor tem que ser, portanto, mais humana e mais espiritual, não apenas técnica, no sentido restrito desta expressão. Não será pedir demais, nem para impor exigências inacessíveis. Isso será obtido por esforços relativamente simples, e, aliás, agradáveis ao espírito. Já teriam lido os professores às obras fundamentais da literatura de seu próprio país, para extrair-lhe a essência, para engrandecer a sua própria alma e o seu próprio pensamento? Desde o início da carreira, devem os professores esforçar-se por adquirir noção clara da vida nacional, sem que deixem de ter o espírito voltado também para os valores da cultura universal. Essa atitude lhes dará a compreensão da essência de sua missão e indicará os meios de cumprir a missão que de fato lhes cabe.

SÃO NECESSÁRIOS OS EXAMES ESCOLARES?

SIM!

LOURENÇO FILHO
Do Instituto Nacional de Estudos
Pedagógicos

As escolas estão montadas e funcionam para que dêem rendimento. Naturalmente, nem tudo o que produzem pode ser avaliado e medido. Muito do que fazem, porém, (e do que não fazem) é suscetível de verificação menos imperfeita. Os exames constituem recursos para essa avaliação, na parte que diretamente diga respeito ao trabalho dos alunos e ao trabalho do professor; indiretamente, também das condições gerais desse trabalho.

Certo que há exames e... exames, uns baseados em princípios de boa técnica, outros, menos perfeitos. De qualquer forma, são eles necessários. Mais, ainda: são imprescindíveis à boa organização do trabalho didático e à normalidade de sua marcha.

São necessários os exames, primeiramente, para diagnóstico das capacidades dos alunos e dos níveis de desenvolvimento que hajam atingido. Quando para esse efeito aplicados, no início de um curso ou de novo período letivo, dão-nos os pontos de referência para o desenvolvimento do programa e orientação didática a seguir. São necessários, depois, e seguidamente, para verificação da eficácia dos meios empregados na aprendizagem. O bom en-

NÃO!

ARMANDO HILDEBRAND
Do Instituto Nacional de Estudos
Pedagógicos

Ao fim de cada período de quatro, seis meses ou um ano, são os alunos de nossas escolas submetidos a provas, orais ou escritas. Isso se realiza exclusivamente para verificação do que aprenderam, nas várias disciplinas do curso e, como conseqüência do aproveitamento demonstrado, para promoção à série seguinte, ou inabilitação. Estas provas periódicas e finais, baseadas no presuposto de que avaliam realmente o aproveitamento do aluno na escola, resolvem de sua aprovação ou reprovação.

São esses exames necessários?

Achamos que não são necessários, se continuarem a ser provas, escritas ou orais, organizadas ao sabor do momento e corrigidas segundo o bom ou o mau humor dos mestres; se continuarem a ser exposições decoradas de pontos sorteados, ou resposta a perguntas de algibeira.

Como é sabido, nesses exames, organizam-se cinco ou seis perguntas sobre pontos sorteados e mais uma parte de redação sobre assunto também sorteado, cobrindo toda a prova parte reduzidíssima da matéria lecionada. Dessa forma, é a sorte que, em elevada proporção, decide da aprovação ou da re-

SIM!

sino deve decorrer em condições normais: condições de oportunidade, de adequação à idade e às variedades individuais, de graduação. Sem os recursos de verificação periódica do trabalho, o mestre andar, portanto, às cegas: não poderá afirmar, com consciência, que os objetivos propostos estejam sendo atingidos. São, por fim, necessários os exames para verificação dos esforços de todo um período escolar, de todo um ano letivo, de todo um curso, muitas vezes, pois que esses objetivos só ao cabo desses prazos da aprendizagem se revelam.

Exames de admissão, provas parciais, provas finais, exames de maturidade — são, respectivamente, recursos de diagnóstico, meios de verificação da marcha do trabalho letivo, ou de comprovação final de seus resultados. Como já se fez notar, não exprimem apenas o que se passa com os alunos; referem-se também à escola, ao professor, à administração escolar, a todo o sistema educacional.

E' engano pensar que os exames tão somente, devam servir para avaliação do trabalho do aluno. O aluno representa um dos elementos do problema, não todo o problema. Acrescente-se, para que o aluno possa ser julgado de modo satisfatório, todos os demais elementos devem ser conhecidos, pois o trabalho da aprendizagem, em cada classe, deles também depende, em maior ou menor grau.

Esta compreensão da função dos exames justifica-lhes a existência. Justifica, por igual, que o assunto deve ser retirado do empirismo e da rotina em que tem permanecido, para que seja tratado à luz de princípios técnicos, hoje bem estabelecidos.

NAO!

provação do aluno. Ora, não é justo que se decida pela sorte o destino dos escolares. E' preciso ainda notar que essas provas, organizadas com tão pouca matéria e que podem ser resolvidas, geralmente, com conhecimentos decorados e mal assimilados, são lançadas ao acaso e ao acaso julgadas.

Pesquisas feitas nos Estados Unidos, e confirmadas em experiências semelhantes, levadas a efeito em São Paulo e no Distrito Federal, revelaram que a mesma prova julgada por vários professores recebeu notas que oscilaram de um extremo a outro da escala. Por outro lado, a observação da distribuição de notas, em escolas secundárias e superiores do Distrito Federal, recolhidas pelo I. N. E. P., tem demonstrado que há professores que só se utilizam da parte alta da escala de notas e outros só da parte baixa. Professores de critério severo, e de critério brando — tal é a regra,

Exames desse tipo, evidentemente, não são necessários. Diríamos mesmo que são inúteis, senão prejudiciais.

A própria atitude dos alunos de um lado, nas vésperas dos exames, e a dos mestres, no corrigir as provas (o que sempre reputam uma maçada!...) comprovam essa maneira de ver.

Os alunos vão para os exames desse tipo, comuns em nossas escolas, com a esperança da *sorte*. Ou, o que é também muito generalizado, dado o caráter puramente verbal das questões, com a impressão de que a *virada* dos últimos dias, bastará para passar. E as tentativas de *cola*?... E' outro índice indicativo de que esses exames, regra geral, são não só desnecessários, mas até prejudiciais, em muitos casos.

Com efeito, não comprovam eles os resultados reais da aprendizagem; não

SIM!

Antes de tudo, os exames devem revestir-se de condições de objetividade. Por outras palavras, devem apresentar-se sob a forma de medidas dignas de confiança, suscetíveis de utilização por diferentes pessoas, com resultados idênticos, ou sensivelmente próximos. Devem também medir o que, com eles, realmente se pretenda medir. Se se deseja avaliar a aprendizagem da geometria, da história ou do desenho, forçoso será que os exames apresentem questões e exercícios perfeitamente definidos, que nos levem, a apreciar, de forma precisa, os conhecimentos, as técnicas e os valores que o trato dessas disciplinas possa fornecer, e na medida das oportunidades que o ensino, em cada caso realizado, haja realmente oferecido.

O simples enunciado destes caracteres impõe a organização cuidadosa do material que se destine aos exames; a aplicação das provas, sob forma conveniente; a apuração, em face de princípios estatísticos. Tomarão, nesse caso, a forma de *provas objetivas*, e, quando mais cuidadosamente aferidas, a feição de *testes pedagógicos*.

As provas escritas, comumente aplicadas em nossas escolas, são de composição inteiramente arbitrária e de julgamento subjetivo. Isto é, de julgamento, que se torna variável de mestre para mestre. O que se convencionou chamar de *prova objetiva* corresponde a material já selecionado com algum cuidado, enunciado de forma menos arbitrária, e suscetível, por isso, de avaliação menos precária. *Testes pedagógicos*, ou de *escolaridade*, enfim, são provas compostas com material de antemão aferido, perfeitamente conhecido em seu teor de fidedignidade e de validade. Conjuntos desses testes, pre-

NÃO!

incutem nos alunos os verdadeiros objetivos do ensino; criam inúteis emoções; freqüentemente iludem os estudantes e os mestres. Ainda pior do que isso, oferecem ocasião para a fraude, ou seja para atos que não podem ter boa influência sobre o caráter.

Na ilusão de que os exames dão o valor dos estudantes, nossos professores não procuram conhecê-los mais de perto, verificar suas capacidades e deficiências, ampará-los no correr do ano, apontar-lhes o bom caminho. E, muitas vezes, se espantam dos resultados finais !

São comuns também os casos de professores que julgam que o exame é feito para apurar o que os estudantes *não sabem*. Como que para exercer os seus sentimentos sádicos sobre os alunos, ou para demonstrar que a sua disciplina é difícil, inacessível. Exames assim não são também produtivos, mas perturbadores da formação das crianças e adolescentes.

Com tais provas, maus estudantes conseguem, muitas vezes, fazer bons exames, isto é, exames nos quais obtêm notas elevadas; enquanto bons alunos, comumente, são infelizes. Isso acontece em virtude da forma primitiva de organização e correção das provas e, também, por serem os estudantes diferentemente influenciados pela encenação que lhes acompanha a aplicação.

Há, no entanto, motivo mais forte para se condenarem os exames do tipo geralmente existente. É que os mestres, freqüentemente esquecidos dos verdadeiros objetivos do ensino que ministram, e, interessados na aprovação do maior número de alunos, passam a preparar a classe para os exames, os

SIM!

parados segundo a variação crescente dos objetivos da aprendizagem, constituem, por fim, as *escalas pedagógicas*.

Desde que empreguemos material assim elaborado, teremos obtido *normas* e *padrões*, pelos quais se procederá a julgamento mais seguro. Com eles, poderemos avaliar, em sã consciência, o trabalho do aluno, o trabalho do professor, o trabalho de uma escola, de várias escolas de um mesmo tipo, de todas as escolas de um mesmo sistema escolar. Da proposição de questões pessoais do mestre, do diretor, ou do inspetor, teremos subido à indagação cautelosa da atividade dos alunos e da dos próprios mestres. Da *avaliação grosseira, teremos chegado à medida*. Haverá, então, elementos de confiança para a discussão dos problemas reais do ensino e de suas verdadeiras condições; compreenderão os mestres e os próprios alunos os objetivos reais da aprendizagem; haverá possibilidade de instaurar na escola uma *consciência técnica*.

Só por esse modo, deixarão os exames de apresentar-se como *fins* do ensino, quando devem ser compreendidos como simples *meios* para sua melhor organização e direção.

Sim, os exames são necessários. Necessária, também, é a reforma dos processos de que se utilizam, para que possam preencher os seus verdadeiros fins.

NÃO!

quais se transformam, assim de *meios* que são, em *fins* da atividade de professor e aluno. Não é outra coisa que explica o fato de bons e, às vezes, ótimos alunos em toda a vida escolar, fracassarem na vida prática, onde vão encontrar situações reais que não se habituaram a resolver.

Cumprе notar que, negando a eficácia dos exames realizados nas condições que descrevemos, não supomos desnecessária a avaliação freqüente e segura dos resultados do ensino.

Apenas julgamos que os exames atuais devem ser substituídos por formas mais objetivas de verificação da aprendizagem e do próprio trabalho do professor. A observação das atividades do aluno no correr do ano; as notas mensais e de exercícios de classe; a apreciação global do aproveitamento dos educandos, tudo cuidadosamente anotado, em fichas ou cadernetas de toda a vida escolar, e mais as provas objetivas, são o remédio aconselhado.

Estas considerações representam o corolário das observações anteriores. Se os exames se apresentam como medida única, e na base de provas não objetivas, devem ser corrigidos por outros elementos de julgamento com que se compensem os erros prováveis.

Da adoção desses critérios, certamente, advirá maior consciência de julgamento por parte dos professores; isto porque as observações, em maior número, e em variadas condições, proporcionarão mais numerosos elementos de apreciação, imprimindo-lhe sentido de maior justiça.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO BRASIL

II. O IMPÉRIO

INEZIL PENA MARINHO

Da Divisão de Educação Física do
Departamento Nacional de Educação

Proclamada a independência, o padre Belchior Pinheiro de Oliveira, deputado pela província de Minas Gerais, apresenta em 1823, uma proposta no sentido de estimular os gênios brasileiros a elaborarem um tratado completo de educação. Das mais discutidas foi a proposta em apreço, até que a 31 de julho, o deputado pela província do Ceará, Senhor José Mariano de Albuquerque Cavalcanti, apresenta esta emenda:

"Art. 1.º — A pessoa que apresentar no prazo de um ano, contado da promulgação deste projeto, um plano de educação física, moral e intelectual, se for cidadão do Brasil, será declarado benemérito da Pátria e como tal, atendido nos postos e empregos nacionais, segundo a sua classe e profissão; se fôr estrangeiro terá os agradecimentos da Nação e um prêmio pecuniário; e, quer estrangeiro ou cidadão do Brasil, dar-se-á uma medalha distintiva;

Art. 2.º — Criar-se-á um segundo prêmio pecuniário para aquele que apresente um plano de educação somente física ou moral ou intelectual".

Após vários debates, ficou deliberado que o projeto, em virtude do grande número de emendas, voltasse à comissão, para que esta o redigisse novamente. E, infelizmente, o projeto nunca mais voltou a plenário.

O primeiro livro sobre educação física, editado no Brasil, apareceu em 1828, sendo Joaquim Jerônimo Serpa o seu autor. Tinha por título "Tratado de Educação Física — Moral dos Meninos" e fora extraído das obras de Mr. Gardien. Jerônimo Serpa compreendia por educação a saúde do corpo e a cultura do espírito, apreciando a educação física conforme a encaramos hoje. Os meninos eram divididos em duas fases de evo-

lução: do nascimento aos sete anos e destes aos quatorze. Aconselhava para as crianças recém-nascidas movimentos de braços, contanto que não fossem fortes, bruscos ou prolongados. Preconizava a ambidestria e dividia os exercícios em duas categorias: I) — os que exercitam o corpo, como corrida, dança, pela volante, balão, nado, luta e saltos, elementos indispensáveis à preparação para a vida; II) exercícios de memória, como xadrez, etc. Concluía chamando a atenção dos educadores para o erro comum de colocar a educação moral em oposição à educação física e quase sempre em detrimento desta última.

Outro trabalho aparece em 1845. Trata-se da tese apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelo Dr. Manoel Pereira da Silva Ubatuba, sob o título "Algumas considerações sobre a Educação Física"; demonstra ele, aí, a necessidade e a importância dos exercícios para a saúde e o vigor, bem como a influência do moral sobre o físico e deste sobre aquele.

No ano subsequente, Joaquim Pedro de Melo defende, perante a mesma Faculdade, uma tese sobre "Generalidades acerca da Educação Física dos Meninos".

Na província das Amazonas, em 1852, o Presidente Toureiro Aranha expede um regulamento para a instrução pública no qual se determina que "a instrução compreenderá a educação física, moral e intelectual..."; e "para o sexo feminino a mesma educação e instrução intelectual mais modificadas, e as prendas próprias ao sexo". Infelizmente, tal como Spencer nos conta das escolas de Inglaterra, havia a seguinte determinação: "As meninas não farão exercícios ginásticos". Ainda nesse mesmo ano, A. Gonçalves Dias, encarregado pelo governo de Sua S.M., o Imperador, de visitar algumas das principais províncias do norte, apresenta um relatório, do qual o seguinte trecho é bastante expressivo: "Vê-se pois que os professores alguma coisa, ainda que pouco, fazem, quanto ao desenvolvimento intelectual dos meninos; no do físico absolutamente nada, nem mesmo os primeiros exercícios de ginástica, ou jogos que fortifiquem o corpo; no do moral, quase nada; porque a educação é para eles negócio de pouca importância". Da mesma época é a tese "Influência da Educação Física do Homem", com que Antônio Francisco Gomes obtém o grau de doutor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. O autor considera a educação física como parte integrante da educação. Demonstra a necessidade da prática do exercício e aconselha o afastamento desta das horas das refeições.

Em 1855, promulgado o Regulamento da Instrução primária e secundária do município da Corte, o ministro Luiz Pedreira do Couto Ferraz deu as normas da reforma do Colégio Pedro II, incluindo os exercícios ginásticos no currículo. Dois anos mais tarde a Reforma Marquês de Olinda divide o Colégio Pedro II em dois estabelecimentos de instrução secundária, internato e externato, especificando: "O Internato será colocado fora da cidade, com terreno espaçoso não só para exercícios de ginástica, banhos e natação, como para recreio".

O relatório do inspetor geral da instrução pública do município da Corte, relativo ao ano de 1860, apresenta o seguinte trecho, bastante interessante: "Os exercícios ginásticos que desejo ver quanto antes introduzidos nas escolas promovendo a educação física da mocidade que as freqüenta, sendo das necessidades bem urgentes do ensino público primário, ainda ficaram adiados por falta de espaço e de acomodações nos prédios atuais". Nesse mesmo ano, o capitão José Ferreira Costa é nomeado instrutor de ginástica do Depósito de Aprendizagem de Artilheiros, situado na Fortaleza de São João. O programa dessa Escola obrigava à prática de ginástica, esgrima e natação, e submetia os alunos aos respectivos exames, nos quais, em 1875, conforme ata existente, foi um aluno reprovado.

Em 1867, aparecem os "Estatutos Higiênicos sobre a Educação Física, Intelectual e Moral do Soldado", do Dr. Eduardo Pereira de Abreu, que dedica o seu livro ao Conde d'Eu. Esse trabalho é realmente notável, e custa crer que tenha sido escrito na época em que o foi. Inicialmente o autor trata da importância da educação física para o soldado, admitindo dois modos de ministrá-la: *em escola*, e *isoladamente*. Conclui pela vantagem das escolas desde que essas sejam homogêneas, não só em função da idade como também do exame médico. Nos capítulos que se seguem, aprecia a educação física através dos tempos e faz um estudo fisiológico desta modalidade de educação. Aponta ainda a influência considerável do físico sobre o moral do soldado. Demonstra, convincente, a necessidade imprescindível da íntima colaboração entre o médico e o instrutor. Classifica os exercícios em elementares e de aplicação: prevê a criação de escolas de natação; preocupa-se com a antropometria, tratando da espirometria e de quase todas as medidas desse gênero que se fazem na tropa e mostrando como devem ser tiradas conclusões desse exame. Tem-se a impressão de que o autor se encontrava avançado meio século em relação à época em que viveu. Assim, diz êle: "As qualida-

des físicas, tão apreciadas pelo estrangeiro na escolha de seus soldados, para nós é uma irrisão ou banalidade...".

O ministro Paulino de Sousa, em 1870, pretendeu a mudança do Internato do Colégio Pedro II para fora da cidade, apresentando, entre outros, o seguinte argumento: "Os estudos são, em tese, o mais poderoso meio de educação; não é somente nele que ela consiste. Nos estabelecimentos de educação deve ter-se em vista não só o progresso intelectual da mocidade, mas também dar ao espírito tempera verdadeiramente varonil, e ao corpo vigor e saúde, que tanto contribuem para que o indivíduo possa ser útil a si e à sociedade. Os moços que, na época em que o organismo precisa desenvolver-se apropriando-se dos elementos que oferece a natureza, vivem entre as quatro paredes de um edifício apertado pelos montões de casas das cidades, têm um desenvolvimento artificial e contrafeito, do qual ressentem-se depois em todos os períodos da vida tanto o corpo como o espírito. Ar, espaço e vastos horizontes, eis o que principalmente precisa a idade de dez a dezoito anos, em que comumente se freqüentam as aulas secundárias. As vantagens que têm obtido outros governos, arredando da atmosfera viciada das grandes cidades os internatos de instrução secundária, têm explicação em consideração de tão notória procedência, que me parece escusado aqui repeti-la. Prestar-se-á grande serviço aos alunos, a todos os que por eles se interessam e em geral à sociedade, se for removido o Internato, da única instituição de ensino secundário que o Estado mantém, para alguma cidade serrana, onde além do favor do clima, o regime colegial não seja perturbado pelo bulício de uma grande Capital".

Quatro anos mais tarde, o conselheiro Josino do Nascimento Silva, que substituíra o conselheiro Tomás Gomes de Sousa, dedicado diretor da instrução pública na província do Rio de Janeiro, assinala em seu relatório "a repugnância com que foi recebida pela opinião pública a aula de ginástica, principalmente a que se referia ao curso de alunas. Não se acalmaram os espíritos com as instruções provisórias; foi preciso suspender a execução, e ainda assim houve pais que proibiram às suas filhas os exercícios ginásticos tais quais se ensinavam e eram prescritos, ainda mesmo com o risco de perderem o ano e a carreira. Chegou a tal ponto a oposição de algumas alunas, aliás com boa freqüência nas outras aulas, que deixavam de ir por acinte à de ginástica, ficando todavia no edifício da escola...". Ainda em 1874, Amaro Ferreira das Naves Armonde apresenta à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro uma tese com

este título "Da Educação Física, Intelectual e Moral da Mocidade do Rio de Janeiro e sua influência sobre a Saúde". No decorrer da tese, o autor faz estudos de fisiologia aplicada aos exercícios, mostrando as vantagens da sua moderação e os inconvenientes dos excessos; aconselha a dança, da qual apresenta uma consideração fisiológica, esclarecendo que ela encerra a marcha e o salto; fala sobre os perigos da sedentariedade e os benefícios que advêm do trabalho físico; preconiza os banhos frios, a natação, a esgrima, a bola e a peteca. Cita Amoros na sua definição de ginástica, mas é partidário da ginástica de quarto de Schiriber. Este é o primeiro trabalho que trata de fisiologia aplicada aos exercícios físicos, muito embora incipiente.

O principal acontecimento de todo o período do Império é o célebre parecer de Rui Barbosa. A 12 de setembro de 1882, realiza-se na Câmara dos Deputados a sessão em que se discute o Projeto n.º 224, "Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública". A Rui Barbosa, como membro da Comissão de Instrução Pública, coube relatar e opinar sobre o assunto. E a educação física não foi esquecida; muito ao contrário, precede as outras formas de educação, talvez por julgá-la o autor a base sobre a qual devem repousar todos os outros princípios. E' a consagração do "Mens sana in corpore sano" de Juvenal.

O capítulo VII, § 1.º, está encimado pela epígrafe "Da educação física". O relator começa fazendo um histórico da educação física, apreciando-a desde a civilização grega, quando põe em relevo o desenvolvimento alcançado por aquela entre os helênicos. Demonstrando um conhecimento extenso e profundo do assunto e exibindo farta documentação, analisa o problema naquela época em diversos países, detendo-se com especial cuidado na Suécia. Salienta Rui que não há o intuito de converter os alunos em acrobatas. "Não pretendemos formar acrobatas nem Hércules, mas desenvolver na criança o *quantum* de vigor físico essencial ao equilíbrio da vida humana, à felicidade da alma, à preservação da pátria e à dignidade da espécie".

Aqueles que combatem a educação física, pois, infelizmente ainda os há, citam com freqüência Rui Barbosa, afirmando que ele foi um dos maiores brasileiros, a mais brilhante intelectualidade e que, no entanto, possuía um físico mesquinho. A esses oporemos as próprias palavras de Rui Barbosa, pelas quais se vê a que penosos sacrifícios era obrigado

para realizar os seus maravilhosos trabalhos intelectuais, somente porque as condições orgânicas não lhe eram mais favoráveis. E os que acusam de *materialistas* os defensores da educação física encontrarão nas palavras que se seguem motivo para profundas meditações.

"Há, não se nega, inteligências superiores aliadas a corpos de débeis, a organismos franzinos, anêmicos e nevropáticos. Quanto não custa, porém, a esses desventurados a aplicação laboriosa da inteligência às altas produções mentais? Quantas vezes a exaltação cerebral, a que os condena a insuficiência da sua nutrição geral, não é descontada por largos intervalos de desfalecimento, por atrozes enfermidades nervosas, que lhes infligem o suplício de interromperem amiudadamente os trabalhos mais caros à sua alma, e submeterem-se, na mais terrível das alternativas, a horas, dias, meses, anos de forçada e dolorosa inércia? Quantas outras o abuso da cerebração continuada, que a fraqueza da sua constituição física lhe vedava, não vem cortar em meio o fio da existência, arrancando-lhes das mãos a obra que acariciavam com ternura e esperança como fruto sazonado de uma vida de penas, sacrifícios e lutas? E será porventura sadio, normal, impunemente intenso o uso de uma função cujo exercício impõe descontos como esse, que vitima, aflige, tortura e aniquila antes de tempo os condenados ao privilégio brilhante, sedutor, mas fatal, de uma grande inteligência supliciada num corpo incapaz de reparar as perdas cerebrais inerentes a atividades extraordinária das grandes cabeças?

Onde está, portanto, o nosso materialismo? E' então materialista a realidade? E' então materialista a fisiologia? E' então materialista a ciência da vida? Se o não são, não pode ser materialista a nossa conclusão, que decorre invencivelmente dessa fonte.

O cérebro desenvolve-se pelo exercício que lhe é peculiar. Mas esse exercício é duplo: compreende a ação consciente do cérebro, no pensamento (cerebração) e a ação inconsciente do cérebro dirigindo os movimentos do corpo. Ambos são essencialmente indispensáveis à evolução desse órgão".

E lamentava a seguir:

"Quão deplorável não é que verdades desta comezinha singeleza sofram ainda contestação entre nós, e por homens que figuram nas mais altas eminências do país!"

Assim conclui o seu parecer:

"Em suma, eis o pensamento do projeto:

1.º — Instituição de uma seção especial de ginástica em cada escola normal.

2.º — Extensão obrigatória da ginástica a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primárias de todos os graus, tendo em vista, em relação à mulher, a harmonia das formas feminis e as exigências da maternidade futura.

3.º — Inserção da ginástica nos programas escolares como matéria de estudo, em horas distintas das do recreio, e depois das aulas.

4.º — Equiparação em categoria e autoridade, dos professores de ginástica aos de todas as outras disciplinas".

Tratando, no Capítulo XVIII, da Higiene Escolar, diz:

"Entretanto, o quadro patológico da influência da escola na saúde das gerações novas apresenta proporções da mais triste realidade".

Ninguém poderá contestar o inconfundível valor do trabalho de Rui Barbosa, que assinala a primeira tentativa para solucionar o problema da educação física no Brasil. Relewa notar, no projeto, o fato de pela primeira vez cogitar-se de detalhes técnicos na introdução dos programas de educação física no currículo escolar.

Por ato de 19 de dezembro de 1882, desejando o governo esclarecer-se melhor sobre as medidas que pretendia propor à Assembléia Geral Legislativa, convocou um congresso de instrução que se deveria reunir no município da Corte em 1 de junho de 1883. Sobre a educação física nos jardins da infância, nas escolas primárias e nos colégios, Antônio Estevam da Costa e Cunha emitiu o seguinte parecer: "A educação física, como se tem visto, é um elemento tão salutar à vida dos povos, contribui tanto para o valor individual do cidadão e para o valor e força geral da nação, tem ainda tanta influência na parte psíquica de nossa natureza que nós brasileiros, governo, povo e mestres, todos convictos e animados de um bem entendido patriotismo, devíamos pôr nosso maior empenho em torná-la quanto antes uma verdade em todos os estabelecimentos de ensino".

E no ano seguinte, na assembléia provincial de Pernambuco, o presidente, conselheiro Francisco M. Sodré Pereira, analisando a situação

educacional na província, assim se manifestou: "Não deve ser esquecida no momento a educação física a par da educação moral: para que o espírito se eleve, não se afadigue, é necessário que o corpo não seja enfermo. Uma e outra cultura devem andar juntas, e em ambas tomarem muito interesse e cuidado os educadores".

Em 1866, Pedro Manoel Borges publica um "Manual Teórico-Prático de Ginástica Escolar", destinado às escolas públicas, colégios, liceus, escolas normais e municipais. Depois de demonstrar a necessidade da educação física desde o berço e a sua importância para o indivíduo, transcreve uma série de preceitos higiênicos a serem observados nas sessões, muitos dos quais ainda têm aplicação hoje. Cogita das noções anatômicas e antropométricas que devem ser ensinadas aos alunos, a partir dos dez anos. A Manuel Borges cabe a insigne honra de se ter batido pela obrigatoriedade da educação física de um modo geral, entre nós, formando com Rui Barbosa os pioneiros dessa campanha.

Tais são os principais acontecimentos que assinalam a evolução da educação física no período Brasil-Império.

O grande número de trabalhos sobre educação física surgidos depois de 1823, deve-se ao fato de, nessa época, ter o Colégio do Rio de Janeiro (nome com que inicialmente funcionou a Faculdade de Medicina), que tinha por sede a Santa Casa da Misericórdia, passado a exigir, dos candidatos ao diploma de doutor em medicina, tese obrigatória. Sob a influência principalmente de J. J. Rousseau e mais tarde do trabalho de H. Spencer, muitos dos doutorandos escolhiam para tema a educação física. Na Biblioteca Nacional encontram-se numerosas teses relativas a esse período, não só sobre educação, como também sobre higiene, alimentação e educação sexual.

As atividades desportivas estavam muito limitadas: no mar havia grande interesse das populações pelas provas de natação e regatas; em terra, a desportividade limitava-se à pelota, esgrima, ciclismo, peteca e malha; o *cricket* ensaiava os primeiros passos. A capoeiragem campeava como se fosse uma praga, exigindo das autoridades a maior energia para a sua repressão.

A instalação da Escola Militar na Praia Vermelha veio dar um grande impulso ao desenvolvimento dos desportos aquáticos. Os cadetes organizaram um clube, cuja renda foi empregada em obter meios que lhes permitissem a prática da canoagem. A pesca também encontrou grande aceitação naquele ambiente, onde tudo a favorecia. A esgrima de baioneta, do mesmo modo que a de sabre, florete e espada, tinha sido oficialmente adotada, encontrando-se entre as aplicações militares. As escaladas ao Pão de Açúcar e ao Morro da Urca, constituíam provas de tenacidade, coragem e resistência. •

Nos últimos anos do Império, realizaram-se várias conferências na Escola Normal, sobre educação física, algumas das quais até presididas por D. Pedro II. Figuras então de grande relevo na instrução pública, como Borges Carneiro, Martins Pacheco, Bandeira Filho, Pedro Manuel Borges e Vitorio da Costa, defenderam ardorosamente a educação física.

O principal acontecimento do Império sobre educação física, foi o parecer de Rui Barbosa, que ainda em nossos dias, mais de sessenta anos depois, forçoso é reconhecer, constitui uma peça magnífica.

A situação da educação física nas escolas primárias e secundárias não era das mais satisfatórias. Muito embora existisse a obrigatoriedade em lei, não havia pessoal especializado nem a maioria dos estabelecimentos dispunha de instalações adequadas. Relativamente à educação física feminina, a situação era mais grave, em virtude da ostensiva resistência por parte das alunas e, principalmente, dos pais destas. A luta contra a falta de espaço livre destinado à prática dos exercícios físicos já era intensa, uma vez que o mesmo não era previsto quando se criavam as escolas.

Nas províncias, muitas ignoravam a existência do problema da "educação física", enquanto outras procuravam, dentro dos seus poucos recursos, contemporizar a solução do mesmo.

Bibliografia de educação física do período do Império

Além das obras e teses já citadas e comentadas, há que acrescentar mais as seguintes:

Influência da Educação Física do Homem, de Antônio Nunes de Gouveia Portugal, 1853.

Reflexões sobre a educação física e moral da infância, do Dr. Ignacio Formo Xavier, 1854.

Opúsculo sobre a educação física dos meninos, do Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento, 1858.

Novo Guia para o ensino de ginástica para as escolas públicas da Prússia, traduzido e publicado por ordem de S. Excia. o Sr. Ministro do Império, 1870.

Higiene e Educação Física da Infância, traduzido e publicado em honra à S. M. o Sr. D. Pedro II, 1889.

O VOCABULÁRIO MAIS FREQUENTE NA LEITURA COMUM DO ADULTO (*)

Os estudos acerca da linguagem apresentam especial interesse à compreensão do desenvolvimento mental na criança e no adolescente, e fornecem, por isso mesmo, base para a resolução de numerosas questões de aplicação pedagógica.

Entre essas questões, figuram as do preparo de adequado material para a aprendizagem da leitura e da escrita; as de adaptação da linguagem, nos textos didáticos ou recreativos, às diferentes idades; as de organização de provas para diagnóstico mental e para verificação geral do rendimento do ensino; e enfim, as da didática da língua em qualquer nível de ensino.

Tendo em vista esses pontos, todos compreendidos em seu programa, vem o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos realizando extensa investigação relativa à linguagem da criança e do adulto. Três pesquisas distintas, entre si estreitamente relacionadas para apoio e controle recíproco, foram lançadas por esse órgão do Ministério da Educação, a partir do ano de 1939: uma, tendente a fixar o vocabulário de expressão espontânea, ou simplesmente, o *vocabulário ativo*, na idade pré-escolar; outra, relativa ao *vocabulário de compreensão*, ou de mero reconhecimento, na idade escolar inicial; e, enfim a terceira, destinada a reconhecer o *vocabulário de maior freqüência na leitura comum do adulto*.

Da primeira pesquisa, que teve a colaboração da professora Heloísa Marinho, já se publicaram os resultados, no boletim n.º 27, do I. N. E. P., sob o título "A linguagem na idade pre-escolar". Da segunda, realizada em duas mil escolas de todo o país, prosseguem os estudos de apuração. Da última, dá-se a seguir resumido relatório e, bem assim, alguns dos resultados gerais, em índices e listas de palavras de maior freqüência.

(*) Relatório apresentado pelo professor Lourenço Filho, diretor do I. N. E. P., ao Sr. Gustavo Capanema. Ministro da Educação.

Tal pesquisa foi *em parte* realizada na Seção de Psicologia Aplicada e, em parte, na Seção de Inquéritos e Pesquisas do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, uma e outra, em períodos diversos, sob a chefia imediata do professor Manoel Marques de Carvalho; o estudo das questões de probabilidade, para determinação da frequência relativa das palavras, coube ao professor Jacyr Maia, chefe da Seção de Orientação e Seleção Profissional. Na ausência temporária do chefe da Seção de Psicologia Aplicada, parte do trabalho de tabulação foi coordenada pela professora Inês Bomücar Besouchet. No trabalho, teve-se principalmente a colaboração de Cid de Faria Ognibene, Daisy Faria Rocha, Edna Fernandes, Euridice Freitas, Gaudencio Barbosa, Maria M. Mesquita e Selene Tigre Terra. Outros servidores prestaram-lhe auxílio eventual, e uma dezena de estudantes, aceitos como tarefeiros, por alguns meses, tomou parte também nas atividades de tabulação.

Considerando a dedicação e o cuidado posto na coordenação geral do trabalho pelo professor Manuel Marques de Carvalho, e o valor da contribuição do professor Jacyr Maia, a direção do I. N. É. P. determinou fossem eles elogiados em portaria, e elogiados também outros servidores que tiveram a seu cargo algumas das mais delicadas partes da investigação.

OS OBJETIVOS GERAIS DA PESQUISA

Os objetivos gerais da pesquisa eram os seguintes:

- a) verificar a amplitude do vocabulário usual na linguagem escrita, em língua portuguesa, no Brasil;
- b) verificar quais as palavras de uso mais freqüente na leitura comum do adulto;
- c) verificar a extensão do vocabulário fundamental e, possivelmente, a de vocabulários especializados, no material de leitura comumente utilizado pelo adulto;
- d) verificar a freqüência das palavras, segundo as categorias gramaticais;
- c) examinar outros pontos de imediato interesse para o ensino da leitura e escrita.

Subsidiariamente, a pesquisa forneceria elementos para estudo de vários problemas relativos à evolução da linguagem e de seu nível médio no adulto.

PLANO GERAL E MÉTODO

O método a empregar seria a do *exame quantitativo* de farto material impresso, em livros, revistas e jornais, tomado de fontes suficientemente variadas, para que pudesse cobrir todos os assuntos de interesse geral na leitura, e em amostras tão extensas que permitissem observação da variação normal da freqüência das palavras, numas e noutras dessas fontes.

Desde que a esses dois pontos se atendesse, o da variedade das amostras e o da extensão de cada uma, ter-se-ia material conveniente para a investigação projetada.

a) *Quantidade de palavras examinadas*

Os mais extensos dicionários da língua portuguesa registram pouco mais de 150 mil vocábulos; acrescidos termos técnicos, arcaísmos ainda prestantes, e neologismos, é de supor que o montante geral não exceda duzentos mil (1).

Não se pretendia reconhecer o uso desse vocabulário total, diversamente utilizado na linguagem oral ou escrita, na linguagem literária, didática ou epistolar, e variável, nessas aplicações, segundo seus objetivos imediatos. O método a empregar, em cada uma dessas hipóteses, teria de ser outro.

No caso da linguagem oral, por exemplo, como se vê de trabalho publicado pelo I. N. E. P., *A linguagem na idade pre-escolar*, o método foi o de notação direta da fala; nos casos de linguagem escrita especializada — literária, didática, epistolar — o exame teria de cingir-se a amostras pertinentes a cada uma delas e tão somente a cada uma (2).

(1) O *Pequeno Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, editado pela Academia Brasileira de Letras, em 1943, e que também registra termos científicos e palavras corrente na linguagem vulgar, arrola aproximadamente 125.000 palavras.

(2) Cf., por exemplo, BUARQUE DE HOLLANDA, A., *Linguagem e estilo de Machado de Assis*, Revista do Brasil, julho-agosto, 1939; LIVELY, B. A., and PRESSEY, S. L., *A method for Measuring the Vocabulary Burden of Text books*, 1923; STREHLNEEK, Olga, *Estudo comparativo de seis cartilhas em uso nas escolas paulistas*, Depart. de Cultura, de S. Paulo, 1941; AYRES, L. P., *The Spelling Vocabularics of Personal and Business Letters*, Russel Sage Foundation, 1913.

No estudo que se tinha em vista, devia-se procurar reconhecer, ao envez, na diversidade de gêneros e autores, um *vocabulário fundamental*, tal como se apresentasse pela constância da -repetição de seus elementos no material de leitura do adulto.

Ora, pesquisas do mesmo gênero, realizadas em diversas línguas, têm demonstrado que esse vocabulário *é muito menos externo* de que à primeira vista possa parecer; por outro lado, que ele não apresenta, quanto à extensão, maior relação com a extensão total do léxico de cada língua.

Na verdade, o contingente de palavras de uso muito freqüente qualquer que seja o idioma, é sempre muito reduzido, como se verifica dos trabalhos de THORNDIKE, em relação ao inglês; de CHEYDLEUR e VANDER BEKE sobre a língua francesa; de MORGAN e HAUCH, sobre a língua alemã; e KENISTON e BUCHANAN, sobre o espanhol (3)

Nesse vocabulário fundamental, e, por isso mesmo, de uso obrigatório para todos os que escrevem, não se encontram mais que algumas centenas de palavras de que depende a estrutura mesma do idioma; artigos, adjetivos demonstrativos, pronomes, preposições, conjunções; certo número de verbos (*ser, estar, ter, fazer*); de advérbios mais necessários à expressão (*afirmação, negação, tempo, modo*); e ainda de algumas centenas de substantivos concretos e de adjetivos qualificativos, ligados à percepção imediata de cada coisa ou pessoa. A freqüência relativa desses elementos é sensivelmente a mesma, quer se examinem textos com cinquenta mil palavras ou com duzentas mil. Praticamente, são esses mesmos elementos que formam o vocabulário fundamental da criança de sete anos e o do adulto.

Algumas centenas mais de verbos, substantivos e adjetivos aparecem com freqüência ainda muito ponderável até o limite de um milhar de palavras; no milhar subsequente, porém, desde que se tome suficiente material para análise, os índices de freqüência baixam enormemente. Tornam-se depois apenas sensíveis, em quatro mil outras palavras, e ultrapassado esse limite, todos os vocábulos restantes do idioma tem a mesma probabilidade de ocorrência na leitura ordinária do adulto.

(3) THORNDIKE, E. L., *The Teacher's Word Book*, 1935; CHEYDLEUR, F. D., *French Idiom List*, 1929; VANDER BEKE, G. E., *French Word Book*, 1929; MORGAN, B. Q., *A German Frequency Word Book*, 1928; HAUCH, E., *A German Idiom List*, 1929; KENISTON, H., *A Spanish Idiom List*, 1929; BUCHANAN, M. A., *A Graded Spanish Word Book*, 1932.

É que o vocabulário, oral ou escrito, depois do primeiro milhar de palavras, tende normalmente a especializar-se, segundo necessidades individuais ou de grupos limitados, em função dos interesses profissionais e, mesmo, em parte, do gosto pessoal. O estudo poderá prosseguir, então, no sentido desses vocabulários especializados, não mais de um *vocabulário básico*.

Considerada essa realidade, verificava-se que material tomado a várias fontes, com trezentas mil palavras, seria suficiente para a pesquisa, pois nele haveria alta probabilidade de se representarem, com frequência normal, os mil vocábulos de que todos os autores, em todos os gêneros, são levados a usar, e ainda os cinco milhares subseqüentes, de emprego relativamente freqüente.

Para maior segurança dos resultados, a pesquisa do I. N. E. P. baseou-se, porém, em material muito mais abundante. É assim que examinou 428 261 palavras impressas, tomadas a 13 diferentes fontes.

b) Fontes Escolhidas

Como já se acentou, a variedade das fontes, para conveniente diferenciação de teor do vocabulário das amostras a examinar, seria da maior importância para a validade da pesquisa.

Depois de suficiente exame deste aspecto, decidiu-se que esse material devesse compreender matéria de jornais diários, em todas as suas seções; revistas de cunho não excessivamente técnico ou especializado, também em todas as seções; obras literárias, ou de ficção, de autores contemporâneos, uma das quais considerada como clássica, mas de leitura corrente, e outras de produção do momento; obras de assuntos referentes à vida familiar, à vida religiosa, econômica, administrativa e educacional. Por esse forma, o vocabulário de uso mais provável a leitores adultos, de mediana cultura, ficaria completamente coberto. Os critérios de escolha tiveram em vista os interesses de leitura revelados pelo movimento editorial e pela frequência de obras consultadas em bibliotecas; atenderam ainda à origem das fontes, pelas várias regiões do país.

Dentro desses critérios, tomou-se o material necessário às treze fontes seguintes :

- I. MACHADO DE Assis, *Dom Casmurro* (romance), W. M. Jackson Inc., 1940, Rio de Janeiro. 436 págs. Palavras registradas, 55 021.

- II. ERICO VERÍSSIMO, *Olhai os lírios do campo* (romance), Livraria do Globo, 1940, Porto Alegre, 8.º edição, 302 págs. Palavras registradas, 33 354.
- III. O. BILAC e M. BOMFIM, *Através do Brasil*, (narrativa), Livraria Francisco Alves, 1939, Rio de Janeiro, 31.ª edição revista, 314 págs. Palavras registradas, 22 758.
- IV. EVERARDO BACKHEUSER, *Técnica da Pedagogia Moderna*, (teoria e prática da Escola Nova), Civilização Brasileira, 1936, Rio 2.ª edição, 311 págs. Palavras registradas, 34 473.
- V. ROCHA POMBO, *História do Brasil* (curso fundamental). Edições Melhoramentos. 1940, São Paulo, 3.ª edição 605 págs. Palavras registradas, 35 334.
- VI. COLEÇÃO F. r. D., *História Sagrada* (curso médio), Paulo de Azevedo Cia., s/data, Rio de Janeiro, 352 págs. Palavras registradas, 37 126.
- VII. OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO, Rio de Janeiro, (Revista mensal), Diretor Valentim F. Bouças. 1941. N.º 61, Ano VI 202 págs. Palavras registradas, 27.091.
- VIII. REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, Rio de Janeiro, 1940, julho a dezembro, Ano 39, vol. 60.607 págs. Palavras registradas, 39.424.
- IX. VIDA DOMÉSTICA, Rio de Janeiro, (Revista mensal), Fevereiro de 1941 . Palavras registradas, 36.163.
- X. CORREIO DA MANHÃ, (jornal diário), Rio de Janeiro Exemplar de 23 de abril de 1941. Ano VL, n.º 14 253. Diretor: M. Paulo Filho. 12 págs. Palavras registradas, 24 648.
- XI. CORREIO DO POVO, (jornal diário), Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Exemplar de 27 de abril de 1941. Ano XLVII, N.º 98, Diretor, Breno Caldas. 22 págs. Palavras registradas, 31.749.
- XII. DIÁRIO DA MANHÃ, (jornal diário), Recife, Pernambuco. Exemplar de 27 de abril de 1941. Ano XV, N.º 4.202, 8 pags. Diretor: Pedro de Souza. Palavras registradas, 22.040.
- XIII. DIÁRIO OFICIAL, do Governo da União, edição de 22 de abril de 1941. N.º 91, Rio de Janeiro 107 págs. Palavras registradas, 29.080.

A maior amostra foi tomada ao livro de Machado de Assis, com 55 021 palavras; a menor ao exemplo do "Diário da Manhã", do Recife, com 22 040 palavras.

c) Processo para Notação e Tabulação

Sobre o material de cada amostra, sublinhou-se, primeiramente, cada palavra, segundo a categoria gramatical correspondente, no que se empregaram traços de cores diversas, segundo convenção sempre respeitada.

Isso visava a dois fins: a) facilitar a verificação da freqüência das palavras, segundo as categorias gramaticais; b) verificar a ocorrência de artigos, pronomes, adjetivos demonstrativos, possessivos, interrogativos e numerais e palavras invariáveis em sub-amostras, de maior ou menor extensão, para fixação, desde logo, da probabilidade da ocorrência dessas palavras, nas mesmas sub-amostras.

Feita a referida notação preliminar, procedeu-se à tabulação das palavras. Para registro, utilizaram-se 13 exemplares do "Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa", organizado por Estevão Pinto, ed. da Livraria Globo, Porto Alegre, com os acréscimos que a variedade do material viesse a indicar.

Como seria necessário, realizou-se o devido treino das pessoas indicadas para tabuladores. Trabalho por sua natureza monótono, exigia prévia seleção, como se faz, a fim de que pudesse ser obtida suficiente precisão. Houve também o cuidado de não se permitir trabalho muito alongado em cada sessão e em cada dia, afim de evitar lacunas ou enganos, por fadiga.

Terminada a tabulação, que ocupou mais de vinte meses, fizeram-se apurações parciais, em listas alfabéticas, segundo os resultados de cada amostra. Conferências repetidas foram realizadas, por pessoas que não houvessem trabalhado na fase de tabulação com o mesmo material.

Listas alfabéticas gerais foram depois preparadas, com a transcrição dos resultados parciais de cada amostra, e a totalização dos resultados referentes a cada um dos 13 826 vocábulos diferentes encontrados em todo o material analisado.

Nessas listas, apresentavam-se as palavras de maior ocorrência, não só pela sua freqüência geral, como pela freqüência em maior ou menor número de amostras.

Na apresentação final, não se consideravam como *novos vocábulos* as flexões de gênero e número, nos substantivos, adjetivos e pronomes; nem as de diminutivo e aumentativo, quando regulares; nem as flexões dos verbos.

Aplicado o critério estatístico, pelo qual se definia a qualidade de *palavras freqüentes*, transcreveu-se cada um dos vocábulos compreendidos na classificação em uma ficha, com os respectivos *índices de freqüência total; de freqüência por amostra*; e, enfim, seu respectivo *coeficiente de freqüência relativa*.

Estavam, assim, preparados os elementos para avaliação final, por critério estatístico. Segundo os índices anotados, seria possível levantar as listas de palavras, quer por ordem absoluta de freqüência, quer por ordem alfabética, como também pelas respectivas categorias gramaticais, ou outros característicos.

d) *Avaliação da freqüência relativa de cada palavra*

Em pesquisas do mesmo gênero, realizadas no estrangeiro, para as línguas inglesa, francesa, alemã e espanhola, usaram-se de diferentes critérios para a avaliação da *freqüência relativa* de cada palavra.

Vários pesquisadores, trabalhando embora com vocábulos colhidos a diferentes amostras, procederam à sua classificação tão somente pela ordem decrescente de número que exprimisse a soma das freqüências parciais dessas amostras (4).

BUCHANAN, na pesquisa sobre o vocabulário da língua espanhola, empregou, por sua vez, a seguinte fórmula:

$C = \frac{N}{n}$, em que N é a freqüência total da palavra, no universo observado; n, o número de fontes, e C, o coeficiente procurado (5).

VANDER BECKER, no estudo que realizou sobre o vocabulário da língua francesa, ordenou as palavras segundo o número de fontes em

(4) HENEMON, A. C, *A Gradcd Spanish Word Book*.

(5) BUCHANAN, *Ob. cit.* O Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos tem informação de que está fórmula será também adotada pelo "Committee of the Advancement of Portuguese Teaching", em estudos a que procede sobre o assunto.

que cada uma aparecia, e, depois, fêz nova ordenação pela freqüência no grupo total das palavras encontradas (6).

THORNDIKE, para organização de seu "Teacher's Word Book of Twenty Thousands Words" aplicou também coeficiente arbitrário (7).

Entendeu o i. N. E. P. que a avaliação deveria levar em conta não só a freqüência de cada palavra, em relação ao total das palavras tabuladas, mas, também, a distribuição de freqüência de cada palavra *segundo o número de fontes* em que aparecesse, e que, no caso desta pesquisa, eram 13.

Um coeficiente quadrático, em função do número de fontes, pelo qual fossem multiplicadas as freqüências, consideraria os dois aspectos já referidos, mas serviria apenas para ordenar as palavras, ou para *classificá-las*, não considerando, porém, a maneira real da apresentação do fenômeno. Em outros termos, a lei da distribuição das palavras, no universo e em cada fonte, não seria por uma fórmula desse tipo considerada de modo perfeito.

Experimentou-se, por isso, aplicar coeficiente em função dos seguintes elementos:

- a) probabilidade do aparecimento de cada palavra, no grupo total;
- b) probabilidade do aparecimento de cada palavra em número mínimo determinado de fontes.

Para esse efeito determinaram-se, primeiramente, as probabilidades empíricas, isto é, as *freqüências relativas* no grupo total; depois, as *probabilidades do aparecimento em número determinado de amostras*, de 1 a 13; e, enfim a *expressão combinada dessas probabilidades*, considerado em mínimo de freqüência no total, e no aparecimento de cada palavra num mínimo determinado de fontes.

Levantadas tabelas completas, com a variação das probabilidades, empíricas, segundo os dois elementos referidos, fez-se pelos coeficientes resultantes a classificação das palavras registradas, ponto inicial para o exame de interpretação do material sistematizado (8).

(6) VANDER BEKE, *ob. cit.*

(7) THORNDIKE, E. L., *ob. cit.*

(8) A justificação do critério estatístico aqui enunciado será feita no volume que o i. N. E. P. fará publicar dentro em breve, com os resultados gerais da investigação de que trata este relatório.

RESULTADOS GERAIS DA PESQUISA

a) *Números de vocábulos diferentes*

Em todo o material, provindo das treze fontes indicadas, e que alcançava o número de 428 261 palavras impressas, encontraram-se 13 826 vocábulos diferentes, não computados os nomes próprios, os numerais, e, como seria natural, os dísticos em língua estrangeira.

De cada palavra variável, só se fez um registro, não havendo sido tabuladas, como novas, as flexões dos substantivos, adjetivos e pronomes: nem as formas de conjugação, para os verbos.

O número de *vocábulos diferentes*, segundo cada amostra, foi o seguinte :

<i>Amostras</i>	<i>Número de vocábulos diferentes</i>
I. (<i>Dom Casnirro</i>).	3824
II. (<i>Olhai os lírios do campo</i>).	3501
III. (<i>Através do Brasil</i>).	2858
IV. (<i>Véc. da Pedag. Mod.</i>).	3887
V. (<i>História do Brasil</i>).	3793
VI. (<i>História Sagrada</i>).	3699
VII. (<i>Observ. Econômico</i>).	3546
VIII. (<i>Rev. Acad. de Letras</i>).	3640
IX. (<i>Vida Doméstica</i>).	5853
X. (<i>Correio da Manhã</i>).	3535
XI. (<i>Correio do Povo</i>).	3762
XII. (<i>Diário da Manhã</i>).	- 3551
XIII. (<i>Diário Oficial</i>).	1820
<i>Número médio, por amostra</i>	3575

O fato de variar grandemente, de uma para outra amostra, o contingente de *palavras diferentes*, explica porque o total dessas palavras, em todo o conjunto, subiu a 13.826, embora a média de palavras diferentes, em cada amostra, só se representasse como 3 575.

O menor número de palavras diferentes era o da amostra XIII (*Diário Oficial*), e o maior, o da amostra IX (*Vida Doméstica*).

O número de palavras diferentes, *registradas em todas as amostras* não excedeu de 251, contingente esse que pode ser considerado como a *parte nuclear*, ou obrigatória à estrutura mesma da língua.

E' de notar que, em cerca de metade do total das palavras diferentes, que foi como se viu de 13.826, cada uma delas só se apresentou *uma única vez*, em todo o material analisado. Conclue-se, portanto, que o vocabulário útil, mais comumente empregado na linguagem escrita, pode ser estimado em cerca de sete mil palavras.

b) *Vocabulário "ativo" e vocabulário de "reconhecimento"*

O resultado acima indicado encontra absoluto apoio nas investigações realizadas sobre o limite do *vocabulário ativo*, oral ou escrito, e sobre o *vocabulário de reconhecimento*, próprio de cada indivíduo (9).

O *vocabulário ativo*, ou seja aquele de uso espontâneo, quando verificado sob as mesmas condições adotadas na pesquisa do I. N. E. P. — isto é, excluídas do computo geral as flexões verbais, os nomes próprios e os numerais — apresenta-se, para cada pessoa, em média, com o total aproximado de sete mil palavras.

Adquirido em rápida progressão, na idade dos estudos primários e primeiros anos dos secundários, esse vocabulário praticamente se estabiliza aos quinze anos. Nas idades ulteriores, altera-se mais em qualidade, ou sentido de especialização, que em quantidade.

Ao contrário, o *vocabulário de reconhecimento* continuará ainda a crescer, com variações individuais, muito grandes, segundo as necessidades de uso da linguagem e as modalidades de seu emprego na vida profissional. Desde o início da aquisição da linguagem é ele maior que o *vocabulário ativo*. Aos quinze anos apresenta, em média, 30 mil palavras; aos trinta anos, pode chegar a 60 mil.

O vocabulário estudado pela pesquisa do I. N. E. P., em cada amostra, quando de autoria individual, teria indicado, necessariamente,

(9) Cf., SMITH, M. K., *Measurement of the size of general vocabulary*, Genet. Psychol. Monogr. 1939, págs. 311-345.- Tb. Introdução ao vol. *A linguagem na idade pre escolar*, bolet. n.º 27, do I. N. E. P., 1944, Rio de Janeiro, 72 págs.

o *vocabulário ativo* do respectivo autor. O resultado de todas as amostras indica o *vocabulário ativo* de todos os autores, na parte que lhes seja comum, e ainda, de forma acumulada, na parte individual de cada um.

E' de observar que os grandes escritores, em geral, usam de vocabulário restrito. Para compor "Dom Casmurro", Machado de Assis utilizou apenas 3824 palavras diferentes. Olavo Bilac e Manoel Bomfim, no livro "Através do Brasil", empregaram 2858. A "Revista da Academia de Letras", no exemplar analisado, com produção de numerosos autores, apresenta apenas 3640 (10).

A primeira vista, deveriam os jornais, em virtude da variedade dos assuntos de que tratam, e da colaboração de muitos, apresentar número muito maior de palavras diferentes. O exemplar do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro, que serviu como uma das fontes, continha, porém, apenas 3535 vocábulos diferentes; o do "Correio do Povo", de Porto Alegre, 3762; o do "Diário da Manhã", do Recife, 3551 — sempre excluídos os nomes próprios e os numerais.

Tais índices reafirmam a existência de *vocabulário ativo* limitado. Para os leitores, é evidente, o texto de livros e jornais apresenta material que lhes faz apelo ao *vocabulário de reconhecimento*. Para a leitura comum, em textos correntes, como os que serviram de fontes a esta pesquisa, pode-se asseverar, não se tornam necessários mais que 13 mil vocábulos, pois tantos foram os registrados pela pesquisa do I. N. E. P., mesmo incluídos os que apareceram por uma só vez em todo o material de 428 261 palavras impressas.

c) *Categorias Gramaticais*

Em todo o texto examinado, em que proporção se distribuíam as palavras, segundo as *categorias gramaticais*?

Deste aspecto da linguagem fêz-se estudo minucioso com relação a uma das amostras, I. Nela, cabe a primazia aos verbos, com cerca de

(10 Verificado, como está, que há cartilhas para aprendizagem da leitura, de uso corrente em nossas escolas, que apresentam cerca de *três mil palavras diferentes*, logo se perceberá o alcance prático que pode oferecer esta pesquisa, do I. N. E. P., interpretada em face dos resultados das duas outras investigações, também por esse órgão empreendida: uma representa à linguagem na idade pré-escolar, e outra, sobre o vocabulário na idade escolar inicial. V. bolet. n.º. 27, e *Investigação sobre o vocabulário infantil*, lista preliminar, 1942, Rio, 34 págs.

22%; muito perto lhes ficam os substantivos, com 19% ; as preposições seguem-se logo aos nomes, com 13%; os artigos se representam com 11%.

Alcançaram ainda elevada percentagem as conjunções (9%) e os advérbios (8%); os pronomes pessoais se representaram apenas com 7%; e os adjetivos qualificativos, com 4%.

As demais espécies (possessivos, demonstrativos, indefinidos), os numerais, e, ainda as interjeições, preencheram os 7% restantes.

A observação da amostra estudada revela que há sensíveis variações, na taxa geral dos adjetivos e dos advérbios, de uma para outra amostra segundo os assuntos tratados e o gosto literário dos autores. Não existe, no entanto, mudança de proporção quando às duas categorias mais representadas, a do *verbo* e do *substantivo*, que, em todas, ocupam os primeiros lugares.

De modo geral, pode-se dizer que, em cada seis palavras, aparece uma forma verbal; em cada sete palavras, um nome; em cada oito, uma preposição; em cada dês, um artigo (11).

Não se deverão confundir estes índices, relativos às categorias gramaticais, com os da distribuição dos elementos que os representem, mais ou menos variáveis, segundo essas categorias. Assim, o artigo definido *o, a, os, as*, aparece como a palavra mais freqüente, em todo o material analisado, porisso que só apresenta essas formas. Isto não significa, porém, que o artigo seja a categoria gramatical mais freqüente.

Em cada dez palavras há probabilidade da ocorrência, pelo menos, de um verbo, um substantivo, uma preposição e um artigo. De cada trinta palavras, de um texto qualquer, há probabilidade da repetição *do mesmo vocábulo*. O artigo *o, a, os, as*, tem a maior probabilidade desta repetição, seja na forma normal, seja em contração com as preposições *de, em e per*.

d) *Lista de palavras*

As investigações realizadas no estrangeiro, para reconhecimento do vocabulário básico de diferentes idiomas, têm oferecido, em geral, como resultado, uma só lista de palavras, ordenadas pela ordem de freqüência, absoluta ou relativa, segundo critério variáveis.

(11) Neste conjunto, foram considerados também os nomes próprios.

Não pareceu ao I. N. E. P., porém, que a apresentação de unia só lista pudesse servir à segura compreensão do problema, ou melhor, dos vários problemas que a investigação havia revelado.

Na verdade, haverá a considerar, no estudo do material de leitura comum do adulto, vários e importantes aspectos, dos quais convém salientar, desde logo, os seguintes:

1) o da existência de um *grupo nuclear de palavras*, que não excede de algumas centenas, (artigos, preposições, conjunções, advérbios, pronomes, pequeno número de verbos, nomes e adjetivos), e que, por constituírem os pontos de articulação entre demais elementos do vocabulário, sempre variáveis, são de ocorrência necessária em todos textos, qualquer que seja o assunto tratado, o gênero da composição, o nível de cultura e o gosto literário do autor;

2) o da existência de cerca de mil vocábulos, de elevada frequência relativa, na grande maioria dos textos, por servirem ainda à formação de locuções conectivas, ou à expressão de noções comuns, e, neste caso, especialmente representados por verbos, nomes e adjetivos; oferecem eles sobre os elementos nucleares da língua, já referidas, como que o cabedal ordinário da expressão oral e escrita;

3) o da existência de duas mil palavras, já a serem agrupadas em índices de frequência muitíssimo variável, e a que, não obstante, cabe a qualificação de *vocabulário básico da língua escrita*, por nele se apresentarem elementos de frequência ainda significativa, quando se examine material numeroso e variável, colhido a fontes das mais diversas procedências;

4) e, enfim, o da existência de seis milhares de palavras, que ocorrem, ao *menos uma vez*, em um terço de amostras, desde que sejam estas suficientemente numerosas e variadas quanto aos assuntos, gêneros de composição e nível de cultura dos autores; esses elementos darão a descrição do *vocabulário ativo* mais provável na grande maioria das pessoas que escrevem.

Em conseqüência, a apresentação dos resultados de pesquisas deste gênero, não poderá ficar limitada a um e único critério de ordem estatística, mas a vários deles, e embora entre si relacionados, todos distintos. Só por essa forma, com efeito, será possível, obter precisa descrição dos fatos que se pretenda estudar, e para os quais se exigirá interpretação não apenas numérica, mas de ordem filológica, psicológica e sociológica.

Na publicação preliminar, que ora se faz dós resultados da pesquisa do I. N. E. P., e que tem por fim especialmente, atrair para o problema a atenção dos estudiosos do assunto, nesses variados domínios, procurou-se atender a todos os pontos anteriormente indicados.

São, assim, apresentadas quatro diferentes listas:

1) lista n.º 1, constante dos *vocábulos presentes em todas as amostras* no material examinado, em número de 13, de que logo se depreende que a freqüência absoluta, em todo o contexto de 428.261 palavras, deveria ter sido, pelo menos, a expressa por aquele número 13, e de que o $c <$ eficiente de distribuição pelas amostras, teria sido sempre igual a unidade;

2) lista n.º 2, constante de *vocábulos presentes em, pelo menos, 9 amostras*, de que se depreende que a freqüência absoluta teria sido, no mínimo, a desse número, e o coeficiente de distribuição pelas amostras teria variado entre 0,6923 e a unidade;

3) lista n.º 3, constante dos dois mil elementos a serem considerados como os do *vocabulário básico* da língua escrita, que, segundo o critério combinado da freqüência absoluta e o da freqüência $\lambda > r$ amostras, qualquer que hajam sido os valores de uma e outras, evidenciaram maior probabilidade de ocorrência em qualquer texto escrito, de teor não estritamente especializado; a freqüência absoluta oscilou, na composição desta lista de 18.541 a 14; o índice de distribuição por amostras, de 0,1538 a 1,0000 (valores extremos).

4) enfim, lista n.º 4, constante de 6 mil vocábulos, apurados pelo mesmo critério de determinação de freqüência relativa, ou do coeficiente da probabilidade de ocorrência, em qualquer texto, e que oferecem, segundo esse critério, a descrição do *vocabulário ativo, na média das pessoas que escrevam em língua portuguesa, no Brasil*, em nosso tempo; nessa lista a freqüência absoluta oscilou de 18.541 a 4, e o coeficiente de distribuição por amostra de 0,0769 a 1,000.

CONCLUSÃO

O material recolhido e sistematizado pelo I. N. E. P. nesta ampla investigação, oferece, desde já, elementos para seguro estudo de numerosas questões de imediato alcance pedagógico, como também para a proposição de variados problemas de natureza filológica, psicológica e

social, segundo análise particularizada das várias amostras, ou de grupos de amostras.

O cotejo desse material com o do vocabulário da criança em idade escolar, em fase de apuração final, e o do pre-escolar, já publicado, dará elementos para fecundas indagações de psicologia genética e de lingüística.

A direção do I. N. E. P. tem perfeita consciência das prováveis lacunas e imprecisões existentes no trabalho que fez realizar, e da incidência de certa taxa de erro experimental irredutível em pesquisas deste gênero, mau grado as precauções, e a fundamentação técnica que se imprima a longas e complexas investigações como esta.

A publicação preliminar, que agora se faz, é realizada, justamente, com o propósito de expor o trabalho à crítica dos entendidos, e ainda, às observações de todos os cultores dos vários domínios de estudo da língua, da psicologia, e da pedagogia, e cuja contribuição será sempre bem recebida pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos.

LISTA N.º 1 — VOCÁBULOS PRESENTES EM TODAS AS AMOSTRAS DE LEITURA COMUM DO ADULTO (ELEMENTOS NUCLEARES DA LÍNGUA E OUTROS, EM NÚMERO DE 252.)

<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>	<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>
1 — O (art.)	18.541	32 — Novo		691
2 — De	11.250	33 — Por		690
3 — Ser	7.575	34 — Algum		675
4 — E	4.425	35 — Já (adv.)		648
5 — Não	4.374	36 — Ano		M7
6 — Em	3.454	37 — Como		631
7 — Que (conj.)	3.176	38 — Ainda		599
8 — A (prep.)	2.876	39 — Vir		595
9 — Ura	2.357	40 — Saber (v.)		576
10 — Ter	2.120	41 — Ficar		572
11 — Mais	1.732	42 — Este		563
12 — Fazer	1.560	43 — Pelo		563
13 — Todo	1.536	44 — Dever (v.)		555
14 — Estar	1.442	45 — Hora		541
15 — Ir	1.438	46 — Tempo		526
16 — Se (pron.)	1.339	47 — Ou		S23
17 — Dizer	1.331	43 —	Querer	521
18 — Me	1.329	49 — Também		520
19 — Que (pron.)	1.313	50 ---	Filho	493
20 — Poder (v.)	1.255			
		51 —	Assim	472
21 — Para	1.227	52 ---	Bem	456
22 — Com	1.123	53 ---	Vez	
23 — Haver (v.)	1.109			450
24 — file	1.052	54 ---	Só	443
25 — Dar	1.008	55 — Casa		441
26 — Dia,	967	56 —	Rua	441
27 — Seu	893	57 — Deixar		432
28 — Meu	853	58 — Falar		430
29 — Ver	757	59 —	Passar	423
30 — Lhe	740	60 — Bom		411
31 — Mas	698	61 — Parecer		410

<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>	<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>
62	— Primeiro	408	106	— Alto	231
63	— Sempre	384	107	— Fim	228
64	— Hoje	374	108	— Corrente	227
65	— Tomar	367	109	— Seguinte	226
66	— Chegar	365	110	— Tornar	226
67	— Trabalho	356	111	— Pôr (v.)	224
68	— Agora	352	112	— Cada	220
69	— Parte	347	113	— Até	216
70	— Encontrar	335	114	— Mês	215
71	— Cidade	333	115	— Ponto	210
72	— Levar	300	116	— Tarde	208
73	— Entrar	298	117	— Público	206
74	— Geral	297	118	— Ali	204
75	— Esse	295	119	— Obra	202
76	— Meio	290	120	— Professor	197
77	— Achar	287	121	— Caso	195
78	— Aqui	287	122	— Então	195
79	— Terra	285	123	— Esperar	194
80	— Livro	280	124	— Mandar	191
81	— Ouvir	279	125	— Antigo	188
82	— Nome	274	126	— Ordem	188
83	— Certo	271	127	— Vário	186
84	— Receber	270	128	— Perder	180
85	— Quando	269	129	— Apresentar	179
86	— Tanto	259	130	— Abrir	176
87	— Chamar	258	131	— Escrever	176
88	— Pessoa	256	132	— Corpo	173
89	— Último	256	133	— Idéia	171
90	— Família	255	134	— Lugar	171
91	— Apenas	254	135	— Lembrar	170
92	— Número	253	136	— Correr	169
93	— Contar	249	137	— Centro	166
94	— Onde (adv.)	249	138	— Cair	164
95	— Amigo	248	139	— Modo	164
96	— Pedir	244	140	— Servir	163
97	— Qualquer	244	141	— Voz	162
98	— Sem	244	142	— Sala	161
99	— Conhecer	243	143	— Escola	160
100	— País	241	144	— Sobre (prep.)	153
101	— Andar	240	145	— Interesse	148
102	— Continuar	240	146	— Verdade	148
103	— Tratar	239	147	— Entre	147
104	— Força	236	148	— Mesmo	144
105	— Voltar	233	149	— Pé	143

<i>ff_m'</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>	<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>
150	— Porque	143	194	— Princípio	101
151	— Formar	142	195	— Quadro	101
152	— Único	140	196	— Acontecer	100
153	— Assunto	138	197	— Cumprir	100
154	— Presente	138	198	— Entender	99
155	— Criar	137	199	— Qual	99
156	— Sentido	136	200	— Causa	98
157	— Ler	135	201	— Título	95
158	— Constituir	131	202	— Baixo	94
159	— Oferecer	129	203	— Repetir	94
160	— Nenhum	128	204	— Condição	93
161	— Fato	127	205	— Campo	92
162	— Conta	125	206	— Qualidade	87
163	— Possível	125	207	— Entregar	86
164	— Vista	125	208	— Maneira	86
165	— Considerar	124	209	— Atender	85
166	— Principal	124	210	— Prestar	85
167	— Forma	123	211	— Permitir	83
168	— Simples	120	212	— Publicar	83
169	— Português	119	213	— Lançar	82
170	— Pois	118	214	— Completo	81
171	— 'Necessário	117	215	— Compor	81
172	— Questão	117	216	— Desejar	81
173	— Atenção	115	217	— Vencer	80
174	— Diverso	115	218	— Dispor	79
175	— N?da	115	219	— Faltar	79
176	— Partir	113	220	— Particular	79
177	— Esforço	110	221	— Praça	78
178	— Estudo	110	222	— Verificar	76
179	— Referir	110	223	— Destino	75
180	— Idade	108	224	— Adquirir	74
181	— Quem	108	225	— Afirmar	72
182	— Autoridade	107	226	— Empregar	72
183	— Necessidade	107	227	— Futuro	72
184	— Razão	107	228	— Pena	72
185	— Usar	107	229	— Impressão	71
186	— Movimento	106	230	— Concluir	69
187	— Fora	105	231	— Energia	69
188	— Linha	105	232	— Construção	66
189	— Indicar	104	233	— Separar	66
190	— Situação	104	234	— Observar	65
191	— A acompanhar	102	235	— Falta	64
192	— Página	102	236	— Examinar	61
193	— Dúvida	101	237	— Inteiro	59

<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Frcq. absoluta</i>	<i>N.º</i>	<i>Palavras</i>	<i>Freq. absoluta</i>
238	— Observação	58	246	— Vantagem	42
239	— Opinião	54	247	— Expor	40
240	— Igual	51	248	— Auto	37
241	— Obrigiar	47	249	— Mudança	36
242	— Chefe	45	250	— Pesar	31
243	— Estranho	45	251	— Sugerir	30
244	— Admirável	44	252	— Participar	18
245	— Pretender	44			

LISTA N.º 2 — VOCÁBULOS PRESENTES EM 9 OU MAIS
 AMOSTRAS DE TEXTOS DE LEITURA COMUM DO
 ADULTO (1325 ELEMENTOS, NELES INCLUÍDOS OS
 DA LISTA N.º 1.)

A	Agora	Aplauso	Atenção
	Agradável	Aplicar	Atender
A (prep.)	Agradecer	Apontar	Atingir
Abaixo	Água	Apoiar	Atitude
Abandonar	Aí (adv.)	Apoio	Ativo
Abraçar	Ainda	Apreciar	Atividade
Abrir	Alcançar	Apreço	Ato
Absoluto	Alegria	Aprender	Atrás
Abundância	Além	Apresentar	Através
Acabar	Alemão	Aprovar	Atravessar
Acaso	Alguns	Aproveitar	Atribuir
Aceitar	Ali	Aproximar	Atual
Acentuar	Alimento	Apurar	Aula
Achar	Alma	Aquele	Aumentar
Acima	Alto	Aqui	Auto
Acompanhar	Altura	Arma	Autor
Aconselhar	Aludir	Armar	Autoridade
Acontecer	Aluno	Armazém	Autorizar
Acontecimento	Amanhã	Ar	Auxiliar
Acordar	Amar	Arranjar	Auxílio
Acordo	Amigo	Arte	Avançar
Acreditar	Amor	Artigo	Avisar
Acrescentar	Amplo	Artista	Aviso
Adiantar	Andar	Artístico	
diante	Animal	Arvore	
Administração	Animar	Aspecto	B
Administrativo	Ano	Assentar	Bairro
Admiração	Anterior	Assim	Baixar
Admirar	Antes	Assinalar	Baixo
Admirável	Antigo	Assinar	Banco
Admitir	Anúncio	Assistir	Base
Adquirir	Apanhar	Associar	Bastante
Adorar	Aparecer	Assumir	Bastar
Afastar	Apelar	Assunto	Bater
Afirmar	Apenas	Atacar	Beleza
Agitar	Aplaudir	Até	Belo

Bem	Causar	Completamente	Contemplar
Benefício	Cautela	Completar	Conter
Boca	Ceder	Completo	Continente
Bom	Cedo	Compor	Continuar
Bonito	Célebre	Composto	Conto
Braço	Cena	Comprar	Contra
Branco	Central	Comum	Contrário
Brasileiro	Centro	Comunicação	Contribuir
Breve	Cercar	Comunicar	Convencer
Brilhante	Cerimônia	Conceder	Convidar
	Certo	Concentrar	Convir
	Céu	Concluir	Convite
	C	Conclusão	Cooperação
	Chamar	Concorrer	Copa
	Chefe	Concreto	Cor
Cabeça	Chegar	Condernar	Coração
Cabelo	Cheio	Condição	Coragem
Caber	Chorar	Conduzir	Coroa
Cada	Chuva	Conferir	Corpo
Cadeira	Cidade	Confessar	Corrente
Café	Ciência	Confiança	Correr
Cair	Científico	Confiar	Correspondente
Caixa	Círculo	Conflito	Corresponder
Calcular	Circunstância	Conforto	Corrigir
Calmo	Citar	Conhecer	Cortar
Caminhar	Civilização	Conhecimento	Costa
Caminho	Claro	Conjunto	Costume
Campanha	Classe	Conquistar	Couro
Campo	Cobrir	Consciência	Cousa
Cansar	Colega	Conseguir	Crer
Cantar	Colégio	Conselho	Crescer
Canto	Colocar	Conseqüência	Criança
Capacidade	Colorir	Conservar	Criado
Cnpaz	Coluna	Consideração	Criação
Capital	Com	Considerar	Criar
Capitão	Comandante	Considerável	Crise
Caráter	Comando	Consistir	Cristão
Cargo	Combate	Constante	Cuidado
Carinho	Combinar	Constituir	Cuidar
Carne	Começar	Construção	Cujo
Carregar	Comer	Construir	Cultivar
Carro	Comercial	Construtor	Cultura
Carta	Comércio	Consultar	Cumprir
Casa	Cumissão	Consumir	Curiosidade
Casamento	Como	Conta	Curioso
Casar	Companheiro	Contato	Curso
Caso	Comparecer	Contar	
Categoria	Complemento		
Causa			

Curto	Destruir	E	Esclarecer
Custar	Deter		Escola
	Determinar	E	Escolher
	Dever (V.)	Economia	Esconder
	Devidamente	Econômico	Escrever
	Dia	Edifício	Escritor
Dar	Diante	Educação	Escritório
Data	Diferente	Efeito	Esforço
De	Difícil	Efetivamente	Espaço
Decisão	Dificuldade	Ele	Espalhar
Declarar	Digno	Elemento	Espanhol
Decorrer	Diligência	Elevar	Especial
Decreto			
Dedo	Diminuir	Em	Especialmente
Dedicar	Dinheiro	Embarcar	Espécie
Defeito	Direção	Embora	Esperança
Defender	Diretamente	Empenhar	Esperar
Defesa	Diretor	Empregar	Espetáculo
Definir	Dirigir	Emprego	Espírito
Deixar	Disciplina	Empresa	Espiritual
Delicado	Discurso	Encaminhar	Esposo
Demais	Discutir	Encanto	Esquecer
Demonstrar	Dispor	Encarregar	Esse
Demorar	Disposição	Encerrar	Essencial
Denominar	Distância	Encher	Estabelecer
Dentro	Distante	Encontrar	Estabelecimento
Depois	Distinguir	Encontro	Estado
Desaparecer	Distintivo	Energia	Estar
Descanso	Distinto	Enfermo	Este
Descer	Distribuir	Engenheiro	Estender
Descoberta	Diverso	Enorme	Estilo
Descoberto	Dividir	Enquanto	Estimar
Descobrir	Dizer	Ensaio	Estímulo
Desconhecer	Dobrar	Ensejo	Estrada
Desde	Doce	Ensinar	Estrangeiro
Desejar	Documento	Ensino	Estranho
Desejo	Doença	Então	Estreito
Deserto	Doente	Entender	Estrela
Desfazer	Doloroso	Entrada	Estudante
Desenvolver	Doméstico	Entrar	Estudar
Desenvolvimento	Dominar	Entre	Estudo
Designar	Domínio	Entregar	Eterno
Depender	Dor	Entretanto	Europeu
Despertar	Dormir	Entusiasmo	Evitar
Derrubar	Doutor	Envolver	Exame
Destacar	Durar	Época	Examinar
Destinar	Duração	Erro	Exatamente
Destino	Dúvida	Escapar	Exceder

Excelente	Ferir	Gente	Imenso
Exclusivamente	Ferro	Geral	Impedir
Exclusivo	Festa	Gesto	Impor
Execução	Ficar	Glória	Importância
Exemplo	Figura	Golpe	Importante
Exercer	Figurar	Gozar	Importar
Exercício	Filho	Gostar	Impossível
Exército	Fim	Gosto	Impressão
Exigência	Final	Governo	Impressionar
Exigir	Firme	Graça	Incluir
Existência	Físico	Grande	Independente
Existir	Fixar	Grau	Indicar
Êxito	Flor	Grave	Indispensável
Explicar	Fogo	Grego	Indivíduo
Expor	Folha	Grupo	Indústria
Exposição	Fonte	Guardar	Infância
Expressão	Fora	Guerra	Infantil
Expressim	Força		Infeliz
Extensão	Forçar	H	Infelizmente
Extenso	Forma		Inferior
Exterior	Formação	Habitante	Influência
Extraordinário	Formar	Harmonia	Informação
Extremo	Fornecer	Haver	Informar
	Forte	Herói	Inglês
	Francês	História	Inicial
F	Franco	Histórico	Iniciar
	Frase	Hoje	Inimigo
Fábrica	Frente	Homem	Inscrição
Fabricação	Frequência	Honra	Insistir
Face	Freqüentar	Hora	Instalar
Fácil	Frio	Humano	Instituição
Facilidade	Fruto		Instrução
Falar	Fugir	I	Instrumento
Falecer	Função		Inteiramente
Falta	Fundamental		Inteiro
Faltar	Fundar	Idade	Intelectual
Família	Fundo	Ideal	Inteligência
Famoso	Futuro.	Idéia	Intenção
Fato		Ignorar	
Favor		Igreja	Intenso
Fazenda	G	Igual	Interessante
Fazer		Igualmente	Interessar
Fé	Gabinete	Ilha	Interesse
Fechar	Gado	Ilustre	Interior
Feito	Ganhar	Imagem	Interno
Felicidade	Garantir	Imaginação	Intervir
Feliz	Gênero	Imaginar	íntimo
Fenômeno	Generoso	Imediatamente	Inútil

Ir	Limitar	Membro	N
Irmão	Limite	Memória	
Isso	Lindo	Menino	Nação
Isto	Língua	Menos	Nacional
Italiano	Linha	Merecer	Nada
	Liquido	Mês	Não
J	Livre	Mesa	Nascer
	Livro	Mesmo	Natural
Já (adv.)	Local	Mestre	Natureza
Jamais	Longo	Metro	Navegação
Jantar	Longo	Meu	Navio
Jóia	Lugar	Militar	Necessário
Jogo	Luta	Mínimo	Necessidade
Jornal	Lutar	Ministério	Negar
Jovem	Luz	Ministro	Negócio
Julgamento		Minuto	Nem
Julgar		Missão	Nenhum
Juiz		Mistério	Ninguém
Juntamente	Má	Misturar	Nobre
Junto	Madrugada	Mocidade	Noite
Justiça	Mãe	Moço	Nome
Juventude	Magnífico	Moda	Nomear
	Maior	Modelo	Normal
	Mais	Moderno	Norte
L	Mal (sub.)	Modificar	Nos (var. pron.)
	Mandar	Modo	Nosso
Lá	Maneira	Moléstia	Notar
Lado	Manhã	Momento	Notável
Lançar	Manifestação	Montanha	Notícia
Largo	Manifestar	.Monte	Novo
Lavar	Manter	Moral	Número
Lavrar	Mão	Morar	Numeroso
Lei	Máquina	.Morrer	Nunca
Leitor	Maravilhoso	Morro (sub.)	
Leitura	Marcar	Morte	O
Lembrar	Marcha	Mostrar	
Ler	Marido	Motivo	O (art.)
Letra	Mas	Mover	O (pron.)
Levantar	Massa	Movimento	Obedecer
Levar	Matéria	Mudança	Objeto
Leve	Material	Mudar	Obra
Lhe	Mau	Muito	Obrigação
Liberdade	Me	Mulher	Obrigar
Lição	Médico	Multidão	Observação
Licença	Medida	Multiplicar	Observar
Ligar	Médio	Mundo	Obter
Ligeiro	Meio	Música	Ocasião

Ocorrer	Parede	Pessoa	Preparar
Ocupar	Parte	Pessoal	Presença
Oferecer	Participar	Plano	Presente
Oficial	Particular	Planta	Presidência
Oficina	Particularmente	Pleno	Presidente
Ofício	Partida	Pobre	Pressão
Olho	Partir	Poder (v.)	Prestar
Onda	Passado	Poderoso	Prestígio
Onde (adv.)	Passageiro	Pois	Pretender
Onde (pron. rei.)	Passagem	Política	Prever
Operar	Passar	Político	Prévio
Operário	Pássaro	Ponto	Primário
Opinião	Passeio	População	Primeiro
Oportunidade	Passo	Por	Primitivo
Ora	Pátria	Pôr	Principal
Oração	Paz	Porém	Principalmente
Orador	Pé	Porriue	Princípio
Ordem	Peça	Porta	Problema
Ordinário	Pedir	Portanto	Proceder
Organização	Pedra	Porto	Processo
Organizar	Pele	Português	Procurar
Órgão	Pelo	Posição	Produção
Orgulho	Pena	Positivo	Produto
Orientar	Penetrar	Posse	Produzir
Origem	Pensar	Possibilidade	Professor
Original	Pensamento	Possível	Profissão
Osso	Pequeno	Possuir	Profissional
Ou	Perceber	Posto	Profundamente
Ouro	Percorrer	Pouco	Profundo
Ouvir	Perda	Povo	Programa
	Perder	Praça	Progresso
	Perfeitamente	Praia	Projeto
	Perfeito	Prático	Promessa
	Pergunta	Prática	Prometer
Padrão	Perguntar	Praticar	Pronto
Padre	Perigo	Prazer	Propor
Pagamento	Perigoso	Prazo	Propósito
Pagar	Período	Precisar	Proposta
Página	Permanecer	Preciso	Propriamente
Pai	Permanente	Preço	Propriedade
País	Permitir	Preferência	Prosseguir
Palácio	Perseguir	Preferir	Proteger
Palavra	Personalidade	Prejudicar	Protestar
Pão	Pertencer	Prêmio	Protesto
Papel	Perto	Prender	Prova
Para	Perturbar	Preocupação	Provar
Parar	Pesar	Preocupar	Providência

Próximo	Recurso	Rigor	Separar
Publicação	Rede	Rio	Ser
Publicar	Reduzir	Riqueza	Série
Público	Referência	Rir	Sério
Puro	Referir	Romance	Serra
	Refletir	Rua	Servir
	Reforma	Rumo	Sessão
	Reger		Seu
	Região		Sexo
	Regime		Significação
	Regra	Saber (v.)	Significar
	Regresso	Sábio	Sim
	Regulamento	Sacrifício	Simpatia
	Regular	Safida	Simplex
	Rei	Sair	Simplemente
	Relação	Sala	Sinal
	Relativo	Salão	Sistema
	Religião	Salvar	Situação
	Religioso	Sangue	Só
	Remeter	Santo	Sob
	Repetir	Satisfação	Sobre (prep.)
	Representante	Satisfazer	Sobretudo
	Representar	Saudade	Social
	Reproduzir	Saúde	Sociedade
	República	Se (pron.)	Socorro
	Reserva	Se (conj.)	Sofrer
	Residência	Seção	Sol
	Residir	Secretário	Soldado
	Resistência	Século	Solene
	Resolução	Segredo	Sólido
	Resolver	Seguinte	Solo
	Respeitar	Seguir	Solução
	Respeito	Segundo	Som
	Responder	Segurança	Sombra
	Responsabilidade	Seguro	Somente
	Responsável	Seio	Sonho
	Resposta	Selvagem	Sorte
	Restante	Sem	Subir
	Restar	Semana	Submeter
	Resto	Semelhante	Substituir
	Resultado	Sempre	Suceder
	Resultar	Senhor	Sucesso
	Retirar	Sensível	Suficiente
	Reunir	Sentido	Sugerir
	Revelar	Sentimento	Sugestão
	Rezear	Sentir	Superior
	Rico	Separação	Surgir

Q

Quadro
Qual
Qualidade
Qualquer
Quando
Quantidade
Quanto
Quarto
Quase
Que (conj.)
Que (pron.)
Quebrar
Queda
Quem
Querer
Querido
Questão
Quilômetro

R

Raio
Ramo
Rapaz
Rápido
Raro
Razão
Real
Realidade
Realização
Realizar
Realmente
Receber
Recolher
Recomendação
Recomendar
Reconhecer
Recordar

S

Saber (v.)
Sábio
Sacrifício
Saída
Sair
Sala
Salão
Salvar
Sangue
Santo
Satisfação
Satisfazer
Saudade
Saúde
Se (pron.)
Se (conj.)
Seção
Secretário
Século
Segredo
Seguinte
Seguir
Segundo
Segurança
Seguro
Seio
Selvagem
Sem
Semana
Semelhante
Sempre
Senhor
Sensível
Sentido
Sentimento
Sentir
Separação

Surpresa	Tocar	Urgente	Vila
Surpreender	Todo	Usar	Vinho
	Tom	Uso	Violento
	Tomar	Utilidade	Vir
	Tornar		Virtude
	Total	V	Visão
Tal	Trabalhador		Visita
Talvez	Trabalhar	Vaga	Visitar
Tamanho	Trabalho	Vago	Visível
Também	Tradição	Valer	Vista
Tanto	Tradicional	Valor	Vítima
Tã ₀	Traduzir	Vantagem	Vitória
Tarde	Transformar	Variar	Viúvo
Tarefa	Tratado	Vário	Viver
Teatro	Tratamento	Vasto	Vivo
Tecido	Tratar	Veículo	Vizinho
Técnico	Travar	Velho	Volta
Tempo	Trazer	Vencer	Voltar
Tentar	Triste	Venda	Volume
Ter	Trocar	Vender	Vontade
Terminar	Tropa	Ver	Voz
Termo	Tudo	Verdade	Vulto
Terra		Verdadeiro	
Terreno	U	Verificar	X
Território		Véspera	
Terrível	Último	Vestir	
Tinta	Um	Vez	
Tio	Unicamente	Viagem	
Tipo	Único	Viajar	Z
Tirar	Unidade	Vida	
Título	Unir	Vigor	Zona

LISTA N.º 3 — VOCÁBULOS CLASSIFICADOS POR SEUS ÍNDICES DE PROBABILIDADE DE OCORRÊNCIA, NUM TEXTO QUALQUER DE LEITURA COMUM DO ADULTO (2.000 ELEMENTOS DE USO MAIS PROVÁVEL A TODOS QUANTOS LÊM E ESCREVEM.)

ÍNDICE 20	Mas	Rua	Quando
	Por	Deixar	Nem
O (art.)	Meu	Falar	Quanto
De	Lhe	Passar	Chamar
Ser	Novo	Bom	Mãe
E	Algum	Parecer	Pessoa,
Não .	JÁ (adv.)	Sentir	Último
Em	Ano	Primeiro	Família
Que (conj.)	Eu	Pouco	Presidente
A (prep.)	Como	Sempre	Apenas
Um	Ainda	Hoje	Número
Ter	Vir	Tomar	Mundo
Mais	Saber (v.)	Trabalho	Contar
Fazer	Homem	olho	Onde (adv.)
Todo	Ficar	Parte	Amigo
Estar	Este	Palavra	Pedir
Ir	Pelo	Social	Qualquer
Se (pron.)	Vida	Sair	Sem
Dizer	Dever (v.)	Aquele	Conhecer
Me	Hora	Esse	Acabar
Que	Se (cont.)	Nosso	Alemão
Poder (v.)	Tempo	Noite	País
Para	Ou	Terra	Mão
O (pron.)	Querer	Pai	Andar
Com	Também	Tão	Continuar
Haver	Viver	Livro	Tratar
Êle	Filho	Ouvir	Força
Dar	Senhor	Tudo	Voltar
Dia	Assim	Pequeno	Realizar
Grande	Bem	Nome	Velho
Muito	VeZ	Quase	Alto
Seu	Só	Certo	Artigo
Ver	Casa	Receber	Fim

Corrente	Idéia	Claro	Linha
Seguinte	Lugar	Declarar	Indicar
Tornar	Lembrar	Mal (sub.)	Situação
Pôr (v.)	Lá	Constituir	Acompanhar
Reunir	Correr	• Convidar	Página
Pensar	Lei	Forte	Dúvida
Precisar	Centro	Mau	Princípio
Cada	Água	Aparecer	Quadro
Até	Cair	Responder	Acontecer
Mês	Modo	Oferecer	Cumprir
Menos	Aí (adv.)	Nenhum	Entender
Ponto	Servir	Religioso	Qual
Tarde	Classe	Fato	Causa
Público	Mulher	Aspecto	Título
Ali	Voz	Demais	Baixo
Estado	Alma	Valor	Repetir
Obra	Sala	Conta	Condição
Brasileiro	Escola	Possível	Campo
Nunca	Capital	Vista	Qualidade
Professor	Coração	Acordo	Entregar
Morrer	Sobre (prep.)	Considerar	Maneira
Seguir	Gente	Principal	Atender
Caso	Próximo	Viagem	Prestar
Então	Momento	Forma	Permitir
Esperar	Interesse	Conseguir	Publicar
Mandar	Verdade	Plano	Lançar
Procurar	Entre	Simplex	Completo
Trazer	Exercício	Português	Compor
Porém	Mesmo	Pois	Desejar
Antigo	Antes	Necessário	Vencer
Ordem	Pé	Questão	Disponer
Vários	Porque	Atenção	Faltar
Menino	Sim	Diverso	Particular
Governo	Formar	Nada	Praça
Lado	Ato	Partir	Verificar
Irmão	Único	Esforço	Destino
Povo	Ensino	Estudo	Adquirir
Mostrar	Dirigir	Referir	Coisa
Perder	Porta	Idade	
Apresentar	Assunto	Quem	
Abrir	Presente	Autoridade	
Escrever	Ar	Necessidade	Chegar
Espírito	Criar	Razão	Agora
História	Sentido	Usar	Encontrar
Corpo	Ler	Movimento	Cidade
Guerra	Moral	Fora	Depois

ÍNDICE 19

Criança	Esquecer	Perfeito	Ocupar
Começar	Verdadeiro	Grego	Matéria
Levar	Quarto	Braço	Representar
Entrar	Belo	Ocasão	Sofrer
Geral	Trabalhar	Tirar	Esposo
Meio	Estrela	Branco	Informação
Achar	Moço	Igreja	Exemplo
Aqui	Longo	Rio	Folha
Olhar (v.)	Notícia	Doutor	Relação
Aluno	Costa	Resolver	Bastar
Diretor	Luz	Estudar	Organizar
Cabeça	Mesa	Fundo	Grupo
Poeta	Papel	Língua	Objeto
Céu	Francês	Conselho	Importante
Soar	Moderno	Elemento	Aproveitar
Vender	Descer	Aceitar	Época
Mar	Crer	Cor	Minuto
Perguntar	Dentro	Direção	Revelar
Nacional	Membro	Figura	Informar
Maior	Segundo	Efeito	Pagar
Amar	Sol	Espécie	Cuidado
Inglês	Inimigo	Possuir	Guardar
Sede	Especial	Autor	Instrução
Ministro	Problema	Comer	Cristão
Arte	Sociedade	Importância	Favor
Navio	Período	Luta	Leitor
Padre	Quanto	Principalmente	Carne
Gosto	Ensinar	Descobrir	Fixar
Mphã	Pobre	Estrada	Parar
Isto	Indústria	Existir	Passo
Produção	Educação	Festa	Carta
Conhecimento	Ciência	Extraordinário	Bater
cer	Explicar	Gesto	Prova
Morte	Expressão	Sentimento	Exercer
	Frente	Cuidar	Julgar
Mestre	Estrangeiro	Animal	Alegria
Século	Destinar	Evitar	Ferro
Rapaz	Total	Base	Ouro
Amanhã	Somente	Interior	Relativo
Natureza	Talvez	Levantar	Afirmar
Oficial	Estabelecer	Manter	Empregar
irai	Isso	Puro	Futuro
Humano	Médico	Boca	Pena
'arar	Motivo	Fechar	Feliz
Processo	Longe	Fugir	Saúde
Ira	Atividade	Jornal	Impressão

Desenvolver	Conto	Graça	Esperança
Excelente	Junto	Cargo	Terminar
Leitura	Recurso	Desejo	Criação
Subir	Tentar	Produto	Determinar
Caminho	Diferente	Cantar	Jantar
Doente	Acima,	Decreto	Preço
Concluir	Acreditar	Local	Proceder
Energia	Inteligência	Seção	Citar
Assistir	Organização	Bonito	Diante
Interessar	Opinião	Chorar	Máquina
Contra	Igual	Valer	Tipo
Letra	Obrigar	Curso	Café
Produzir	Chefe	Desde	Caráter
Colocar	Estranho	Dinheiro	Profundo
Visitar	Admirável	Edifício	Terreno
Acrescentar	Pretender	Rei	Auxílio
Afastar	Vantagem	Rir	Comum
Exigir	Expôr	Virtude	Estender
Notável	Auto	Capitão	Resultado
Construção	Mudança	Comércio	Conseqüência
Separar	Pesar	Dor	Conter
Prática,	Sugerir	Lição	Alcançar
Presença	Você	Reconhecer	Anterior
Observar	Outro	Sangue	Breve
Falta		Comissão	Imagem
Defesa		Artista	Mudar
Frio		Costume	Negócio
Medida	Município	Sonho	Administração
Realmente	Doce	Cansar	Mocidade
Aproximar	Ontem	Causar	Notar
Grave	Missa	Gostar	Praia
Companheiro	Político	Vontade	Aplicar
Construir	Rosto	Cabelo	Estabelecimento
Livre	Cheio	Norte	Execução
Montanha	Porto	Numeroso	Pele
Examinar	Negro	Obter	Encher
Curto	Verso	Bastante	Ganhar
Largo	Nos (v. pron.)	Conservar	Material
Capaz	Instante	Iniciar	Termo
Fácil	Nós	Lindo	Abandonar
Sinal	Ilha	Reforma	Despertar
Inteiro	Militar	Tio	Discurso
Difícil	Técnico	Escolher	Fogo
Fonte	Árvore	Função	Histórico
Real	Dormir	Cobrir	Uso
Observação	Agradecer	Região	Passado

Tratamento	Recolher	Artístico	Surgir
Atingir	Lutar	Formação	Volta
Completar	Planta	Admirar	Arma
Desenvolvimento	Instituição	Primário	Cerimônia
Retirar	Suceder	Visita	Animar
Soldado	Substituir	Aumentar	Célebre
Pessoal	Satisfazer	Atacar	Demorar
Earó	Conclusão	Famoso	Extremo
Realidade	Distinguir	Religião	Missão
Conjunto	Violento	Elevar	Disposição
Honra	Participar	Escritório	Enquanto
Merecer		Felicidade	Inteiramente
Preferir	ÍNDICE 17	Fruto	Tocar
Significar		Jovem	Capacidade
Condernar	Assembléia	Representante	Dedicar
Contrário	Católico	Prazo	Impor
Intelectual	Buscar	Proposta	Personalidade
Nobre	Americano	Realização	Terrível
Operário	Capítulo	Apanhar	Fundar
Respeito	Sul	Cadeira	Indispensável
Atual	Econômico	Comunicar	Interno
Confiança	Ordinário	Cedo	Ligar
Obedecer	Pensamento	Instalar	Regular
Posição	Zona	Rico	Resposta
Vasto	Deliberar	Acaso	Aviso
Escritor	Programa	Brilhante	Impedir
Música	Memória	Caixa	Transformar
Prêmio	Cavalo	Documento	Unidade
Desaparecer	Fábrica	Círculo	Ferir
Crescer	Tropa	Ilustre	Solução
Dividir	Fé	Liberdade	Conferir
Digno	Onde (pron. rei.)	Vitória	Magnífico
Erro	Santo	Atravessar	Semelhante
Confiar	Confessar	Comercial	Carregar
Prático	Tal	Dominar	Distância
Colégio	Nação	Marcar	Modelo
Sacrifício	Paz	Prometer	Queda
Coragem	Vivo	Altura	Armazém
Existência	Casar	Aprovar	Durar
Origem	Política	Conduzir	Orador
Passagem	Metro	Atra.vés	
Importar	Comprar	Canto	ÍNDICE 16
Pertencer	Data	Fazenda	
Perfeitamente	Aula	Perigo	Diretoria
Sob	Semana	Reduzir	Janela
Cortar	Sistema	Absoluto	Juntar

Cama	Designar	Frase	Acordar
Método	Disciplina	Conquistar	Salvar
Imprensa	Exigência	Encontro	Consciência
Meter	Ministério	Limitar	Constante
Silêncio	Órgão	Original	Leve
Deitar	Praticar	Recordar	Riqueza
Experiência	Providência	Cena	Variar
Instalação	Regra	Essencial	Campanha
Respectivo	Ativo	Imediatamente	Chuva
Funcionário	Carinho	Marcha	Imenso
Enviar	Prazer	Atribuir	Salão
Ser (s.)	Teatro	Convir	Assinar
Fase	Dedo	Gozar	Domínio
Naturalmente	Gênero	Dificuldade	Pão
Próprio	Rápido	Extenso	Ninguém
Infância	Caber	Associar	Nomear
Beleza	Custar	Concentrar	Parede
Promessa	Delicado	Exterior	Possibilidade
Científico	Italiano		Saudade
Flor	Oportunidade	ÍNDICE 15	Vítima,
Autorizar	Permanecer		Adotar
Imaginar	Venda	Menor	Cooperação
Interessante	Acontecimento	Poesia	Atitude
Engenheiro	Amplo	Morto	Igualmente
Ofício	Colega	Parente	Orientar
Triste	Destruir	Aparelho	Poderoso
Auxiliar	Prender	Lar	Provar
Conceder	Assinalar	Pegar	Viajar
Continente	Entretanto	Exportação	Assumir
Jogo	Quantidade	Matar	Pergunta
Secretário	Refletir	Reunião	Vago
Oficina	Acentuar	Conferência	Baixar
Pagamento	Admitir	Celebrar	Circunstância
População	Correspondente	Cultura	Contemplar
Recomendar	Espiritual	Destacar	Demonstrar
Progresso	Exposição	Encerrar	Eterno
Regime	Ocorrer	Exército	Pronto
Sombra	Segurança	Influência	Residir
Aprender	Contribuir	Perto	Viúvo
Preocupação	Golpe	Projeto	Vizinho
Seguro	Infantil	Caminhar	Curioso
Superior	Passeio	Carro	Espaço
Especialmente	Penetrar	Doença	Figurar
Glória	Contato	Residência	Indivíduo
Propósito	Enorme	Curiosidade	Decorrer
Segredo (s.)	Exame	Gabinete	Impossível

Licença	Empregado	Vinho	General
Série	Ordenar	Apreciar	Aplicação
Garantir	Via	Armar	Firma
Onda	Carreira	Casamento	Homenagem
Ramo	Caridade	Cujo	Exploração
Corrigir	Conversar	Distribuir	Cívico
Fornecer	Governador	Encaminhar	Beber
Imaginação	Justo	Propriedade	Proprietário
Multidão	Batalha	Empresa	Sensação
Pleno	Civil	Instrumento	Depressa
Reproduzir	Clássico	Perda	Eis
Seio	Voto	Tarefa	Escolar
Cercar	Defender	Enfermo	Perna
Defeito	Grau	Infeliz	Apagar
Percorrer	República	Inicial	Dono
Desconhecer	Resistência	Manifestação	Jardim
Intenso	Rumo	Sorte	Situar
Simplesmente	Território	Surpresa	Transporte
Suficiente	Comando	Adiantar	Arranjar
Encanto	Comparecer	Adiante	Coroa
Obrigação	Emprego	Agradável	Falecer
	Final	Central	Íntimo
	Moléstia	Exprimir	Jóia
	Negar	Extensão	Normal
Sentar	Querido	Inscrição	Proteger
Telefone	Responsabilidade	Resultar	Selvagem
Quilo	Sério	Operar	Vigor
Grito	Além	Supreender	Administrativo
Balanço	Atrás	Ligeiro	Calcular
Sorrir	Físico	Empenhar	Entusiasmo
Federal	Morar	Estilo	Espanhol
Açúcar	Ora	Sólido	Pátria
Apertar	Propor	Urgente	Perceber
Chão	Vestir	Exceder	Preocupar
Criatura	Entrada		Véspera
Medo	Fundamental	ÍNDICE 13	Avançar
Coronel	Herói	Decreto-lei	Banco
Despesa	Volume	Tonelada	Mistério
Doutrina	Economia	Aéreo	Trocar
Eleger	Esconder	Inspiração	Abaixo
Útil	Êxito	Papa	Abraçar
Vento	Face	Chapéu	Consultar
Preto	Má	Imperador	Doloroso
Sacudir	Posse	Lágrima	Moda,
Acudir	Tom	Agência	Oração
Beijar	Tradição		Preciso

Quilômetro	Peito	Espalhar	Calar
Simpatia	Cima	Intenção	Paisagem
Comunicação	Noção	Lavar	Chá
Estimar	Raça	Maravilhoso	Educar
Juventude	Industrial	Partida	Escuro
Multiplicar	Competente	Pássaro	Imposto
Navegação	Móvel	Profissional	Solicitar
Preferência	Ouvido	Resto	Arroz
Regulamento	Promover	Sucesso	Sertão
Rezar	Assegurar	Admiração	Detalhe
Saída	Assistência	Ceder	Eclesiástico
Tradicional	Bondade	Conflito	Grosso
Avisar	Despedir	Convencer	Pavilhão
Conforto	Objetivo	Denominar	Jogar
Diminuir	Revista	Europeu	Concurso
Inferior	Certeza	Ideal	Descansar
Monte	Utilizar	Limite	Maioria
Particularmente	Afinal	Mínimo	Marítimo
Responsável	Ambiente	Prestígio	Recentemente
Submeter	Amizade	Primitivo	Reflexão
Dobrar	Arrastar	Rede	Roupa
Encarregar	Avenida	Romance	Tristeza
Som	Colher	Tecido	Caracterizar
Sugestão	Fortuna	Vila	Constar
Couro	Humanidade	Aconselhar	Divino
Estudante	Imediato	Deter	Funcionar
Exclusivamente	Mercado	Palácio	Gênio
Facilidade	Alimento	Perseguir	Casal
Insistir	Anúncio	Remeter	Elétrico
Perturbar	Benefício	Sábio	Hospital
Protesto	Consideração	Apoiar	Misterioso
Civilização	Consistir	Devidamente	Óleo
Coluna	Escapar	Inútil	Operação
Combinar	Massa	Mover	Partido
Satisfação	Peça	Utilidade	Romper
Traduzir	Presidência,	Convite	Consagrar
	Propriamente	Depender	Constituição
	R>io	Distinto	Custo
	Reserva	Distintivo	Diferença
	Serra	Restar	Escada
	Solene		Escravo
	Sobretudo		Recente
	Trabalhador		Revolução
	Apoio	Mamãe	Seco
	Calmo	Cozinha	Cometer
	Concorrer	Iniciativa	Crítica

ÍNDICE 12

ÍNDICE 11

Direito	Publicação	Sustentar	Africano
<i>Distrito</i>	Osso	Combate	Cemitério
Interromper	Efetivamente	Forçar	Conceito
Legítimo	Prejudicar	Ignorar	Corrida
Literatura	Profundamente	Marido	Descrever
Pregar		Recomendação	Efetuar
Província	ÍNDICE	10 Solo	Lago
Roda		Travar	Pano
Traço	Fiscal	Abundância	Renda
Aludir	Exclamar	Apreço	Sujeito
Apurar	Integral	Assentar	Temer
Comandante	Aviação	Doméstico	Elegante
Diligência	Gritar	Espetáculo	Embarque
Jamais	Declaração	Fabricação	Existente
Líquido	Instituir	Fenômeno	Explicação
Manifestar	Ótimo	Gado	Municipal
Orgulho	Telegrama	Madrugada	Ponta
Portanto	Tema	Modificar	Regressar
Prosseguir	Adorar	Posto	Segurar
Socorro	Discípulo	Quebrar	Testemunho
Apontar	Novamente	Sexo	Teu
Bairro	Curar	Separação	Descoberta
Deserto	Desenho	Unir	Descoberto
Desfazer	Margem	Impressionar	Discutir
Juiz	Peso	Sensível	Ensejo
Previo	Alheio	Independente	Feito
Seção	Alimentar	Significação	Perigoso
Veículo	Colaboração		Prever
Criado	Confiar	ÍNDICE 9	Regresso
Crise	Depósito		Visão
Embarcar	Efetivo	Avião	Agitar
Esclarecer	Emoção	Estatuto	Aplauso
Harmonia	Extraír	Aumento	Considerável
Lavrar	Geração	Cinema	Decisão
Pressão	Inaugurar	Império	Embora
Referência	Ombro	Feio	Estreito
Tamanho	Trecho	Prédio	Freqüentar
Vulto	Acidente	Popular	Habitante
Completamente	Alterar	Proclamar	Infelizmente
Diretamente	Atraír	Viajante	Julgamento
Envolver	Cabo	Colônia	Profissão
Firme	Criador	Fumo	Resolução
Justiça	Excesso	Recordação	Restante
Médio	Prejuízo	Vapor	Unicamente
Misturar	Quantia	Duro	Corresponder
Padrão	Resistir	Precioso	Duração

Generoso	Saco	Falso	Confusão
Seminário	Suprir	Oportuno	Farinha
Primo	Verdadeiramente	Remédio	Gozo (s)
Educativo	Cautela	Renovar	Heróico
	Colorir	Vaso	Inclinar
ÍNDICE 8	Incluir	Composto	Inscrever
	Permanente	Exatamente	Internacional
Anjo	Respeitar	Franco	Prata
Rádio	Categoria	Construtor	Prolongar
Azul	Cultivar	Copa	Representação
Física	Ensaio	Intervir	Respiração
Preparo	Frequência	Tratado	Semente
Bomba	Passageiro	Descanso	Suspender
Expedir	Vaga		Ausência
Trem		ÍNDICE 6	Cidadão
Bolso	ÍNDICE 7		Circular
Paixão		Nota	Converter
Visar	Excursão	Pedagógico	Encantar
Atirar	Consultório	Museu	Exato
Desgraça	Legal	Marechal	Imóvel
Pedaço	Retrato	Convocar	Intermédio
Prato	Verde	Máximo	Justamente
Peixe	Vermelho	Algodão	Modificação
Ajudar	Delicioso	Vocabulário	Personagem
Animo	Agente	Aflição	Piedade
Hábito	Montar	Amarelo	Presidir
Imitar	Orientação	Apesar	Sadio
Incorporar	Aquisição	Combater	Sentença
Orçamento	Conquista	Espanto	Consumir
Pronunciar	Geografia	Formoso	Definir
Provavelmente	Início	Litoral	Exclusivo
Tesouro	Palestra	Lucro	
Alteração	Perfil	Milagre	ÍNDICE 5
Apresentação	Preso	Naval	
Novidade	Proibir	Universal	Visível
Variedade	Agir	Vegetal	Ternura,
Bonde	Avanço (s)	Agradecimento	Artilharia
Borracha.	Esporte	Alguém	Crédito
Cinza	Fiel	Característico	Escutar
Desastre	Leite	Finalmente	Nascimento
Diário	Loja	Limpar	Departamento
Favorável	Mato	Nuvem	Básico
Fraco	Sítio	Paciência	Estadual
Incumbir	Agrícola,	Pesquisa	Floresta
Inúmero	Ansioso	Cálculo	Terceiro
Propaganda	Facilitar	Concessão	Apressar

Aproveitamento	Bispo	Contratar	Encantador
Atualmente	Papai	Corte	Facilmente
Barco	Alimentação	Desempenhar	Incêndio
Funcionamento	Adaptação	Escolha	Inspirar
Garantia	Aprovação	Libertar	Laço
Tentativa,	Automóvel	Lista	Mensal
Caro	Bandeira	Louvor	Metade
Comover	Calor	Manso	Oriental
Confundir	Carvão	Obediência	Recusar
Guarda	Manga	Prima	Relatar
Inclusive	Marca	Salvação	Após
Aparência	Motor	Apelar	Contemporâneo
Arrancar	Sensibilidade	Derrubar	Contrariar
Brilho	Príncipe	Morro	Contribuição
Decisivo	Sacerdote	Positivo	Horrível
Dependência	Sozinho	Protestar	Mental
Divisão	Transferência	Reger	Obstáculo
Estimular	Vencedor	Tinta,	
Extinguir	Compreensão		ÍNDICE 2
Lavoura	Culpa	ÍNDICE 3	
Lento	Definitivo		Aniversário
Linguagem	Enganar	Mina	Registro
Melhorar	Independência	Murmurar	Cá
Negociante	Outroza	Turma	Replicar
Opor	Repartição	Fruta	Areia
Rainha	Senão	Mercante	Áspero
Reconhecimento	Terno	Pecado	Asa
Senso	Voar	Reino	Baía
Sonhar	Vós	Sal	Cofre
Abranger	Altar	Tenente	Febre
Conforme	Alvo	Clima	Leste
Imprimir	Apreender	Clube	Ocupação
Isolar	Assustar	Conversa	Organismo
Metal	Banho	Dado	Ovo
Palma	Cego	Evocar	Prefeito
Polícia	Desesperar	Fome	Saltar
Surto	Desviar	Ministrar	Castigo
Transmitir	Esquina	Nordeste	Cronista
Valioso	Externo	Registrar	Juízo
Aplaudir	Filósofo	Sono	Ódio
Complemento	Imitação	Assinatura	Provocar
Concreto	Preceder	Dano	Reinar
Estímulo	Preceito	Desespero	Teoria
Juntamente	Recorrer	Disposto	Adaptar
Pedagogia	Secundário	Eficiente	Associação
Expedição	Comida	Embaixador	Ausente

Bando	Terrestre	Coletivo	Cana
Bruto	Abrigo (s)	Definitivamente	Cultural
Cessar	Aliás (ad.)	Divindade	Divulgar
Classificar	Compra	Encargo	Faculdade
Contrato	Cruzar	Grato	Filosófico
Comandar	Demonstração	Luxo	Individual
Conceber	Desprezar	Milhão	Postal
Crime	Elaborar	Refeição	Respectivamente
Debaixo	Enfrentar	Reparar	Agitação
Edição	Geográfico	Sincero	Confuso
Elogio	Humilde	Soma	Cooperar
Exemplar	Internar	Traçar	Dignidade
Guiar	Introduzir	Distante	Drama
Interpretação	Milhar	Rigor	Excessivo
Impulso	Passear		Expressar
Luminoso	Quartel	ÍNDICE 1	Falecimento
Mineiro	Rápidamente		Familiar
Pintura	Reformar	Esportivo	Honesto
Pó	Transferir	Baixa	Leito
Relevo (s)	Ameaça	Barra	Molde
Solenidade			Precipitar

LISTA N.º 4 — VOCÁBULOS APURADOS PELA PROBABILIDADE DE OCORRÊNCIA EM TEXTOS DE LEITURA COMUM DO ADULTO, OU SEJA O VOCABULÁRIO ATIVO NA MÉDIA DOS AUTORES (6.395 ELEMENTOS.)

A	Acabrunhar	Acreditar	Adotar
A (prep.)	Academia	Acrescentar	Adquirir
Aba	Acadêmico	Acrescer	Adulto
Abafar	Acalmar	Acréscimo	Advento
Abaixar	Acampamento	Açúcar	Advérbio
Abaixo	Acariciar	Acudir	Adversário
Abalar	Acarretar	Acumular	Advertência
Abalo	Acaso	Acusação	Advertir
Abanar	Aceder	Acusar	Advogado
Abandonar	Aceitação	Adaptação	Aéreo
Abandono	Aceitar	Adaptar	Aeronáutica
Abastecimento	Acelerar	Adepto	Aeronáutico
Abater	Acenar	Adequado	Afamado
Abelha	Acento	Adequar	Afamar
Abençoar	Acentuar	Aderir	Afastar
Abertamente	Acerca	Adesão	Afecção
Abertura	Acertar	Adeus	Afeição
Abismo	Acessível	Adiantamento	Afeição
Abnegação	Acesso	Adiantar	Afeito
Abolição	Acessório	Adiante	Afetar
Abonar	Acético	Adiar	Afetivo
Abordar	Achar	Adicional	Afeto
Aborrecer	Acidente	Aditamento	Afetuosos
Aborrecimento	Acidez	Adivinhar	Afigurar
Abrçar	Ácido	Adjetivo	Afim
Abraço	Acima	Administração	Afinal
Abranger	Acionista	Administrador	Afinidade
Abrigar	Aclamação	Administrar	Afirmacão
Abrigo (sub)	Aclamar	Administrativo	Afirmar
Abrir	Aço	Admiração	Afirmativa
Abrogar	Açoitar	Admirar	Afirmativamente
Absolutamente	Acolher	Admirável	Aflição
Absoluto	Acomodação	Admissão	Afligir
Absolver	Acomodar	Admitir	Aflito
Absorver	Acompanhar	Adoçar	Afluência
Abstrato	Aconselhar	Adoecer	Afluente
Absurdo	Acontecer	Adolescência	Afluir
Abundância	Acontecimento	Adolescente	Afogar
Abundante	Acórdão	Adoração	Aforismo
Abusar	Acordar	Adorar	Afoutar
Abuso	Acordo	Adorável	Africano
Acabar	Acorrer	Adormecer	Afrontar
	Acostumar	Adornar	Afrouxar

Afugentar	Aldeia	Alvejar	Anilina
Afundar	Alegrar	Alvitre	Animação
Agarrar	Alegre	Alvo	Animal
Agave	Alegria	Alvorocar	Animar
Agência	Aleijar	Alvorogo	Animo
Agente	Além	Amaciar	Aniquilar
Agir	Alemão	Amado	Aniversariante
Agitação	Alexandrino	Amador	Aniversário
Agitar	Alface	Amanhã	Anjo
Agonizante	Alfafa	Amanhecer	Ano
Agora	Alfândega	Amante	Anoitecer
Agradar	Algarismo	Amar	Anônimo
Agradável	Algo	Amarelo	Anormal
Agradecer	Algodão	Amargo	Anseio
Agradecimento	Alguém	Amargura	Ânsia
Agrário	Algum	Amargurar	Ansiedade
Agravar	Alheio	Amarrar	Ansioso
Agredir	Alho	Amável	Antagônico
Agregado	Ali	Ambição	Antagonismo
Agressão	Aliado	Ambicioso	Anti-aéreo
Agressivo	Aliança	Ambiente	Antecedência
Agressor	Aliar	Âmbito	Antecessor
Agreste	Aliás (adv.)	Ambos	Antecipadamente
Agrícola	Alimentação	Ameaça	Antecipar
Agricultor	Alimentar	Ameaçar	Ante-ontem
Agricultura	Alimentário	Amêndoa	Antepassado
Agrônomo	Alimentício	Amendoim	Anteprojeto
Água	Alimento	Ameno	Anterior
Aguar	Alinhar	Americano	Anteriormente
Aguardar	Alisar	Amigo	Antes
Aguçar	Aliviar	Amistoso	Antigamente
Agudo	Alívio	Amizade	Antigo
Agüentar	Alma	Amontoar	Antigüidade
Agulha	Almanaque	Amor	Antiquado
Ah!	Almirante	Amoroso	Anual
Ai (adv.)	Almoçar	Amortecer	Anualmente
Ainda	Almoço (sub.)	Amostra	Anulação
Ajoelhar	Almofada	Amparar	Anular
Ajuda	Almoxarife	Amparo	Anúncio
Ajudante	Alongar	Amplamente	Aonde
Ajudar	Alpendre	Ampliação	Apagar
Ajuntar	Altamente	Ampliar	Apaixonar
Ajustar	Altar	Amplitude	Apalpar
Alameda	Altar-mor	Amplo	Apanhar
Alargamento	Alteração	Analfabeto	Aparecer
Alargar	Alterar	Análise	Aparecimento
Alarido	Altitude	Analogia	Aparelhagem
Alarmar	Alto	Análogo	Aparelhamento
Alarme	Altura	Ancião	Aparelho
Alastrar	Aludir	Ancorar	Aparência
Alfândega	Alugar	Andar	Aparente
Alcachofrar	Aluguel	Andar (subs.)	Aparentemente
Alcançar	Alumiar	Anedota	Aparição
Alcance	Alumínio	Anel	Apartamento
Alçar	Aluno	Anexo	Apavorar
Alcatrão	Alusão	Angústia	Apear
Álcool	Alusivo	Angustiar	Apego (sub.)
Alcova	Alvará	Augustioso	Apelar

Apelo	Aquarela	Arrendamento	Assunto
Apenas	Aquecer	Arrendar	Assustador
Aperceber	Aquele	Arrepende	Assustar
Aperfeiçoamento	Aqui	Arrependimento	Astro
Aperfeiçoar	Aquisição	Arriscar	Astronomia
Apertar	Ar	Arroba	Astúcia
Apesar	Arbitrar	Arrogância	Ata
Apetite	Arbitrário	Arroz	Atacadista
Apito	Arbitro	Arrumar	Atacar
Aplaudir	Arbusto	Arsenal	Atalhar
Aplauso	Arca	Arte	Atar
Aplicação	Arcabouço	Artefato	Ataúde
Aplicado	Arcade	Articular	Até
Aplicar	Arcebispo	Artífice	Atenção
Apoderar	Arco	Artificial	Atender
Apogeu	Arco-íris	Artifício	Atentamente
Apoiar	Ardente	Artigo	Atentar
Apoio	Arder	Artilharia	Atento
Apólice	Ardor	Artista	Atenuar
Apontar	Arduo	Artístico	Aterrar
Apoplexia	Área	Arvore	Aterrissar
Após	Areia	Asa	Atestado
Aposentadoria	Arenoso	Ascensão	Atestar
Aposentar	Argentino	Ascendente	Ateu
Apossar	Argumento	Ascender	Atingir
Aposta	Aristocrático	Asilar	Atirador
Apostar	Aritmética	Asilo	Atirar
Apostasia	Arma	Asma	Atitude
Apostólico	Armação	Asmático	Ativamente
Apóstolo	Armada	Aspecto	Atividade
Aprazer	Armado	Áspero	Ativo
Apreciação	Armador	Aspiração	Atlântico
Apreciar	Armamento	Aspirar	Atleta
Apreciável	Armar	Assaltar	Atletismo
Apreço	Armário	Assalto	Atmosfera
Aprender	Armazém	Assassínio	Ato
Aprensão	Armênio	Assassino	Ator
Aprensivo	Aroma	Assaz	Atordoar
Aprender	Arquiteto	Assegurar	Atormentar
Aprendiz	Arquivar	Asseio	Atração
Aprendizado	Arrabalde	Assembléia	Atraíçoar
Aprendizagem	Arraial	Assentar	Atrair
Apresentação	Arrancar	Assíduo	Atrapalhar
Apresentar	Arranha-céu	Assim	Atrás
Apressadamente	Arranjar	Assimilar	Atrasar
Apressar	Arranjo	Assinalar	Através
Aprimoramento	Arrasar	Assinar	Atravessar
Aprofundar	Arrastar	Assinatura	Atrever
Apropriar	Arrear	Assistência	Atrevemento
Aprovação	Arrebatamento	Assistente	Atribuição
Aprovado	Arrebatat	Assistir	Atribuir
Aprovar	Arrebeitar	Assobiar	Atributo
Aproveitamento	Arrecadação	Associação	Atropelamento
Aproveitar	Arrecadar	Associado	Atropelar
Aproximar	Arredor	Associar	Atropelo
Apto •	Arrefecer	Assombrar	Atuação
Apurar	Arremeçar	Assombro	Atual
Apuro	Arremeter	Assumir	Atualidade

Atualmente	Avulso	Barulho	Bloco
Atuar	Avultar	Base	Boato
Aturdir	Azeite	Basear	Bobo
Audácia	Azul	Básico	Boca
Audição	Azular	Bastante	Boda
Audiência		Bastar	Bofetada
Auditivo		Batalha	Boi
Auditor		Batalhão	Bojo
Auditório	Baba	Batata	Bola
Augusto	Babaçu	Bater	Boletim
Aula	Bacharel	Bateria	Bolo
Aumentar	Bacia	Batido	Bolsa
Aumento	Bafejar	Batina	Bolso
Aurora	Bafo	Batizar	Bom
Auscultar	Bagagem	Batismo	Bomba
Ausência	Bahia	Beber	Bombardear
Ausente	Baiano	Bebida	Bombardeio
Auspicioso	Bailar	Beco	Bombardeiro
Austero	Baile	Beço	Bonachão
Australiano	Bairro	Beijar	Bondade
Autenticidade	Baixa	Beijo	Bonde
Autêntico	Baixar	Beiju	Bondoso
Auto	Baixeza	Beira	Boneca
Automaticamente	Baixo	Beleza	Boneco
Automático	Bala	Belga	Bonito
Autômato	Balanço	Bélico	Borboleta
Automóvel	Balbuciar	Beligerante	Borda
Autonomia	Baleia	Belo	Bordado
Autônomo	Balouçar	Bem	Bordar
Autor	Banal	Bem-aventurança	Bordo
Autoria	Banana	Bem-aventurar	Borracha
Autoridade	Banca	Bem-estar	Bosque
Autoritário	Bancário	Bênção	Botânica
Autorização	Banco	Beneficiar	Botão
Autorizar	Banda	Benefício	Botar
Auxiliar	Bandeira	Benéfico	Bovino
Auxílio	Bandeirante	Benemérito	Box
Avaliar	Bandeja	Benevolência	Braçado
Avançar	Bando	Benévolo	Braço
Avanço (sub.)	Banha	Bengala	Brado
Avarento	Banhar	Bens	Branco
Avareza	Banheira	Berço	Brando
Avariar	Banheiro	Berrar	Brandura
Ave	Banho	Besta	Braseiro
Aveia	Banho-maria	Bexiga	Brasileiro
Avenida	Banir	Bibliografia	Bravo
Avental	Banquete	Biblioteca	Breve
Aventura	Barão	Bibliotecário	Brevemente
Aventureiro	Barato	Byceps	Brigão
Averiguar	Barba	Bicho	Brilhante
Aviação	Bárbaro	Bicicleta	Brilhar
Aviador	Barbeiro	Bico	Brilho
Avião	Barca	Bigode	Brincadeira
Ávido	Barco	Bilhete	Brincar
Avisar	Barra	Biografia	Brinco
Aviso	Barraca	Bispo	Brinde
Avistar	Barreira	Blasfêmia	Brinquedo
Avô	Barro	Blenorragia	Brisa

Britânico	Calçado	Cão	Casaco
Bronquite	Calção	Capa	Casado
Bronze	Calçar	Capacete	Casal
Brotar	Calças	Capacidade	Casamento
Bruma	Calda	Capaz	Casar
Bruscamente	Caldeira	Capela	Casca
Brusco	Caldo	Capelão	Casco
Brutal	Cálice	Capim	Caseiro
Bruto	Cálido	Capitação	Caso
Bruxa	Calma	Capital	Caspa
Burlar	Calmo	Capitalista	Cassino
Burro	Calo	Capitania	Castanho
Buscar	Calor	Capitão	Castelo
Busto	Caloroso	Capitulação	Castigar
Buzina	Calúnia	Capitular	Castigo
	Caluniar	Capítulo	Casto
	Calvície	Capricho	Catacumba
	Cama	Caprichoso	Catalogar
	Camada	Capturar	Catálogo
	Câmara	Cara	Catástrofe
	Camarada	Característica	Cátedra
	Caminhada	Característico	Catedral
	Caminhão	Caracterizar	Catedrático
	Caminhar	Caráter	Categoria
	Caminho	Cardeal	Cativeiro
	Camisa	Carecer	Catolicismo
	Camoniano	Carestia	Católico
	Campainha	Carga	Caução
	Campanha	Cargo	Causa
	Campeão	Caricatura	Causar
	Campeonato	Carícia	Cautela
	Campo	Caridade	Cauteloso
	Camurça	Caridoso	Cauto
	Cana	Carinho	Cavalar
	Canadense	Carinhoso	Cavalaria
	Canal	Carioca	Cavalheiro
	Canalha	Carmelita	Cavalo
	Canapé	Carnaúba	Cavar
	Canário	Carne	Caxeiro
	Canavial	Carnificina	Cearense
	Cancela	Caro	Cebola
	Câncer	Coroa	Ceder
	Canção	Carocha	Cedo
	Candidato	Caroço	Cego
	Cândido	Carregamento	Cegueira
	Caneta	Carregar	Ceia
	Canhão	Carreira	Celebrar
	Canoa	Carro	Celebração
	Cânone	Carroça	Célebre
	Cansaço	Carta	Celeste
	Cansar	Cartão	Celestial
	Canseira	Cartaz	Célula
	Cantar	Carteira	Cemitério
	Cantarolar	Cartolina	Cena
	Cântico	Cartório	cenário
	Cantiga	Carvão	Censo
	Canto	Casa	Censurar
	Cantor	Casaca	Centavo

C

Centeio	Cidade	Clima	Comadre
Centena	Ciência	Clínica	Comandante
Central	Científico	Clube	Comandar
Centro	Cientista	Coberta	Comando
Centurião	Cifra	Cobiça	Comarca
Cera	Cigano	Cobiçar	Combate
Cerca	Cigarra	Cobrança	Combater
Cercar	Cigarreira	Cobrar	Combinação
Cerco (sub.)	Cigarreiro	Cobre	Combinar
Cereal	Gigarro	Cobrir	Comboio
Cérebro	Cflio	Cocada	Começar
Cerimônia	Cima	Cocheiro	Começo (sub.)
Cerrar	Cimento	Cochichar	Comédia
Certame	Cinema	Cochilar	Comemoração
Certamente	Cinematográfico	Gôco	Comemorar
Certeza	Cingir	Código	Comemorativo
Certidão	Cintilar	Cofre	Comentar
Certificado	Cinto	Cogitar	Comentário
Certificar	Cintura	Cognominar	Comer
Certo	Cinza	Coincidência	Comercial
Cessar	Cinzeno	Coincidir	Comerciante
Cesto	Circulação	Coisa	Comércio
Cetro	Circular	Coitado	Cometer
Céu	Círculo	Colaboração	Comício
Chá	Circuncisão	Colaborador	Comida
Chácara	Circunstância	Colaborar	Comissão
Chama	Cirurgia	Colar (v.)	Comissário
Chamado	Cirurgião	Colchão	Comitê
Chamar	Cirúrgico	Coleção	Como
Chanceler	Cisma	Collega	Comoção
Chão	Cismar	Colegial	Comodidade
Chapéu	Cismático	Colégio	Cômodo
Charada	Citação	Cólera	Comovente
Charuto	Citadino	Coleta	Comover
Chave	Citar	Colete	Compacto
Chefe	Ciúme	Coletividade	Compaixão
Chefia	Cívico	Coletivo	Companheira
Chegada	Civil	Coletor	Companheiro
Chegar	Civilização	Colheita	Comparação
Cheio	Civilizar	Colher (sub.)	Comparável
Cheirar	Civismo	Colher (v.)	Comparecer
Cheiro	Clamar	Colimar	Compartimento
Cheiroso	Clamor	Colina	Compassar
Chileno	Clara	Colisão	Compasso
Chinelo	Claramente	Colmeia	Compatriota
Chinês	Clareza	Colo	Compêndio
Chita	Claridade	Colocação	Compenetrar
Chocar	Claro	Colocar	Compensação
Chocolate	Classe	Colônia	Compensar
Choque	Classicismo	Colonial	Competência
Choramingar	Clássico	Colonização	Competente
Chorar	Classificação	Colono	Competição
Choro	Classificar	Coloração	Competidor
Chover	Claustro	Colorido	Competir
Chumbo	Clava	Colorir	Complacência
Chupar	Clero	Colossal	Complemento
Chuva	Cliente	Coluna	Completamente
Cidadão	Clientela	Com	Completar

Completo	Conde	Conquista	Contentar
Complexo	Condenação	Conquistar	Contente
Complicação	Condenar	Consagração	Conter
Complicar	Condenável	Consagrar	Conterrâneo
Componente	Condensar	Conseguir	Contestar
Compor	Condicionar	Conselheiro	Conteúdo
Comportamento	Condição	Conselho	Continência
Comportar	Condimento	Consentir	Continental
Composição	Condiscípulo	Consequência	Continente
Compositor	Condizer	Consequente	Contingência
Composto	Condução	Conservação	Contingente
Compra	Conduta	Conservar	Continuação
Comprar	Condutor	Consideração	Continuador
Comprador	Conduzir	Considerar	Continuar
Comprazer	Conexo	Considerável	Continuidade
Compreensão	Confecção	Consignação	Contínuo
Comprido	Confecionar	Consignar	Conto
Comprimento	Confederação	Consistência	Conto de réis
Comprometer	Confeitaria	Consistir	Contornar
Compromisso	Conferência	Consoante	Contorno
Comprovação	Conferenciar	Consolar	Contra
Comprovar	Conferir	Consolidar	Contrair
Compostura	Confessar	Consolo (s)	Contra-regra
Comum	Confiança	Constância	Contrariar
Comumente	Confiar	Constante	Contrariedade
Comuna	Confidencia	Constantemente	Contrário
Comunhão	Confim	Constar	Contraste
Comunicação	Confinar	Constatar	Contratar
Comunicado	Confirmação	Constelação	Contrato
Comunicar	Confirmar	Consternar	Contravenção
Comunicativo	Confissão	Constitucional	Contribuição
Comunidade	Confixar	Constituição	Contribuir
Comunista	Conflito	Constituinte	Controlar
Conceber	Conflitar	Constituir	Controle
Conceder	Conformar	Construção	Convalescente
Conceito	Conforme	Construir	Convencer
Concentração	Conformidade	Construtor	Convencional
Concentrar	Confortar	Consulente	Convencionar
Concepção	Confortável	Consulta	Conveniência
Concernente	Conforto (sub.)	Consultar	Conveniente
Concerto	Confrade	Consultivo	Convenientemente
Concessão	Confraria	Consultor	Convênio
Concessionário	Confraternização	Consultório	Convento
Consciência	Confronto	Consumar	Convergência
Consciente	Confundir	Consumidor	Conversa
Conciliar	Confusão	Consumir	Conversação
Concilio	Confuso	Consumo	Conversão
Concluir	Congestão	Conta	Conversar
Conclusão	Congregação	Contabilidade	Converter
Concomitantemente	Congresso	Contacto	Convicção
Concordar	Conhecedor	Contador	Convidado
Concordata	Conhecer	Contagem	Convidar
Concorrência	Conhecido	Contar	Convir
Concorrente	Conhecimento	Contemplação	Convite
Concorrer	Conjetura	Contemplar	Conviva
Concretizar	Conjugal	Contemplativo	Convivência
Concreto	Conjunto	Contemporâneo	Conviver
Concurso	Conjurar	Contenda	Convívio

Convocação	Cortinado	Cruzada	Debandar
Convocar	Cosmografia	Cruzado	Debater
Convulsão	Costa	Cruzar	Débito
Coordenação	Costumar	Cuia	Debruçar
Coordenar	Costume	Cuidado	Decadência
Cooperação	Costura	Cuidadosamente	Decênio
Cooperar	Costurar	Cuidar	Decente
Cooperativa	Cotejo	Cujo	Decidir
Cooperação	Couro	Culminante	Decisão
Copa	Cousa	Culpa	Decisivamente
Copeiro	Côvado	Culpado	Decisivo
Qópia	Covardia	Culpar	Declaração
Copiar	Cozer	Cultivar	Declarar
Copioso	Cozinha	Cultivo	Decorar
Copo	Cozinhar	Cultura	Decorrente
Coqueiro	Cozinheiro	Cultural	Decorrer
Côr	Crânio	Cume	Decretar
Cor	Cravo	Cumprimentar	Decreto
Coração	Crédito	Cumprimento	Decreto-lei
Corado	Credo	Cumprir	Dedicação
Coragem	Credor	Cunhado	Dedicar
Corajoso	Creme	Cura	Dedo
Corar	Crença	Curar	Deduzir
Corda	Crete	Curiosidade	Defeito
Cordão	Crepe	Curioso	Defender
Cordial	Crepúsculo	Curso	Defensiva
Cordialidade	Crtr	Curtir	Defensivo
Coro	Crescente	Curto	Defensor
Coroa	Crescer	Curva	Deferência
Coroar	Crescimento	Curvar	Deferir
Coronel	Criação	Cuspir	Defesa
Corpo	Criado	Custa	Deficiência
Corporal	Criador	Custar	Definição
Correção	Criança	Custo	Definir
Corredor	Criar	Cutelo	Definitivamente
Córrego	Criatura	Cútis	Definitivo
Correio	Crime		Defronte
Corrente	Criminoso		Defunto
Correr	Crise		Degenerar
Correspondência	Crispar	D	Degrau
Correspondente	Cristal		Deitar
Corresponder	Cristalizar	Dado	Deixar
Corretamente	Cristão	Dai	Delegação
Corretivo	Cristianismo	Dali	Delegacia
Correto	Critério	Dama	Delegado
Corretor	Crítica	Dano	Deliberação
Corrida	Crítico	Dança	Deliberar
Corrigir	Crivo	Dança	Delicadeza
Corromper	Crônica	l)antes	Delicado
Corrupção	Crônico	Daqui	Delícia.
Corrupto	Cronista	Dar	Delicioso
Corsário	Cronologia	Dardo	Delírio
Cortar	Croquete	Data	Delito
Corte	Cru	Datar	Demais
Corte	Crucificar	Datilografia	Demandar
Cortejo	Cruel	Datilografo	Demarcar
Cortesia	Crueldade	De	Demasia
Cortina	Cruz	Debaixo	Demasiadamente

Demasiado	Descer	Desinteresse	Devassar
Democracia	Descoberta	Desistir	Devedor
Demolir	Descoberto	Desligar	Dever
Demônio	Descobrimto	Deslizar	Dever (v.)
Demonstração	Descobrir	Deslocamento	Deveras
Demonstrar	Descomprcender	Deslocar	Devidamente
Demora	Desconfiança	Deslumbramento	Devido
Demorar	Desconfiar	Deslumbrante	Devolver
Denominação	Desconhecer	Deslumbrar	Devorar
Denominar	Desconhecido	Desmedir	Devotar
Denotar	Descontar	Desmentir	Devoto
Denso	Desconto	Desobediência	Dezena
Dente	Descrever	Desordem	Dia
Dentista	Descrição	Desordenar	Diabo
Dentro	Descritivo	Despachar	Diagnóstico
Denúncia	Descuidar	Despacho	Diálogo
Denunciar	Descuidoso	Despedaçar	Diamante
Deparar	Desculpa	Despedida	Diante
Departamento	Desculpar	Despedir	Diária
Dependência	Descurar	Despeito	Diário
Depender	Desde	Despejar	Diarista
Depois	Desdém	Despertar	Dicionário
Depor	Desdobrar	Despesa	Didático
Deposição	Desejar	Despir	Dieta
Depositar	Desejo	Despojo	Diferença
Depósito	Desejoso	Desporte	Diferencial
Depressa	Desembaraçar	Desportista	Diferenciar
Deprimir	Desembarcar	Desportivo	Diferente
Depurativo	Desembargador	Desprender	Diferir
Deputado	Desembarque	Despreocupar	Difícil
Derivado	Desempenhar	Desprezar	Difícilmente
Derivar	Desempenho	Desprezo	Dificuldade
Derradeiro	Desencanto	Destacamento	Difícultar
Derramar	Desenhar	Destacar	Difundir
Derreter	Desenho	Destaque	Difusão
Derrogar	Desenvolver	Destinar	Digestão
Derrota	Desenvolvimento	Destino	Digestivo
Derrotar	Deserto	Destituir	Dignatário
Derrubar	Desesperadamente	Destreza	Dignidade
Desabrochar	Desesperar	Destroço	Digno
Desacordo	Desespero	Destruição	Dilatar
Desafeto	Desfalecimento	Destruir	Dileto
Desafiar	Desfazer	Desvalorização	Diligência
Desafio	Desfecho	Desvanecer	Diligente
Desagradável	Desfigurar	Desvantagem	Diluir
Desalento	Desfilar	Desvendar	Dilúvio
Desamparar	Desfile	Desviar	Dimensão
Desanimar	Desfolhar	Desvio	Diminuir
Desaparecer	Desfrutar	Detalhar	Diminutivo
Desaparecimento	Desgostar	Detalhe	Diminuto
Desastre	Desgosto (sub.)	Detento	Dinamarquês
Desatar	Desgraça	Deter	Dinâmico
Desatento	Desídia	Determinação	Dinheiro
Descanso	Designação	Determinar	Diocese
Descansar	Designar	Detrimento	Diploma
Descendência	Desígnio	Deus	Diplomacia
Descendente	Desígnio	Devagar	Diplomata
Descender	Desinteressar	Devassa	Diplomático

Dique	Ditadura	Dramático	Eletricidade
Direção	Dito	Dramatização	Elétrico
Diretamente	Divergência	Droga	Elevação
Direto	Divergir	Drogaria	Elevado
Diretor	Diversidade	Duas	Elevador
Diretoria	Diverso	Duplo	Elevar
Diretriz	Divertimento	Duração	Eliminar
Dirigente	Divertir	Duradouro	Eliminatório
Dirigir	Dívida	Duramente	Elite
Disciplina	Dividendo	Durante	Elogiar
Discípulo	Dividir	Durar	Elogio
Disco	Divindade	Duro	Eloquência
Discórdia	Divino	Dúvida	Eloquente
Discorrer	Divisão	Duvidar	Em
Discreção	Divulgação	E	Embaixada
Discreto	Divulgar		Embaixador
Discriminar	Dizer	Eclesiástico	Embaixo
Discurso	Dó	Eco	Embaraçar
Discussão	Dobrar	Ecoar	Embarço
Discutir	Dobro	Economia	Embarcação
Disfarçadamente	Doca	Econômico	Embarcar
Disfarçar	Doce	Edição	Embargo
Dislate	Docente	Edificar	Embarque
Dispensa	Documentação	Edifício	Embate
Dispensar	Documentar	Edital	Embeber
Dispensável	Documentário	Editar	Embelezar
Dispersão	Documento	Editorial	Embora
Dispersar	Doçura	Educação	Embrulhar
Dispor	Doença	Educador	Embrulho
Disponível	Doente	Educar	Emendar
Dispor	Doentio	Educativo	Emergência
Disposição	Doer	Efeito	Emergir
Dispositivo	Dogma	Efetivamente	Eminente
Disposto	Doido	Efetuar	Eminentemente
Disputa	Doloroso	Efetivo	Emissário
Disputar	Dom	Eficácia	Emissor
Dissabor	Doméstico	Eficaz	Emitir
Dissertar	Domicílio	Eficiência	Emoção
Dissimulação	Dominação	Eficiente	Emotividade
Dissimular	Dominante	Egípcio	Emotivo
Dissipar	Dominar	Egoísmo	Empanar
Di solução	Dominical	Égua	Empate
Dissoluto	Dominicano	Eis	Empenhar
Dissolver	Domínio	Eixo	Empenho
Distância	Dona	Elaboração	Empilhar
Distante	Dono	Elaborar	Empoçar
Distar	Dôr	Elástico	Empolgante
Dístico	Dormir	Êle	Empreender
Distinção	Dormitório	Elegância	Empreendimento
Distinguir	Dorso	Elegante	Empregado
Distintivo	Dose	Eleger	Empregar
Distinto	Dotar	Eleição	Emprego
Distração	Dote	Eleito	Empresa (sub.)
Distrair	Dourar	Eleitor	Emprestar
Distribuição	Doutor	Elementar	Empréstimo
Distribuidor	Doutrina	Elemento	Empunhar
Distribuir	Drama		Empurrar
Distrito	Doutrinário		Emudecer

Encaixar	Enseada	Éra (sub.)	Esguio
Encaminhar	Ensejar	Erário	Esmagar
Encantador	Ensejo	Erigir	Esmaltar
Encantamento	Ensinar	Ermidia	Esmeralda
Encantar	Ensinar	Errante	Esmoda
Encanto	Ensino	Errar	Esmorecer
Encarar	Ensopar	Erro	Espaço
Encarecer	Entaifar	Erudito	Espada
Encargo	Então	Erupção	Espalhar
Encarregado	Ente	Erva	Espanhol
Encarregar	Entender	Ervai	Espantar
Encerar	Entendimento	Esbater	Espanto
Encerrar	Enterrar	Eselto	Espantoso
Encharcar	Enterro	Escada	Especial
Encher	Entidade	Escala	Especialidade
Encíclica	Entoar	Escândalo	Especialista
Enciclopédia	Entorno	Escapar	Especialização
Encobrir	Entortar	Escarnecer	Especializar
Encolher	Entrada	Escasso	Especialmente
Encomenda	Entrância	Esclarecer	Espécie
Encontrar	Entrar	Esclarecimento	Específico
Encontro	Entre	Escola	Espectador
Encostar	Entreabrir	Escolar	Espectativa
Encruzilhada	Entrecortar	Escolha	Especulação
Encurvar	Entrega	Escolher	Espelho
Endereço	Entregar	Escolta	Espera
Endocarpo	Entrelaçar	Escoltar	Esperança
Endurecer	Entretanto	Esconder	Esperar
Energia	Entrevista	Escopo	Esperto
Enérgico	Entrincheirar	Escorrer	Espesso
Enfático	Entusiasmar	Escoteiro	Espetáculo
Enfeitar	Entusiasmo	Escotismo	Espetar
Enfermeiro	Entusiasta	Escova	Espiar
Enfermidade	Enumerar	Escravidão	Espiga
Enfermo	Enunciar	Escravo	Espinha
Enfiar	Envase	Escrevente	Espinho
Enfim	Envelhecer	Escrever	Espírito
Enfraquecer	Envenenamento	Escrita	Espiritual
Enfrentar	Envenenar	Escrito	Esplêndido
Enganar	Enveredar	Escritor	Esplendor
Engano	Envergonhar	Escritório	Espontaneamente
Engenharia	Enviar	Escritura	Espontaneidade
Engenheiro	Envolver	Escriturário	Espontâneo
Engenho	Enxergar	Escrivão	Esporte
Engulir	Enxoval	Escrúpulo	Esportivo
Enlace	Enxugar	Escudo	Esposo
Enobrecer	Épico	Escultor	Espuma
Enorme	Episódico	Escultura	Esquadra
Enquadrar	Episódio	Escurecer	Esquadrão
Enquanto	Época	Escuridão	Esquadilha
Enredo	Epopéia	Escuro	Esquecer
Enriquecer	Equilibrar	Escutar	Esquecimento
Enriquecimento	Equilíbrio	Esfera	Esquerda
Enrolar	Equipar	Esforçar	Esquerdo
Enrugar	Equipe	Esforço	Esquina
Ensaial	Equivalente	Esfriar	Esquisito
Ensaio	Eqüivaler	Esgotar	Esse
Ensanguentar	Eqüívoco	Esgoto	Essência

Essencial	Estrondo	Exemplo	Extraí
Essencialmente	Estrutura	Exercer	Extranumerário
Estabelecer	Estudante	Exercício	Extraordinaria-
Estabelecimento	Estudar	Exercitar	mente
Estabilidade	Estudioso	Exército	Extraordinário
Estábulo	Estudo	Exibição	Extrativo
Estacionado	Estúpido	Exibir	Extrato
Estádio	Etapas	Exigência	Extremamente
Estadista	Eternamente	Exigir	Extremidade
Estado	Eternidade	Exílio	Extremismo
Estadual	Eterno	Exímio	Extremo
Estágio	Eu	Existência	F
Estaleiro	Europeu	Existente	
Estalo	Evacuação	Existir	Fábrica
Estância	Evangelho	Êxito	Fabricação
Estandarte	Evangelizar	Exótico	Fabricar
Estante	Eventual	Explodir	Faca
Estar	Eventualidade	Expansão	Facção
Estatística	Evidência	Expedição	Façanha
Estatístico	Evidenciar	Expedicionário	Face
Estátua	Evidente	Expediente	Fácil
Estatuto	Evidentemente	Expedir	Facilidade
Estável	Evitar	Experiência	Facilitar
Este	Evocação	Experimentar	Facilmente
Esteira	Evocar	Expirar	Faculdade
Estender	Evolução	Explicação	Fada
listérril	Evoluir	Explicar	Fadiga
Esterilidade	Exagerar	Explícito	Faina
Estesia	Exagero	Explodir	Faixa
Esteta	Exalar	Exploração	Fala
Estética	Exaltar	Explorador	Falador
Estético	Exame	Explorar	Falar
Esticar	Examinar	Explosão	Falecer
Estilo	Exatamente	Explosivo	Falecimento
Estima	Exato	Expoente	Falhar
Estimar	Exceção	Expor	Falho
Estimativa	Excedente	Exportação	Falso
Estimular	Exceder	Exportador	Falta
Estímulo	Excelência	Exportar	Faltar
Estipular	Excelente	Exposição	Fama
Estirar	Excelentíssimo	Expressamente	Família
Estirpe	Excelso	Expressão	Familiar
Estômago	Excepcional	Expressar	Faminto
Estrada	Excepcionalmente	Expressivo	Famoso
Estrado	Excessivo	Expresso	Famoso
Estragar	Excesso	Exprimir	Fantasia
Estrago	Excitar	Expulsar	Fantástico
Estrangeiro	Exclamação	Extasiar	Faraó
Estranhar	Exclamar	Extensão	Farda
Estranho	Excluir	Extenso	Fardamento
Estratégico	Exclusão	Extenuar	Fardo
Estréia	Exclusivamente	Exterior	Farinha
Estreitar	Exclusividade	Exteriormente	Fariseu
Estreito	Exclusivo	Externo	Farmacêutico
Estrela	Excursão	Extinção	Farmácia
Estremecer	Execução	Extinguir	Farol
Estridente	Executivo	Extinto	Fartar
Estrofe	Exemplar	Extração	

Fartura	Festejar	Flamengo	Foto
Fascínio	Festejo	Flanela	Fotografia
Fase	Festival	Flexa	Fracasso
Fatal	Festividade	Flexível	Fracô
Fatalmente	Festivo	Flor	Frade
Fat ganíe	Fiança	Flora	Frágil
Fatigar	Fiar	Floração	Fragmento
Fato	Fibra	Florescer	Francamente
Fator	Ficar	Floresta	Francês
Fauna	Ficha	Florestal	Franco
Favor	Fidalgo	Flotilha	Franço
Favorável	Fiel	Fluminense	Franqueza
Favorecer	Fígado	Flutuante	Franzido
Fazenda	Figura	Fluvial	Franzir
Fazendeiro	Figurar	Focalizar	Fraqueza
Fazer	Fila	Foco	Frase
Fé	Fileira	Fogão	Fraternal
Febre	Filho	Fogo	Fraternidade
Fechadura	Filho	Fogueira	Fratura
Fechamento	Filiação	Foguete	Freguês
Fechar	Filial	Fole	Freguezia
Fecundo	Filiar	Folha	Frei
Federação	Filme	Folhagem	Frenético
Federal	Filosofia	Folhear	Frente
Federalista	Filosófico	Folheto	Frequência
Feição	Filósofo	Fome	Freqüentar
Feijão	Fim	Fone	Freqüente
Feio	Fina	Fonte	Freqüentemente
Feira	Finado	Fora	Fresco
Feita	Final	Força	Frescura
Feitio	Finalidade	Força	Frigorífico
Feito	Finalmente	Forçar	Frio
Feixe	Finanças	Forja	Frisa
Felicidade	Financeiro	Forma	Frisar
Felicitação	Findar	Fôrma	Fritar
Felicitar	Fingir	Formação	Fronteira
Feliz	Fino	Formal	Frota
Felizmente	Finura	Formalidade	Frugal
Feminino	Fio	Formalmente	Fruta
Fenômeno	Firma	Formar	Frutificar
Fera	Firmamento	Formatura	Fruto
Féretro	Firmar	Formidável	Fuga
Féria	Firme	Formiga	Fugir
Feriado	Fiscal	Formoso	Fugitivo
Ferida	Fisaclização	Fórmula	Fumaça
Ferido	Fiscalizar	Formular	Fumar
Ferir	Física	Formusura	Fumo
Fero	Fisicamente	Fornecer	Função
Feroz	Físico	Forno	Funcionamento
Ferreiro	Fisionomia	Foro	Funcionar
Ferro	Fita	Fortalecer	Funcionário
Ferrovia	Fitar	Fortaleza	Fundação
Ferroviário	Fixação	Forte	Fundador
Fértil	Fixar	Fortemente	Fundamental
Ferver	Fixo	Fortificante	Fundamento
Fervor	Flagelação	Fortificar	Fundar
Fervoroso	Flagrante	Fortuna	Fundear
Festa	Flamejar	Fósforo	Fundição

Fundir	Gentio	Grato	Hemisfério
Fundo	Geografia	Gratuitamente	Hemorragia
Fúnebre	Geográfico	Gratuidade	Herança
Furar	Geometria	Gratuito	Herdar
Fúria	Geração	Grau	Herdeiro
Furioso	Geral	Gravação	Heresia
Furor	Geralmente	Gravar	Herético
Furtar	Gerar	Gravata	Herói
Fustigar	Gerente	Grave	Heroicamente
Futebol	Germânico	Gravemente	Heróico
Futuro	Germinar	Graveto	Heroísmo
	Gesto	Gravidade	Hesitação
	Gigante	Grávido	Hesitar
	Gigantesco	Gravura	Hévea
	Ginásial	Grego	Hiato
Gabar	Ginásio	Greve	Hidráulico
Gabinete	Ginástica	Gripe	Hidroavião
Gado	Girar	Gritar	Hierarquia
Gaiola	Globo	Gritaria	Hicrático
Galeria	Glória	Grito	Higiene
Galgar	Glorificar	Grosseiro	Higiênico
Galinha	Glorioso	Grosso	Hino
Galocha	Glosar	Grudar	Hipócrita
Galope	Goiaba	Grupamento	Hipótese
Ganhar	Goiabada	Grupo	História
Garage	Gola	Guapo	Historiador
Garantia	Golfo (sub.)	Guarda	Histórico
Garantir	Golpe	Guardar	Historiógrafo
Gargalhada	Gordo	Guarnecer	Hoje
Garganta	Gordura	Guarnição	Holandês
Garoto	Gostar	Guerra	Homem
Garrafa	Gosto	Guerreiro	Homenagear
Garrucha	Gota	Guia	Homenagem
Gás	Governador	Guiar	Honesto
Gasolina	Governamental	Guincho	Honorário
Gastar	Governar		Honra
Gasto	Governo		Honrar
Gato	Gozar		Honroso
Gaúcho	Gozo (sub.)		Hora
Gaveta	Graça	Hábil	Horário
Gelar	Graças	Habilidade	Horizontal
Gelo (sub.)	Gracioso	Habilitar	Horizonte
Gema	Grade	Habitação	Horrendo
Gemer	Grado	Habitante	Horível
Gemido	Gráfico	Habitar	Horror
General	Gramma	Hábito	Horrorizar
Generalidade	Gramática	Habitual	Horroroso
Generalíssimo	Gramatical	Habitualmente	Hortaliça
Generalizar	Granada	Habituat	Hospedar
Genêro	Grande	Harmonia	Hospedaria
Generoso	Grandemente	Harmônico	Hóspede
Gênese	Grandeza	Hormonioso	Hospital
Genial	Grandioso	Harmonizar	Hospitalidade
Gênio	Grão	Haver	Hóstia
Genro	Grasnar	Hebraico	Hotel
Gente	Gratidão	Hcbreu	Hulha
Gentil	Gratificação	Hectare	Humanidade
Gentileza	Grátis	Helênico	Humano

Humilde	Imortal	Incerteza	Individualista
Humildemente	Imóvel	Incerto	Indivíduo
Humilhação	Impaciência	Incessantemente	índole
Humilhar	Impaciente	Inchar	Indulgência
Humor	Imparciabilidade	Incidente	Indústria
Humorístico	Impassível	Incidir	Industrial
	Impecável	Inclemência	Industrialista
	Impedimento	Inclinação	Industrialização
I	Impedir	Inclinar	Industrializar
	Imperador	Incluir	Induzir
Iconoclasta	Imperfeição	Inclusive	Inédito
Ida	Imperial	íncola	Inefável
Idade	Império	Incomodar	Inegavelmente
Ideal	ímpeto	Incômodo	Inerte
Idealizar	Impiedade	Incomparável	Inesperado
Idéia	Implacável	Incompatível	Inesquecível
Idem	Implantar	Incompleto	Inestimável
Idêntico	Implicitamente	Incompreensão	Inevitável
Identidade	Implorar	Inconcusso	Inexorável
Identificação	Imponente	Inconsciente	Inexplicavelmente
Identificar	Impor	Inconstante	Infalível
Idioma	Importação	Incontestável	Infância
Idolstrar	Importador	Incontestavelmente	Infantaria
ídolo	Importância	Inconveniente	Infantil
Idoneidade	Importante	Incorporação	Infelicidade
Idôneo	Importar	Incorporar	Infeliz
Ignóbil	Impossibilidade	Incredulidade	Infelizmente
Ignorância	Impossibilitar	Incrédulo	Intenso
Ignorar	Impossível	Incremento	Inferior
Igreja	Imposto	Incrível	Inferioridade
Igual	Impregnar	Inculcar	Inferno
Igualmente	Imprensa	Incumbir	Infestar
Illegal	Imprescindível	Incutir	Infiel
Illegível	Impressão	Indagar	Infiltração
Ilha	Impressionante	Indecisão	Infinidade
Ilimitado	Impressionar	Indeferido	Infinitamente
Iludir	Impresso	Indefinível	Infinito
Iluminação	Imprevisto	Indenização	Inflamação
Iluminar	Imprimir	Independência	Inflamar
Ilusão	Impróprio	Independente	Infligir
Ilustração	Improvisar	Independentemente	Influência
Ilustrar	Impulsão	Indicação	Influir
Ilustre	Impulso	Indicador	Informação
Imagem	Impureza	Indicar	Informar
Imaginação	Inabalável	índice	Informe
Imaginar	Inalterável	Indiciar	Infortúnio
Imbuia	Inanimado	Indício	Infração
Imediação	Inatividade	Indiferença	Infrator
Imediatamente	Inativo	Indiferente	Infringir
Imediato	Inauguração	Indígena	Ingênuo
Imensamente	Inaugural	Indignação	Ingerir
Imensidade	Inaugurar	Indignar	Inglês
Imenso	Incapaz	índio	Ingressar
Iminência	Incauto	Indiretamente	Ingresso
Iminente	Incendiar	Indiscutível	Inicial
Imitação	Incêndio	Indispensável	Iniciar
Imitar	Incenso	Individual	Iniciativa
Imobilizar	Incentivar	Individualidade	Início

Inimigo	Intenção	Inundar	Jesuíta
Inimizade	Intendente	Inútil	Joelho
Iniquidade	Intensidade	Inutilizar	Jogador'
Injúria	Intensificação	Inutilmente	Jogar
Injustiça	Intensificar	Invariável	Jogo
Injusto	Intenso	Invariavelmente	Jóia
Inocência	Intentar	Invasão	Jornada
Inocente	Intento	Invasor	Jornal
Inofensivo	Interamericano	Inveja	Jornalista
Inquérito	Intercalar	Invenção	Jorrar
Inquietar	Intercâmbio	Invencível	Jovem
Inquieto	Interdito	Inventário	Júbilo
Insatisfeito	Interessado	Inventor	Judeu
Inscrever	Interessante	Inverno	Jugo
Inscrição	Interessar	Investida	Juiz
Inscrito	Interesse	Investidura	Juízo
Inseparável	Interinamente	Investigação	Julgamento
Inserir	Interino	Investir	Julgar
Insígnia	Interior	Invisível	Junco
Insignificante	Interiormente	Invocação	Junta
Insinuação	Interlocutor	Invocar	Juntamente
Insinuar	Intermediário	Involuntariamente	Juntar
Insistência	Intermédio	Invulgar	Junto
Insistente	Internação	Ir	Juramento
Insistir	Internacional	Ira	Jurar
Insondável	Internar	Irmandade	Jurídico
Insucesso	Internato	Irmão	Jurisdição
Inspeção	Interno	Ironia	Juro
Inspecionar	Internúncio	Irradiação	Justamente
Inspetor	Interpretação	Irradiar	Justiça
Inspiração	Interpretar	Irregularidade	Justificar
Inspirar	Intérprete	Irremediável	Justo
Instalação	Interrogação	Irresistível	Juvenil
Instalar	Interrogar	Irritação	Juventude
Instância	Interromper	Irritar	
Instante	Interrupção	Irromper	
Instinto	Intervalo	Isolamento	L
Instituição	Intervenção	Isolar	
Instituir	Interventor	Isso	Lá
Instituto	Intervir	Isto	Lã
Instrução	Intestino	Italiano	Lábio
Instruir	Intimação	Item	Labor
Instrumento	Intimamente	Invadir	Laboratório
Instrutivo	Intimar	Inventar	Labuta
Instrutor	Intimativa		Laço
Insuficiência	Intimidade		Lacuna
Insuficiente	Intimidar	J	Ladear
Insurgir	íntimo		Lado
íntegra	Intitular	Já (adv.)	Ladrão
Integral	Intrépido	Jamais	Lago
Integralmente	Intriga	Janela	Lagoa
Integrar	Intrínseco	Jantar	Lágrima
Inteiramente	Introduzir	Japonês	Lama
Inteiro	Intruso	Jardim	Lamber
Intelectual	Intuição	Jarina	Lamento
Inteligência	Intuito	Jazida	Lamentar
Inteligente	Inúmero	Jeito	Lâmpada
Intempérie	Inundação	Jejum	Lança

Lançar	Leproso	Livre	Madrugada
Lance	Ler	Livrentemente	Maduro
Lanterna	Leste	Livro	Mãe
Lapidação	Letra	Local	Maestro
Lapidador	Levantamento	Localidade	Mágico
Lapidar	Levantar	Localizar	Magistério
Lápis	Levar	Lógica	Magistrado
Laquear	Leve	Lógico	Magnificência
Lar	Levemente	Logo	Magnífico
Laranja	Lhe	Lograr	Mago
Largamente	Libélula	Longamente	Mágoa
Largar	Liberal	Longínquo	Magro
Largo	Liberdade	Loja	Maguar
Largura	Libertar	Londrino	Maior
Lassidão	Libra	Longe	Maioria
Lata	Lição	Longo	Mais
Latente	Licença	Lote	Majestade
Latim	Lícito	Loteria	Majestoso
Latino	Licor	Louça	Major
Latir	Lidar	Louco	Mal
Latitude	Liga	Loucura	Mal (sub.)
Lavar	Ligação	Louro	Mala
Lavatório	Ligar	Louvar	Maldição
Lavor	Ligeiramente	Louvável	Maldito
Lavoura	Ligeiro	Louvor	Maledicente
Lavra	Limiar	Lua	Mal-estar
Lavrador	Limitar	Luar	Malícia
Lavrar	Limite	Lúcido	Malicioso
Lazer	Limítrofe	Lucrar	Maltratar
Leal	Limpar	Lucro	Maluco
Legal	Limpeza	Lugar	Malvado
Legalizar	Limpidez	Luminoso	Mamãe
LEGISLAÇÃO	Límpido	Lusitano	Mamona
Legenda	Limpo	Lustre	Mancha
Legislação	Lindo	Luta •	Manchar
Legislativo	Língua	Lutar	Mandamento
Legítimo	Linguagem	Luto	Mandar
Légua	Linha	Luva	Mandato
Legume	Linho	Luxo	Mandioca
Lei	Liquidar	Luxuoso	Mando
Leilão	Líquido	Luz	Maneira
Leiloeiro	Lira	Luzir	Manejar
Leite	Lírico		Manga
Leito	Lirio		Manglês
Leitor	Lirismo		Manhã
Leitura	Liso		Mania
Lembrança	Lisonjear	Má	Manifestação
Lembrar	Lista	Maçã	Manifestar
Lenço	Literário	Mação	Manifesto
Lençol	Literato	Maço	Mano
Lenda	Literatura	Machado	Manobra
Lenha	Litígio	Machucar	Manobrar
Lentamente	Litoral	Macio	Manso
Lente	Litro	Maçonaria	
Lentilha	Liturgia	Maçônico	Manteiga
Lento	Lívido	Madeira	Manter
Lépidio	Livrar	Madeiro	Manto
Lepra	Livraria	Madrinha	Manual

Manufatura	Matutino	Meramente	Miolo
Manufaturar	Mau	Mercado	Mirar
Manufatureiro	Máximo	Mercadoria	Miséria
Manuscrito	Me	Mercante	Misericórdia
Manutenção	Meada	Merecedor	Mísero
Mão	Mecânica	Merecer	Missa
Mapa	Mecânico	Merecimento	Missão
Maquilagem	Mecanismo	Mergulhar	Misterioso
Máquina	Média	Meridional	Missionário
Maquinação	Mediante	Mérito	Mister
Mar	Medicamento	Mero	Mistério
Maracujá	Medicar	Mês	Místico
Maravilha	Medicina	Mesa	Mistura
Maravilhar	Medicinal	Mesada	Misturar
Maravilhosamente	Médico	Mesmo,	Mito
Maravilhoso	Medida	Mestre	Miúda
Marca	Medieval	Metade	Miude
Marcar	Médio	Metáfora	Miúdo
Marcha	Medíocre	Metal	Mobília
Marchar	Medir	Metálico	Mocidade
Marcial	Meditação	Meter	Moço
Maré	Meditar	Meticuloso	Moda
Marechal	Mediterrâneo	Metílico	Modalidade
Marfim	Medo	Método	Modelagem
Margem	Medroso	Metodologia	Modelar
Marido	Meia	Metodológico	Modelo
Marinha	Meia-noite	Metro	Moderação
Marinheiro	Meias		Moderar
Marítimo	Meigo	Metrópole	Moderno
Mármore	Meio	Meu	Modéstia
Marreco	Mel	Mexer	Modesto
Martelo	Malancolia	Microfone	Modificação
Mártir	Melancólico	Mil	Modificar
Martírio	Melhor	Milagre	Modo
Martirizar	Melhora	Milagroso	Moeda
Marujo	Melhoramento	Milha	Moldar
Mas	Melhorar	Milhão	Molde
Máscara	Melodia	Milhar	Moldura
Masculino	Membrana	Milho	Moleque
Massa	Membro	Millionário	Moléstia
Mastigar	Memória	Militar	Molhar
Mata	Memorial	Mimoso	Molho
Matança	Mencionar	Mina	Momento
Matar	Mendigo	Mineiro	Monarca
Mate	Meninice	Mineração	Monarquia
Matéria	Menino	Mineral	Monárquico
Material	Menor	Minério	Monge
Materialista	Menos	Miniatura	Monopólio
Maternidade	Mensageiro	Mínimo	Monotonia
Materno	Mensagem	Ministerial	Menótono
Matiz	Mensal	Ministério	Monsenhor
Mato	Mensalmente	Ministrar	Monstro
Matrícula	Mental	Ministro	Monstruoso
Matricular	Mentalidade		
Matrimonial	Mentalmente	Minoria	Montagem
Matrimônio	Mente	Minúcia	Montanha
Matriz	Mentir	Minucioso	Montar
Maturidade	Mentira	Minuto	Monte

Monumental	N	Neutralizar	Nutrir
Monumento		Neutro	Nutritivo
Mor	Nacional	Neve	Nuvem
Morada	Nacionalidade	Névoa	
Morador	Nacionalista	Nevoeiro	
Moral	Nacionalização	Ninfa	O
Morar	Nação	Ninguém	
Mórbido	Nada	Ninho	O (art.)
Morder	Nadador	Nipônico	0 (pron.)
Moreno	Nadar	Nítido	Obsessão
Moribundo	Nádega	Nível	Obedecer
Morno	Namorado	Nobre	Obediência
Morrer	Namorado	Nobreza	Óbito
Morro	Namoro (sub.)	Nocivo	Objetivo
Mortal	Não	Noção	Objeto
Morte	Narina	Noite	Obra
Mortificar	Nariz	Noivo	Obra-prima
Morto	Narração	Nome	ObrigaçãO
Mosquito	Narrar	NomeaçãO	Obrigado
Mosteiro	Narrativa	Nomear	Obrigar
Mostrar	Nascente	Nominal	Obrigatoriedade
Motivo	Nascer	Nora	Obrigatório
Motor	Nascimento	Nordeste	Obscuro
Motorista	NataçãO	Nordestino	Obsequiar
Mouro	Natal	Norma	Obséquio
Móvel	Natal ício	Normal	ObservaçãO
Mover	Nativo	Normalizar	Observador
Movimentar	Natural	Normando	Observar
Movimento	Naturalidade	Noroeste	Obstáculo
Muda	Naturalista	Norte	ObstinaçãO
Mudança	Naturalmente	Nós	Obstinadamente
Mudar	Natureza	Nos (var. pronomi- nal)	Obstinar
Mudo	Nau	Nosso	ObstruçãO
Muito	Naufregar	Nostalgia	ObtençãO
Mulato	Naufrágio	Nostálgico	Obter
Mulher	Náufrago	Nota	Oca
Multa	Naval	Notar	Ocasião
Multidão	NavegaçãO	Notável	Oceânico
MultiplicaçãO	Navegante	Notícia	Oceano
Multiplicar	Navegar	Noticiar	Ocidental
Múltiplo	Navio	Noticioso	Ocidente
Mundial	Neblina	Noturno	Ocorrência
Mundo	Necessário	Novato	Ocorrer
MuniçãO	Necessidade	Novamente	Óculo
Municipal	Necessitar	Novelista	Ocultar
Municipalidade	NegaçãO	Novidade	Oculto
Município	Negar	Novo	OcupaçãO
Muralha	Negociante	Nu	Ocupar
Murmurar	Negociar	Nuca	Odiar
Muro	Negócio	Núcleo	Ódio
Musa	Negro	Numerar	Oeste
Músculo	Nem	Número	Ofegar
Musculoso	Nenhum	Numeroso	Ofender
Museu	Nervo	Nunca	Ofensiva
Música	Nervoso	Nupcial	Ofensivo
Musical	Nervura	Núpcias	Oferecer
MútuO	Neto	Nutrição	Oferta
	Neutralidade		Ofertar

Oficial	Organização	Painel	Parnasianismo
Oficialidade	Organizador	País	Parnasiano
Oficialmente	Organizar	Paisagem	Paróquia
Oficiar	Órgão	Paisagista	Parque
Oficina	Orgulho	Paixão	Parte
Oficinal	Orgulhoso	Pala	Parteiro
Ofício	Orientação	Palácio	Participação
Ohl	Orientador	Paladar	Participar
Oiticica	Oriental	Palanque	Partícula
Oleaginoso	Orientar	Palavra	Particular
Óleo	Oriente	Palco	Particularidade
Olhar (sub.)	Origem	Palestra	Particularmente
Olhar (v.)	Original	Paletó	Partida
Olho	Originar	Palha	Partidário
Olvidar	Originário	Pálido	Partido
Ombro	Ornato	Palio	Partir
Onda	Orquestra	Palito	Partitura
Onde (pron. relat.)	Oso	Palma	Parto
Onde (adv.)	Ostentar	Palmeira	Páscoa
Ondular	Ótimo	Palmeiral	Pasmar
ônibus	Ou	Palmo	Passada
Onipotência	Ourives	Pálpebra	Passado
Onipotente	Ouro	Palpitar	Passageiro
Ontem	Ousar	Pancada	Passagem
Opaco	Outono	Panegírico	Passaporte
Ópera	Outorgar	Pano	Passar
Operação	Outro	Panorama	Pássaro
Operar	Outroira	Panteísmo	Passear
Operário	Ouvido	Panteísta	Passeio
Operoso	Ouvinte	Pão	Passivo
Opinar	Ouvir	Papa	Passo
Opinião	Oval	Papai	Pasta
Opor	Ovelha	Papel	Pastar
Oportunamente	Ovo	Papeleta	Pastel
Oportunidade		Papo	Pasto
Oportuno		Paquete	Pastor
Oposição	P	Par	Pastoral
Oposto		Para	Pata
Opressão	Paciência	Parabéns	Patente
Oprimir	Paciente	Parábola	Páteo
Opulência	Pacífico	Parada	Paternal
Opulento	Pacto	Paragem	Paterno
Opúsculo	Padaria	Parágrafo	Patife
Ora	Padecer	Paraíso	Pátio
Oração	Padecimento	Paralelamente	Patrão
Orador	Padrão	Paralelo	Pátria
Oral	Padre	Paralisar	Patriarca
Orar	Padre-nosso	Parar	Patriarcal
Orçamento	Padrinho	Parcela	Patrício
Orçar	Padroado	Parcial	Patrimônio
Ordem	Padroeiro	Pardacento	Patriótico
Ordenado	Pagamento	Pardo	Patriotismo
Ordenar	Pagão	Parecer	Patrocinar
Ordinário	Pagar	Parede	Patrocínio
Orelha	Pagem	Parente	Patrono
Órfão	Página	Parentesco	Patrulha
Orgânico	Pago	Páreo	Pau
Organismo	Pai	Parlatório	Paulista

Pausa	Perder	Pessoalmente	Polar
Pausar	Perdoar	Peste	Pólem
Pavilhão	Perdurar	Petróleo	Polícia
Pavimento	Perecer	Pia	Policial
Paz	Peregrinação	Pianista	Policiar
Pé	Perfeição	Piano	Polido
Peça	Perfeitamente	Picar	Política
Pecado	Perfeito	Piedade	Político
Pecador	Pérfido	Piedoso	Polo
Pecaminoso	Perfil	Piloto	Poltrona
Pecar	Perfumar	Pílula	Pomba
Peculiar	Perfume	Pimenta	Pombo
Pedaço	Pergunta	Pinheiro	Ponderava
Pedagogia	Perguntar	Pintar	Ponta
Pedagógico	Perigo	Pintor	Pontapé
Pedagogo	Perigoso	Pintura	Ponte
Pedestre	Periódico	Pioneiro	Ponteiro
Pedido	Período	Pior	Pontífice
Pedir	Peripécia	Pique	Ponto
Pedra	Perito	Pisar	População
Pegar	Permanecer	Piscar	Popular
Peito	Permanência	Pista	Pôr (v.)
Peixe	Permanente	Pitoresco	Por
Pele	Permissão	Placa	Porção
Peleja	Permitir	Planalto	Porcelana
Pelo,	Perna	Planejar	Porco
Pêlo (sub.)	Pernambucano	Planeta	Porém
Pelotão	Pérola	Planície	Pormenor
Pena	Perpétuo	Plano	Poro
Penal	Perseguição	Planta	Porquanto
Pendente	Perseguidor	Plantação	Porque
Pendor	Perseguir	Plantar	Porque (sub.)
Pêndulo	Perseverança	Plantio	Porta
Pendurar	Persistir	Plástico	Portador
Penetrar	Personagem	Plátano	Positivamente
Península	Personalidade	Platéia	Positivo
Penitência	Perspectiva	Platina	Portanto
Penitenciário	Persuação	Pleitear	Portão
Penoso	Persuadir	Pleito	Portar
Pensamento	Pertencente	Plenamente	Portaria
Pensão	Pertencer	Plenário	Porta-voz
Pensar	Perto	Plenilúnio	Porteiro
Pensativo	Perturbação	Plenitude	Portentoso
Pente	Perturbar	Pleno	Pórtico
Penteado	Peruano	Pneu	Porto
Pentear	Perverso	Pó	Português
Penumbra	Pesado	Pobre	Posição
Penúria	Pêsame	Pobreza	Posponto
Peor	Pesar	Poço	Posse
Pequeno	Pesca	Poder (sub)	Possibilidade
Pera	Pescar	Poder (v.)	Possível
Peralta	Pescoço	Poderoso	Possivelmente
Perceber	Peso	Poeira	Possuidor
Porcentagem	Pesquisa	Poema	Possuir
Percorrer	Pesquisador	Poesia	Postal
Percurso	Pesquisar	Poeta	Postar
Perda	Pessoa	Poético	Poste
Perdão	Pessoal	Pois	Posteridade

Posterior	Preguiça	Previsto	Proibir
Posto	Prejudicar	"Prima	Projeção
Póstumo	Prejudicial	Primário	Projetar
Postura	Prejuízo	Primavera	Projeto
Pote	Prelado	Primeiro	Prol
Potência	Preleção	Primitivo	Prolongamento
Potencial	Preliminar	Primo	Prolongar
Pouco	Prélio	Primogenitura	Promessa
Poupar	Prelúdio	Princesa	Prometer
Pousar	Prêmio	Principal	Promoção
Povo	Prender	Principalmente	Promontório
Povoação	Preocupação	Príncipe	Promotor
Povoar	Preocupar	Principiar	Promover
Praça	Preparação	Princípio	Promulgar
Praia	Preparado	Prisão	Pronome
Pranto	Preparar	Prisioneiro	Prontamente
Prata	Preparativo	Prisma	Pronto
Prateleira	Preparo	Privar	Pronunciamento
Prática	Preponderância	Privilegiar	Pronunciar
Praticamente	Prerrogativa	Privilégio	Propaganda
Praticar	Presa	Proa	Propagar
Prático	Prescrever	Problema	Propício
Prato	Prescrição	Procedência	Propor
Prazer	Presença	Procedente	Proporção
Prazo	Presenciar	Proceder	Proporcional
Precário	Presente	Procedimento	Proporcionar
Precaução	Presépio	Processar	Proposição
Preceder	Preservar	Processo	Propósito
Preceito	Presidência	Procissão	Proposta
Precioso	Presidencial	Proclamação	Propriamente
Precipitar	Presidente	Proclamar	Propriedade
Precisamente	Presidiário	Procura	Proprietário
Precisão	Presfídio	Procurador	Próprio
Precisar	Presidir	Procurar	Prorrogar
Preciso	Presilha	Prodígio	Prosa
Preço	Preso	Prodigioso	Prosador
Precoce	Pressa	Pródigo	Prosódico
Precursor	Pressão	Produção	Prosperidade
Predecessor	Pressentimento	Produtivo	Próspero
Predial	Pressuroso	Produto	Prosseguir
Predica	Prestação	Produtor	Prostemar
Predição	Prestar	Produzir	Prostrar
Predileção	Prestes	Profecia	Proteção
Predileto	Prestígio	Proferir	Proteger
Prédio	Presumir	Professar	Protestante
Predominantemente	Pretendente	Professor	Protestantismo
Predominar	Pretender	Professora	Protestar
Predomínio	Pretensão	Profético	Protesto
Preencher	Pretenso	Profissão	Protonotário
Prefácio	Pretesto	Profissional	Prova
Prefeito	Preto	Profundamente	Provação
Prefeitura	Prevalecer	Profundidade	Provar
Preferência	Prevenir	Profundo	Provável
Preferir	Prever	Programa	Provavelmente
Prega	Previamente	Progredir	Provedor
Pregação	Previdente	Progressivo	Proveito
Pregão	Prévio	Progresso	Proveitoso
Pregar	Previsão	Proibição	Provento

Prover	Que (conj.)	Rapariga	Recomendação
Providência	Que (pron.)	Rapidamente	Recomendar
Providenciar	Quebra	Rapidez	Recompensa
Provimto	Quebrar	Rápido	Recompensar
Província	Queixa	Raramente	Recompor
Provir	Queijo	Rarear	Reconciliação
Provisão	Queimadura	Raro	Reconciliar
Provisoriamente	Queimar	Rasgar	Recôndito
Provisório	Queixa	Rapaz	Reconhecer
Provocar	Queixar	Raso	Reconhecimento
Proximidade	Queixo	Rasteiro	Reconstituinte
Próximo	Quem	Ratificar	Reconstruir
Prudência	Quente	Rato	Recordação
Psicologia	Querer	Razão	Recordar
Psicológico	Querido	Razoável	Recorrer
Psíquico	Questão	Reabrir	Recortar
Publicação	Quieto	Reabsolver	Recorte
Publicano	Quietude	Reação	Recreio
Publicar	Quilate	Reagir	Recuar
Publicidade	Quilo	Real	Recurso
Público	Quilograma	Realce	Recurvar
Pudor	Quilombo	Realeza	Recusar
Pular	Quilômetro	Realidade	Redação
Pulmão	Química	Realismo	Redarguir
Pulo (s)	Quinhão	Realista	Redator
Pulso	Quinquênio	Realização	Rede
Punhado	Quintal	Realizar	Redentor
Punho	Quinto	Realmente	Redigir
Punir	Quitação	Reanimar	Redobrar
Pupila	Quite	Rebanho	Redondeza
Puramente	Quitute	Rebater	Redondo
Pureza	Quota	Rebelde	Redor
Purgatório	Quotidiano	Rebelião	Redução
Purificar		Rebentar	Reduto
Puro		Reboar	Reduzir
Puxar	R	Recanto	Reeducação
		Recear	Refazer
	Raciocínio	Receber	Refeição
	Racional	Receio	Refeitório
Q	Raça	Receita	Refém
	Radical	Recém	Referência
Quadra	Radicalmente	Recente	Referente
Quadrado	Radicar	Recentemente	Referir
Quadriênio	Rádio	Recepção	Refletir
Quadro	Radioreceptor	Receptor	Reflexão
Qual	Radioterapia	Rechaçar	Reflexo
Qualidade	Rainha	Recibo	Reforçar
Qualificar	Raio	Recinto	Reforço
Qualquer	Raiva	Recíproco	Reforma
Quando (adv.)	Raivoso	Recitar	Reformador
Quando	Raiz	Reclamação	Reformar
Quantia	Ralar	Reclamar	Refrescar
Quantidade	Ralhar	Reclamo	Refrigeração
Quanto	Ralo	Reclusão	Refrigerador
Quão	Rama	Recluso	Refugiar
Quartel	Ramagem	Recolher	Refúgio
Quarto	Ramo	Recolhimento	Regalia
Quase	Rancho	Recomeçar	Regalismo

Regato	Reminiscência	Resíduo	Retrospecto
Regeneração	Remo	Resignação	Retrucar
Reger	Remorso	Resignar	Reumatismo
Região	Remoto	Resistência	Reunião
Regime	Remover	Resistente	Reunir
Regimento	Remuneração	Resistir	Revelação
Régio	Renda	Resolução	Revelar
Regional	Render	Resolver	Rever
Registrar	Rendimento	Respectivamente	Reverendíssimo
Registro	Renhido	Respectivo	Revés
Registrar	Renovação	Respeitar	Revestir
Registro	Renovar	Respeitável	Revidar
Regozijo	Renúncia	Respeito	Revigorar
Regra	Renunciar	Respeitoso	Revisão
Regressar	Reorganização	Respiração	Revista
Regresso	Reparação	Respirar	Reviver
Regulamentar	Reparar	Resplandescente	Revogar
Regulamento	Repartição	Responder	Revolta
Regular	Repartir	Responsabilidade	Revoltar
Regularidade	Repelir	Responsável	Revolução
Regularmente	Repentino	Resposta	Revolucionário
Rei	Repercussão	Ressaca	Rezar
Reinado	Repercutir	Ressaltar	Riacho
Reinante	Repetição	Ressentimento	Ribeirão
Reinar	Repetir	Ressoar	Rico
Reiniciar	Repisar	Ressonância	Rico-comilão
Reino	Replicar	Resurreição	Ridículo
Reiterar	Reportagem	Ressuscitar	Rigidez
Reitor	Repousar	Restabelecer	Rígido
Rejeitar	Repouso	Restante	Rigor
Relacionar	Representação	Restar	Rigorosamente
Relação	Representante	Restauração	Rigoroso
Relâmpago	Representar	Restaurante	Rijo
Relatar	Representativo	Restaurar	Rim
Relativamente	Repressão	Restituir	Rima
Relativo	Reprodução	Resto	Rio
Relato	Reproduzir	Restrição	Rio-grandense
Relator	República	Restrito	Riqueza
Relatório	Republicano	Resultado	Rir
Relembrar	Repugnar	Resultar	Risada
Reler	Repulsa	Resumir	Riscar
Relevante	Reputação	Reta	Risco
Relevar	Reputar	Retaguarda	Riso
Relevo	Requerente	Retardar	Risonho
Religião	Requerer	Reter	Ritmo
Religioso	Requerimento	Retificação	Rival
Relíquia	Requinte	Retificar	Rivalizar
Relógio	Requisição	Retirada	Robusto
Relutância	Reserva	Retirar	Roça
Reluzir	Reservar	Retiro	Rochedo
Relva	Reservista	Reto	Roda
Remanescente	Resgatar	Retocar	Rodado
Rematar	Resgate	Retomar	Rodagem
Remediar	Resguardar	Retorquir	Rodar
Remédio	Residência	Retraír	Rodear
Remessa	Residencial	Retrato	Rodela
Remeter	Residente	Retroceder	Roer
Remexer	Residir	Retrospectivo	Rogar

Rol	Sagrado	Secretária	Sentença
Rolar	Sagrar	Secretário	Sentenciar
Rolo	Saguão	Secreto	Sentido
Romance	Saia	Sectário	Sentimental
Romancista	Saída	Secular	Sentimento
Romano	Sair	Século	Sentir
Romântico	Sal	Secundário	Separação
Romper	Sala	Seda	Separar
Ronco	Salão	Sede	Sepultar
Rosa	Salário	Sede	Sepultura
Rosto	Saldo	Sedentário	Sequer
Rota	Salientar	Sedento	Sequioso
Rotina	Saliente	Sedição	Séquito
Rotineiro	Salina	Sedução	Ser (sub.)
Roubar	Salsa	Seduzir	Ser
Rouco	Saltar	Segredo (sub.)	Serão (sub.)
Roupa	Salteador	Seguida	Sereia
Roxo	Salto	Seguido	Serenidade
Rua	Salutar	Seguinte	Sereno
Rubi	Salva	Seguir	Serriamente
Rubro	Salvação	Segunda	Série
Rude	Salvador	Segundo	Seriedade
Ruga	Salvar	Seguramente	Seringal
Rugir	Salvo	Segurança	Seringueira
Ruído	Samba	Segurar	Seringueiro
Ruidoso	Sanatório	Seguro	Sério
Ruim	Sanção	Seio	Sermão
Ruína	Sangrento	Seita	Serpente
Ruivo	Sangue	Seiva	Serra
Rumar	Sanitário	Selar	Sertanejo
Rumo	Santa	Seleção	Sertão
Rumor	Santidade	Selecionar	Servente
Rumoroso	Santo	Selo (sub.)	Serventuário
Rural	São	Selva	Servidor
Russo	Sapato	Selvagem	Servil
Rústico	Sapo	Sem	Sérvio
	Saquear	Semana	Servir
	Sarar	Semanário	Servo
S	Sarda	Semelhança	Sessão
	Sargento	Semelhante	Seta
Sabedoria	Satírico	Semente	Setentrional
Saber (v.)	Satisfação	Semestre	Setor
Sábio	Satisfatoriamente	Seminário	Seu
Sabonete	Satisfatório	Sempre	Severidade
Sabor	Satisfazer	Senador	Severo
Soboroso	Satisfeito	Senão	Sexo
Sacerdócio	Saudação	Senhor	Sexual
Sacerdote	Saudade	Senhora	Sifilis
Saciar	Saudar	Senhorita	Sifilítico
Saco	Saudável	Sensação	Significação
Sacramento	Saúde	Sensacional	Significar
Sacrificar	Saudoso	Sensato	Significativo
Sacrifício	Se (conj.)	Sensibilidade	Signo
Sacrílego	Se (pron.)	Sensível	Silêncio
Sacristão	Seca (sub.)	Senso	Silencioso
Sacudir	Secar	Sensorial	Sim
Sadio	Seção	Sensual	Simbolismo
Safra	Seco	Sentar	

Simbolizar	Sofredor	Subdivisão	Superior
Símbolo	Sofrer	Subida	Superioridade
Simpatia	Sofrimento	Subido	Superlativo
Simpático	Sogro	Subir	Suplementar
Simple	Sol	Subitamente	Suplente
Simplemente	Sola	Súbito	Súplica
Simplicidade	Solar	Sublimar	Suplício
Simplificar	Soldado	Sublime	Supor
Simular	Solene	Sublinhar	Suportar
Simultaneamente	Solenemente	Submeter	Supremacia
Sinal	Solenidade	Submissão	Supremo
Sinceramente	Solicitação	Subordinação	Suprimento
Sinceridade	Solicitar	Subordinar	Suprimir
Sincero	Solícito	Subproduto	Suprir
Sindicato	Solicitude	Subsecretário	Surdo
Singelo	Solidão	Subseqüente	Surgir
Singular	Solidariedade	Subsistência	Surpreendente
Sinhô	Sólido	Subsistir	Surpreender
Sino	Solitário	Subsolo	Surpresa
Síntese	Solo	Substância	Surto
Sintético	Soltar	Substancial	Suscitar
Sintoma	Solteiro	Substantivo	Suspeita
Sirene	Solução	Substituição	Suspeitar
Sisal	Soluçar	Substituir	Suspender
Sistema	Solucionar	Substituto	Suspenso
Sistemático	Soluçõ	Subterfúgio	Suspirar
Sistematização	Som	Subterrâneo	Suspiro
Sítio	Soma	Subúrbio	Sussurrar
Situação	Somar	Suceder	Sustentar
Situar	Sombra	Sucessão	Susto
Só	Sombrio	Sucessivamente	Sutil
Soar	Somente	Sucessivo	Sutileza
Sob	Soneto	Sucesso	
Soberano	Sonhar	Sucessor	
Sobra	Sonho	Sucursal	T
Sobrado	Sono	Sudeste	
Sobrancelha	Sonoridade	Súdito	Taba
Sobrar	Sonoro	Sudoeste	Tabaco
Sobre (prep.)	Sopa	Suficiente	Tabela
Sobrenatural	Soprar	Suficientemente	Taboleiro
Sobrepujar	Sopro (sub.)	Sufocar	Tábua
Sobressalto	Sorridente	Sufrágio	Tacho
Sobretudo	Sorrir	Sugerir	Tácito
Sobrevir	Sorriso	Sugestão	Taça
Sobreviver	Sorte	Sujar	Tal
Sobriedade	Sortear	Sujeitar	Talão
Sobrinho	Sorteio	Sujeito	Talento
Sóbrio	Sortimento	Sujo	Talha
Sociabilidade	Sorvete	Sul	Talhar
Social	Sozinho	Suma	Talher
Socialista	Sossegar	Sumário	Talvez
Sociedade	Sossego	Sumir	Tamanho
Sócio	Suave	Sumo	Também
Sociologia	Suavidade	Suntuoso	Tanque
Sociológico	Suavizar	Suor	Tanto
Soco	Subcomandante	Superaquecimento	Tão
Socorrer	Subconsignação	Superfície	Tapete
Socorro	Subdito	Superintendência	Tardar

Tarde	Terminação	Tombar	Transferir
Tardio	Terminar	Tonelada	Transfiguração
Tarefa	Termo	Tonelagem	Transfigurar
Tartaruga	Terno	Tonalidade	Transformação
Tato	Ternura	Tônico	Transformar
Taxa	Terra	Tonto	Transido
Te	Terra-cota	Toque	Transigir
Teatral	Terraço	Torcedor	Trânsito
Teatro	Terreiro	Tormentoso	Transitório
Tecer	Terreno	Tornar	Transmissão
Tecido	Terrestre	Torneio	Transmitir
Técnica	Territorial	Torno	Transmudar
Tecnicamente	Território	Torrado	Transparência
Técnico	Terrível	Torrão	Transparente
Teimar	Terror	Torrar	Transpor
Tela	Tese	Torre	Transportar
Telefonar	Tesoureiro	Torrente	Transporte
Telefone	Tesouro	Tortura	Trapo
Telegrafar	Testa	Tosco	Traseiro
Telegráfico	Testamento	Tosse	Traspassar
Telegrama	Testemunha	Tossir	Tratadista
Tema	Testemunho	Total	Tratado
Temer	Testo	Totalidade	Tratamento
Temeridade	Teto	Totalmente	Tratar
Temeroso	Teu	Toucinho	Trato
Temor	Texto	Trabalhado	Travar
Temperamento	Tigela	Trabalhador	Travesseiro
Temperar	Tijolo	Trabalhar	Travessia
Temperatura	Til	Trabalho	Trazer
Tempero (sub.)	Timidez	Trabular	Trecho
Tempestade	Tímido	Traçar	Treinamento
Templo	Tingir	Traço	Treino
Tempo	Tinta	Tradição	Trem
Temporada	Tinteiro	Tradicional	Tremendo
Temporal	Tio	Tradução	Tremor
Temporário	Típico	Traduzir	Trêmulo
Tenaz	Tipo	Tráfego	Trepar
Tencionar	Tipografia	Tragar	Treva
Tenda	Tirar	Tragédia	Tribo
Tendência	Tiro	Trágico	Tribuna
Tender	Titular	Traição	Tribunal
Tenente	Título	Traidor	Tributar
Tenor	Toada	Trair	Tributo
Tensão	Toalha	Trajar	Tricolor
Tentação	Toallete	Traje	Tríduo
Tentar	Tocante	Trajeto	Trigo
Tentativa	Tocar	Tramar	Trilho
Tento	Tocha	Trança	Trimestre
Tênu	Toda	Tranqüilamente	Tríplice
Teologia	Todo	Tranqüilidade	Tripulante
Teólogo	Tolerância	Tranqüilo	Triste
Teoria	Tolerar	Transato	Tristeza
Teórico	Tolher	Transcorrer	Tristonho
Ter	Tolice	Transcrever	Triunfal
Terapêutica	Tolo	Transcurso	Triunfante
Terceira	Tom	Transe	
Terceiro	Tomar	Transeunte	
Terço (sub.)	Tomate	Transferência	

Triunfar	Universitário	Vaso	Vestuário
Triunfo	Universo	Vassalo	Veterano
Troca	Untar	Vasto	Véu
Trocar	Urbano	Vazio	Vexame
Trotnbeta	Urgência	Vedar	Vez
Tronco	Urgente	Veemente	Via
Trono	Urinário	Vegetação	Viação
Tropa	Urugaio	Vegetal	Viagem
Tropeçar	Usar	Veia	Viajante
Tropeço	Usina	Veículo	Viajar
Tropeí	Uso	Vela	Vibração
Tropical	Usual	Velar	Vibrantemente
Trovão	Usurpação	Veleidade	Vibrar
Trovoada	Útil	Veleiro	Vice-presidente
Tuberculose	Utilidade	Velhice	Vida
Tuberculoso	Utilização	Velho	Vidraça
Tubo	Utilizar	Velocidade	Vidro
Tudo	Uva	Vencedor	Vício
Tumor		Vencer	Vigário
Túmulo		Vencimento	Vigência
Tumulto	V	Venda	Vigente
Túnica		Vender	Vigiar
Tupi	Vaca	Veneno	Vigilância
Turbulento	Vacina	Veneração	Vigor
Turco	Vadio	Venerar	Vigorar
Turfista	Vaga	Venerável	Vigoroso
Turma	Vagamente	Ventilar	Vil
Turno	Vagar ,	Vento	Vila
	Vagarosamente	Ventre	Vinagre
	Vago	Ventura	Vinda
	Vaia	Ver	Vindouro
U	Vaidade	Veraneio	Vingança
	Vaidoso	Verão	Vingar
Ufania	Vale	Verba	Vinho
Úlcera	Valente	Verbal	Viola
Ultimamente	Valer	Verbo	Violência
Ultimo	Valioso	Verdade	Violentamente
Ultra	Vale	Verdadeiramente	Violento
Ultrapassar	Valo	Verdadeiro	Violeta
Um	Valor	Verde	Vir
Umedecer	Valoroso	Vergonha •	Virar
Úmido	Valsa	Verificação	Virgem
Unânime	Vantagem	Verificar	Virtude
Unanimemente	Vantajoso	Vermelho	Virtuoso
Unanimidade	Vão	Vernaculidade	Visão
Ungir	Vapor	Verniz	Visar
Unha	Vaporoso	Versão	Visita
União	Vara	Versar	Visitação
Unido	Varanda	Versículo	Visitante
Unicamente	Varão	Verso	Visitar
Único	Varejo	Verter	Visível
Unidade	Variação	Vertical	Visivelmente
Uniforme	Variado	Véspera	Vista
Unilateral	Variar	Vespertino	Visto
Unilateralismo	Variável	Veste	Visual
Unir	Variedade	Vestido	Vital
Universal	Vário	Vestígio	Vitamina
Universidade	Várzea	Vestir	

Vítima	Vizinho	Vôo	X
Vitória	Voar	Vós	
Vitorioso	Vocabulário	Vosso	Xícara
Vitrine	Vocabulo	Votação	
Viúvo	Vocação	Votar	Z
Vivacidade	Você	Voto	
Vivamente	Voga	Vovô	Zangar
Vivaz	Volta	Voz	Zelar
Viveiro	Voltar	Vulgar	Zeloso
Viver	Volume	Vulgarização	Zombar
Víveres	Voluntário	Vulgarizar	Zona
Vivo	Volver	Vulto	Zoologia
Vizinhança	Vontade		Zumbir

I CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA

Deverá reunir-se em Bogotá, em junho do corrente ano, o *I Congresso Internacional Católico*, por iniciativa da Universidade Pontifícia e a Confederação dos Colégios Católicos de Colômbia.

Damos a seguir informações sobre o objeto, organização e programa desse Congresso, segundo a publicação oficial a respeito.

I-----OBJETO E FINS

" 1. Para logo depois da presente guerra esboça-se a aproximação de todas as nações americanas entre si, e mui especialmente na educação de uma democracia americana do futuro das escolas, colégios e universidades. Já está planeada a criação de um centro oficial pan-americano para dirigir a educação em todas as repúblicas americanas. Este acontecimento exige necessariamente a união de todos os educadores católicos, já para colaborar na aproximação americana, já para a formação de um bloco comum, de apoio e de defesa, se, necessário, dos princípios e práticas da educação católica. Obter-se-á esta união eficaz mediante a celebração de um Congresso Interamericano de Educação Católica, constituído por delegados de todas as Repúblicas americanas, enviados pelas instituições particulares de educação, mediante o apoio e a aprovação do Arcebispo ou do Primaz da Capital de cada Nação representada. Este congresso iniciará a obra de união e de aproximação: donde ser necessário constituir-se como uma organização permanente que entretenha vivo e vigoroso este primeiro contato.

Este organismo, que será estudado no primeiro congresso, poderá ser "obra de todos os congressos periódicos interamericanos de educação católica e o comitê permanente de educação católica, dotado de um órgão de publicidade", para manter em contínuo contato entre si todos os edu-

cadores católicos da América. Como motivo e fim primordial de um tal congresso acrescem outros proveitos ou fins que, com ele, se poderão obter. Tais são:

o) — Trocar idéias sobre uma infinidade de problemas educacionais, que são comuns a toda a América e cujas soluções em uma, região ou ponto esclarecerão os meios de soluções em outras partes;

b) — Estreitar as relações entre as instituições de educação de todo o Continente, a fim de que as trocas de professores e alunos, que são planejadas, mesmo nas esferas oficiais, se dêem entre institutos católicos sem detrimento ou perigo para a fé e os princípios católicos ;

c) — Prestar mútuo apoio aos educadores católicos do ensino particular, para a defesa dos direitos e da liberdade e ensino dos pais de família, dos educadores particulares e da Igreja;

d) — Organizar com melhor êxito a luta contra o materialismo e o naturalismo, que invadiram perigosamente todas as livrarias da América ; pôr-se igualmente de perfeito acordo na educação contra o comunismo e o protestantismo;

e) — Finalmente, promover a formação de associações nacionais de todos os colégios católicos, na forma da "National Catholic Educational Association" dos Estados Unidos ou da Confederação Nacional dos Colégios Particulares Católicos da Colômbia.

II—ESQUEMA DO PRIMEIRO CONGRESSO

1. — Este primeiro Congresso Interamericano de Educação Católica reunir-se-á a primeiro de junho deste ano de 1945, data não muito distante para preparar o mais possível sua celebração, a fim de que, quando chegarem as organizações oficiais do pós-guerra, já exista esta união da educação católica; também não é ela tão próxima que cause dificuldades sua organização pela premência de tempo. O fato de se conservarem livres as relações interamericanas faz que o estado de guerra não seja um obstáculo à sua realização.

2. — Escolheu-se Bogotá, pondo-se de parte a nossa natural modéstia, para este primeiro congresso, não obstante ter-se querido declinar desta honra em favor de uma outra Capital de maior importância, pelas seguintes razões: a) A idéia ter nascido e amadurecido entre a "Pontificia Universidad e a Confederacion Nacional de Colégios Católicos de Co-

lômbia", de acordo com S. Ex.^a o Sr. Arcebispo Primaz, que é o patrono da primeira destas entidades, por designação pontifica, e presidente da segunda, por determinação de seus Estatutos; *b*) a criação de um Comitê Organizador que, com labor constante, tem tornado possível esta grande obra; *c*) fosse, agora, tratar-se desse projeto em outro lugar, seria necessário dilatar o prazo e estabelecer esta organização em outra sede; *d*) ademais, Bogotá está localizada no meio termo das Américas; suas vias aéreas a fazem facilmente acessível a todas as direções; seu clima salubre e ameno, seu ambiente literário bem conhecido em todo o Continente.

3. — Este congresso será o primeiro de uma série, cada um dos quais se realizará por sua vez, em cada uma das Capitais das repúblicas americanas, conforme fôr determinado no congresso próximo anterior. Nesse primeiro, organizar-se-á o Comitê permanente Interamericano de Educação Católica, segundo as bases que nele se assentem e se estabeleçam. Nele estudar-se-á igualmente se é possível criar um órgão de publicidade permanente que sirva ao Comitê de meio de comunicações com os educadores católicos de todas as nações e de laço de união permanente entre os mesmos.

4. — Neste Congresso estarão representadas todas as nações americanas por um Delegado de cada uma delas. O Exmo. Sr. Arcebispo Primaz da Colômbia dignou-se escrever a cada um dos Exmos. Srs. Arcebispos de cada uma das Capitais de nossas Repúblicas, pedindo-lhes se dignem dar as devidas providências conducentes a fazer conhecer extensamente a celebração deste Congresso, e para que façam, de qualquer maneira, que o Delegado que trazer a representação oficial seja o incumbido das instituições católicas de educação da respectiva nação. Há também o pedido de que se inscrevam como "participantes" do Congresso todos os educadores católicos que quiserem assistir às sessões do Congresso embora somente o Delegado de sua nação tenha voto nas deliberações que, por sufrágio comum, forem tomadas.

O Congresso estudará, especialmente, os problemas do ensino secundário que tocam à educação católica; no entanto, podem também assistir ao mesmo os pertencentes às universidades, escolas primárias ou escolas profissionais.

5. — O Delegado e demais participantes deverão anunciar sua participação até o mês de março próximo, o mais tardar, a fim de que se

ultimem os preparativos de recepção e se dê publicidade à lista dos participantes e assistentes.

6. — Junto segue um programa-projeto, em que se adicionarão os termos peculiares que o Delegado de cada Nação enviará antes de março próximo a fim de possibilitar a publicação do programa definitivo. É necessário que se leve em conta quanto deve ser breve cada programa.

7. — A presidência de honra do Congresso caberá por sua ordem, ao Exmo. Sr. Arcebispo Primaz e aos demais Prelados que se dignarem assisti-lo; a presidência efetiva caberá ao Presidente que o Congresso eleger e, antes da eleição, ao Presidente do Comitê Organizador. O próprio Congresso estabelecerá sua regulamentação ou regimento e nomeará as diversas comissões para preparação de suas sessões públicas em seus diversos setores.

III—INFORMAÇÕES FINANCEIRAS

Sendo o congresso de educação particular, não conta com nenhum apoio oficial. Todos os gastos devem ser feitos por conta de cada nação, por seu Delegado e pelos seus participantes. O Arcebispo de cada sede principal da respectiva nação providenciará, por si ou por um comitê designado para o caso, tudo quanto fôr necessário relativo ao custeio da viagem, com recurso do próprio Delegado ou com o apoio eclesiástico, com a ajuda de vários institutos que desejarem ser representados no congresso, ou de entidades ou comunidades educacionais que quiserem enviar um de seus membros. O Comitê de Alojamento e Assistência proporcionará, gratuitamente, a todos os Delegados estes serviços (alojamento e assistência), durante o Congresso, e procurará os preços mais reduzidos dos mesmos para cada um dos participantes que se anunciarem até o próximo mês de março.

O Comitê Organizador deste Primeiro Congresso Interamericano de Educação Católica coloca suas melhores esperanças, no zelo e na abnegação de nossos irmãos educadores católicos de toda a América, e especialmente na vigilante solicitude pastoral dos Exmos. Srs. Arcebispos de cada uma das sedes principais das nações católicas americanas. Espera que haja um grande esforço comum a fim de conseguir levar-se a efeito, com eficácia e com brilho, esta primeira manifestação de solidariedade americana e católica, que tão risonhas perspectivas abre ao porvir da educação católica deste Hemisfério.

PROGRAMA PROJETO

1. — Criação da Obra dos Congressos Interamericanos de Educação Católica; sua utilidade, seu estatuto, seu financiamento.
2. — Criação do Comitê permanente Interamericano de Educação Católica; sua conveniência; seus estatutos; seu financiamento.
3. — Fundação de um Órgão de publicidade; suas redações; sua extensão; periodicidade, financiamento, colocação.
4. — Modo de organizar a campanha antimaterialista e antinaturalista".

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO MÊS DE JANEIRO DE 1945

I — ATOS DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

2 — É publicada a Ata de 22-12-44, do Conselho Nacional de Educação, relativa à 19.^a sessão da 3.^a reunião extraordinária do ano.

2 — É publicada a Portaria n.º 520, de 24-11-44, do Ministro da Educação, que concede inspeção preliminar aos cursos comercial básico e técnico de contabilidade da Escola Técnica de Comércio de Altos Estudos, com sede no Distrito Federal.

3 — É publicado o Decreto-lei n.º 7.210, de 29-12-44, que dispõe sobre as condições especiais de financiamento para construção de edifícios do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

4 — É publicado o Decreto-lei n.º 7.217, de 30-12-44, que extingue, no Ministério da Educação e Saúde, a Comissão do Plano da Universidade do Brasil, cria, no Departamento Administrativo do Serviço Público, o Escritório Técnico da Cidade Universitária da Universidade do Brasil, e dispõe sobre os recursos necessários ao início dos trabalhos deste novo órgão.

4 — É publicada a Ata de 27-12-44, do Conselho Nacional de Educação, relativa à 20.^a sessão da 3.^a reunião extraordinária do ano.

5 — É publicada a Ata de 28-12-44, do Conselho Nacional de Educação, relativa à 21.^a sessão da 3.^a reunião extraordinária do ano.

S — É publicado o Decreto n.º 17.515 de 3-1-45, que faz público o depósito do instrumento de ratificação, por parte do Governo do Equador, da Convenção sobre facilidades para os filmes educativos ou de propaganda, firmada em Buenos Aires, a 23-12-1936, por ocasião da Conferência Internacional de Consolidação da Paz.

8 — É publicado o Decreto-lei n.º 7.231, de 15-1-45, que dispõe sobre o regime escolar nas Escolas Nacional de Agronomia e Nacional de Veterinária.

10 — É publicada a Portaria n.º 12, de 8-1-45, do Ministério da Agricultura, que altera o art. 58 do Regimento Interno da Escola Nacional de Agronomia.

10 — É publicado o Decreto-lei n.º 7.190, de 22-12-44, que transforma, cria e suprime cargos de professor no Q. P. do M. E. S.

10 — É publicado o Decreto n.º 17.41, de 22-12-44, que cria a série funcional de Professor do Ensino Industrial, substitui as tabelas O. e S., de extranumerário mensalista da Divisão de Ensino Industrial, do D. N. E., do M. E. S.

13 — É publicado o Decreto n.º 17.558, de 10-1-45, que concede autorização para o funcionamento do curso de bacharelado da Faculdade de Direito da Fundação Paulo Ramos, com sede em S. Luís, no Estado do Maranhão.

20 — É publicada a Portaria n.º 20, de 16-1-45, do Ministro da Agricultura, que declara que haverá 100 bolsas de estudos de Cr\$ 6.000,00 anuais cada uma, no corrente ano, metade delas para o estudo na E. N. A. e metade para a E. N. V., e dispõe sobre sua distribuição.

11 — É publicada a Portaria n.º 4, de 9-1-45, do Ministro da Aeronáutica, que dá nova redação ao número 4, do capítulo I. das Instruções para o funcionamento do C. P. O. R. Aer., aprovadas pela Portaria n.º 47, de 7-2-1944.

12 — É publicado o Decreto n.º 17.553, de 9-1-45, que concede autorização para o funcionamento dos cursos de farmácia e odontologia da Faculdade de Farmácia e Odontologia da Fundação Paulo Ramos, com sede em S. Luís, no Estado do Maranhão.

12 — É publicada a Portaria n.º 2, de 9-1-45, do Ministro da Aeronáutica, que baixa instruções para o funcionamento do Curso de Sargento Escrevente-Almoxarife na Escola de Especialistas de Aeronáutica.

12 — É publicada a Portaria n.º 3, de 9-1-45, do Ministro da Aeronáutica, que baixa Instruções para o funcionamento de um Curso de Emergência nas Bases Aéreas, para formação de cabos escreventes-almoxarifes.

22 — É publicado o decreto n.º 17.552, de 9-1-45, que autoriza o funcionamento do Curso Superior de Administração e

Finanças da Faculdade de Administração e Finanças do Paraná.

26 — É publicada a Portaria n.º 27, de 27-1-45, do Ministro da Agricultura, que dispõe sobre o regime escolar na Escola Nacional de Veterinária, da Universidade Rural, no ano letivo de 1945.

26 — É publicada a Portaria n.º 3, de 24-1-45, do Ministro da Agricultura, que dispõe sobre o regime escolar na Escola Nacional de Agronomia, da Universidade Rural, no ano letivo de 1945.

27 — É publicado o Decreto n.º 17.669, de 25-1-45, que proíbe o funcionamento do Curso de Guardas-Livros Cincinato Giovannoni Chaves, com sede em Curitiba, no Estado do Paraná.

27 — É publicada a Portaria n.º 43, de 25-1-45, do Ministro da Agricultura, que altera o art. 4 § 8 do Regimento Interno da Escola Nacional de Veterinária.

27 — É publicado o Aviso n.º 215, de 25-1-45, do Ministro da Guerra, que declara que o Curso de Formação de Oficiais não funcionará este ano.

29 — É publicado o Decreto n.º 17.683, de 26-1-45, que altera o art. 393, letra *a*, do Regulamento da Escola Nacional de Agronomia, baixado pelo Decreto n.º 23.979, de 8-3-1934.

II — ATOS BA ADMINISTRAÇÃO DOS ESTADOS, DO DISTRITO FEDERAL E DOS TERRITÓRIOS

2 — O governo do Estado de Santa Catarina abre crédito de cem mil cruzeiros para atender a despesa com o início da construção do grupo escolar de St". Antônio, no município de Bom Retiro.

2 — É assinado decreto do governo do Estado de Minas Gerais, que cria estabelecimentos de ensino em Cambuquira.

3 — É publicado Decreto de 2-1-945, do Estado do Pará, que reduz para 25 anos o tempo efetivo do magistério público, para efeito de aposentadoria.

4 — É publicada a Portaria n.º 123, de 18-12-944, do Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado do Rio Grande do Norte, que suspende as atividades das cooperativas escolares até que sejam expedidas as necessárias instruções.

4 — É publicado Edital de 2-1-945, do Departamento de Educação do Estado de Santa Catarina, que baixa as instruções para o concurso de ingresso e reversão de professores nos estabelecimentos de ensino primário.

5 — É publicado o Decreto n.º 15.807, de 5-1-945, do Estado do Espírito Santo, que declara de utilidade pública e desapropria um imóvel na cidade de Cachoeira de Itapemirim, para construção do Centro de Saúde daquela cidade.

5 — É publicado o Decreto-lei n.º 14.447, de 4-1-945, do Estado de São Paulo, que dispõe sobre alteração no artigo do Decreto-lei 12.427, de 1941, relativo à efetivação de professores estagiários.

5 — É publicado o Decreto-lei n.º 736, de 30-12-944, do Estado do Rio Grande do Sul, que confere autonomia administrativa e didática à Universidade de Porto Alegre.

5 — É publicada a Portaria n.º 1, de 5-1-945, do Diretor do Departamento de Educação do Território do Guaporé, que organiza o programa para o primeiro curso de férias para o aperfeiçoamento dos professores primários do Território.

— É publicado o Decreto—lei n.º 1.313, de 5-1-945, do Estado do Rio de Janeiro, que mantém, no Departamento do Serviço Público, 20 bolsas de estudo instituídas pelo Decreto-lei n.º 468, de 18-4-942, destinadas à formação de professores de educação física e de enfermeiras.

6 — É publicado o Decreto n.º 14.448, de 5-1-945, do Estado de São Paulo, que declara de nenhum efeito o Decreto n.º 14.170, de 1-9-944, que estabelecia medidas relativas às novas escolas normais particulares.

6 — É publicado o Decreto-lei n.º 737, de 30-12-944, do Estado do Rio Grande do Sul, que suplementa uma verba da Secretaria de Educação e Cultura.

6 — É publicado Aviso de 4-1-945, do Departamento de Educação do Estado de Minas Gerais, que estabelece critério para promoção dos alunos dos 1.º, 2.º e 3.º anos, nos grupos escolares e escolas reunidas em que trabalham professoras diplomadas pela Escola de Aperfeiçoamento.

7 — É publicado Decreto de 6-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que altera o art. 24 do Decreto n.º 7.640, de 28-12-938, sobre o prazo de validade do concurso de ingresso no magistério público primário.

7 — É publicado Decreto de 6-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que altera o art. 63 do Decreto n.º 7.640, de 28-12-938, sobre as exigências estabelecidas no estágio para efetivação do magistério público primário.

8 — É publicada a Resolução da Prefeitura do Distrito Federal, que autoriza a Secretaria Geral de Educação e Cultura a instalar 20 bibliotecas populares.

8 — O governo do Estado do Maranhão abre o crédito de um milhão de

cruzeiros, destinados à fundação "Paulo Ramos".

9 — É publicado o Decreto n.º 3.081, de 6-1-945, do Estado de Santa Catarina, que divide o Estado em 14 circunscrições para efeito de fiscalização das escolas isoladas.

9 — É publicado Decreto-lei n.º 740, de 30-12-944, do Estado do Rio Grande do Sul, que abre crédito especial de Cr\$ 470.000,00 para atender a despesas com a aquisição e instalação da biblioteca pertencente ao Prof. Anes Dias.

10 — É publicado Decreto de 9-1-945, do Estado de São Paulo, que anexa ao grupo escolar de São Pedro do Turvo a escola mista daquele município.

11 — É publicado o Decreto n.º 14.453, de 10-1-945, do Estado de São Paulo, que dá a denominação de "Dr. Kok" ao grupo escolar de Santa Rosa, em Piracicaba.

11 — É publicado o Decreto n.º 14.455, de 10-1-945, do Estado de São Paulo, que dá a denominação de "Dr. Pedro Mascarenhas" ao grupo escolar de Eugênio de Melo, em São José dos Campos e a de "Honorato Faustino" ao grupo escolar de Vila Progresso, em Piracicaba.

13 — É publicado o Decreto-lei n.º 14.360, de 12-1-945, do Estado de São Paulo, que aprova o orçamento da Universidade de São Paulo, para o exercício de 1945.

13 — É publicado o Decreto n.º 1437, de 12-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que concede um auxílio de Cr\$ 5.000,00 à Escola Nossa Senhora Mediadora de Nova Palma, Júlio de Castilhos.

13 — É publicado o Decreto n.º 1.445, de 12-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que concede um auxílio de Cr\$

100.000,00 ao Aprendizado Agrícola "Assis Brasil", de Rio Grande.

16 — É publicado Decreto de 15-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que abre crédito de quinze milhões de cruzeiros para atender a diversas obras no Estado, inclusive construção de vários grupos escolares.

17 — É localizado um curso de alfabetização no 6.º G. M. A. C, em Santos, Estado de São Paulo.

18 — É publicado o Decreto-lei n.º 911, de 18-1-945, do Estado do Piauí, que restabelece a prova escrita do concurso para preenchimento de cadeiras na Escola Normal Oficial.

18 — É publicado o Decreto n.º 2.105, de 17-1-945, do Estado do Rio de Janeiro, que considera de utilidade pública e desapropria terrenos para ampliação das dependências do grupo escolar "Almirante Protógenes" no município de Duas Barras.

18 — É publicado o Decreto n.º 2.106, de 17-1-945, do Estado do Rio de Janeiro, que considera de utilidade pública e desapropria o imóvel que se destina à instalação do grupo escolar "Paraíso do Tobias", no município de Miracema.

18 — É publicado o Decreto n.º 1.457, de 17-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que rescinde o convênio celebrado entre o Estado e Escolas Normais Particulares e torna insubsistente o regime de inspeção prévia a que estavam as mesmas submetidas.

20 — É publicado o Decreto-lei n.º 910, de 18-1-945, do Estado do Piauí, que, nos termos do Convênio de Ensino Primário, firmado com as municipalidades, incorpora à jurisdição do Estado as escolas municipais de Gilbués, Ribeiro Gonçalves, Santa Filomena, Bertolinia e Parnaguá.

20 — É publicada a Portaria n.º 4, do Diretor do Departamento de Educação do Território do Guaporé, que prorroga o primeiro curso de aperfeiçoamento do professorado.

21 — É publicada a Portaria de 18-1-945, da Inspeção do Ensino Secundário e Superior da Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais, que baixa instruções para os trabalhos de matrícula e exames de admissão e de 2.ª época nas Escolas Normais Oficiais e Reconhecidas.

21 — O governo do Território de Ponta Porã autoriza a criação da Biblioteca Central da Divisão de Educação.

23 — É publicado o Decreto-lei n.º 909, de 30-12-944, do Estado do Piauí, que orça a receita e fixa a despesa do Estado para o exercício de 1945, e consigna Cr\$ 5.317.100,00 à verba do Departamento do Ensino.

23 — É publicado o Decreto n.º 1459, de 22-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que acrescenta novas unidades escolares (9 escolas isoladas e 8 grupos escolares) à relação fixada no Decreto n.º 975, de 20-1-944.

24 — É publicado o Decreto n.º 3.087, de 23-1-945, do Estado de Santa Catarina, que cria uma escola mista em Invernadinha, distrito de Rancho Queimado, município de São José.

26 — O governo do Estado do Pará determina a remodelação do prédio à rua Timbiras, em Belém, onde será instalado o grupo escolar Timbiras.

27 — O governo da Paraíba determina o início da construção de uma série de edifícios destinados ao internato de alunos da Escola de Agronomia.

27 — O governo do Estado de Alagoas baixa portaria designando o diretor do Departamento de Educação

para tratar, no Rio de Janeiro, junto às autoridades federais, de importantes assuntos relacionados com o desenvolvimento do ensino no Estado.

27 — É publicado o Decreto-lei n.º 14.495; de 26-1-945, do Estado de São Paulo, que eleva os padrões de vencimento no quadro do Ensino, institui gratificações de magistério para os ocupantes desses cargos, cria a carreira de técnico de Educação e dá outras providências.

28 — É publicado Decreto-lei de 27-1-945, do Estado do Espírito Santo, que cria 200 escolas de ensino primário.

28 — É publicado o Decreto-lei n.º 14.496, de 27-1-945, do Estado de São Paulo, que dispõe sobre abono de faltas aos funcionários docentes e administrativos do ensino primário, secundário e normal, no período dos concursos.

28 — É publicado Decreto de 27-1-945, do Estado do Rio Grande do Sul, que aumenta a relação, fixada no decreto n.º 975, de 29-1-944, de escolas a cujo provimento poderão concorrer professores diplomados nas escolas normais rurais do Estado.

31 — É publicado o Decreto n.º 3.090, de 31-1-945, do Estado de Santa Catarina, que aprova as instruções do Departamento de Educação para a reunião de Inspectores Escolares e Diretores de Grupos Escolares, a realizar-se em 5 de março de 1945.

III — ATOS DA ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

2 — É publicado o Decreto-lei n.º 2, de 8-4-944, da Prefeitura de Santa Filomena (Piauí), que anula do orçamento em vigor a quantia de Cr\$ 2.260,00 para despesas com a edu

2 — É publicado o Decreto-lei n.º 7, de 20-7-944, da Prefeitura de Regeneração (Piauí), que abre o crédito suplementar de Cr\$ 550,00 destinado à educação pública.

2 — É publicado o Decreto-lei n.º 8, de 30-9-944, da Prefeitura de Regeneração (Piauí), que abre o crédito suplementar de Cr\$ 550,00 como contribuição do município para o ensino estadual.

2 — É publicado o Decreto-lei n.º 183, de 30-12-944, da Prefeitura de Teresina (Piauí), que abre o crédito especial de Cr\$ 720,00, destinado a pessoal docente.

2 — A Prefeitura Municipal de Uruassu (Goiás) cria duas escolas rurais.

4 — A Prefeitura Municipal de Granja (Ceará) inicia a construção do prédio para instalação de uma escola reunida.

4 — A Prefeitura Municipal de Pentecostes (Ceará) inicia a construção do prédio para instalação de uma escola reunida.

4 — É publicado o Decreto-lei n.º 36, de 4-9-944, da Prefeitura de Jaicós (Piauí), que anula do orçamento em vigor a verba consignada a pessoal docente, no total de Cr\$ 1.080,00.

4 — É publicado o Decreto-lei n.º 11, de 9-8-944, da Prefeitura de Paulistana (Piauí), que abre o crédito suplementar de Cr\$ 100,00 par despesas com a educação.

20 — É publicado o Decreto n.º 38, de 2-6-944, da Prefeitura de Piracuruca (Piauí), que cria dois cargos de professor primário e abre um crédito especial para outras despesas com a educação.

20 — É publicado o Decreto n.º 39, de 3-6-944, da Prefeitura de Piracuruca (Piauí), que dispõe sobre a mudança de nome do Ginásio Municipal.

20 — É publicado o Decreto-lei n.º 47, de 8-9-944, da Prefeitura de Piracuruca (Piauí), que abre o crédito suplementar de Cr\$ 2.200,00, destinado aos serviços de educação.

20 — É publicado o Decreto-lei n.º 2, de 31-1-945, da Prefeitura de Piripiri (Piauí) que ratifica o Convênio de Ensino Primário, celebrado entre a administração estadual e as municipalidades.

IV — NOTICIÁRIO

3 — O governo do Ceará dá início à construção dos prédios das escolas reunidas de Brejo Santo, Ibicupeba, Quixará, Baixio e do grupo escolar de Cra-teus.

3 — Por doação da Companhia Metalúrgica Barbará, o governo do Estado do Rio de Janeiro recebe terreno situado no 1.º distrito do município de Barra Mansa, para construção de um grupo escolar.

3 — Por doação da Prefeitura de Marquês de Valença, o governo do Estado do Rio de Janeiro recebe terreno em Carambita para construção de uma escola.

3 — Por doação do Sr. Fortunato dos Santos Gomes e sua senhora, o governo do Estado do Rio de Janeiro recebe um terreno em "Aparecida", 3.º distrito do município de Sapucaia, para construção de uma escola típica rural.

6 — Iniciam-se as aulas do Curso de Férias para professores fluminenses, organizado pelo Departamento de Educação do Estado do Rio de Janeiro.

6 — Inicia-se em Porto Velho o Curso de Aperfeiçoamento para o professorado do Território de Guaporé.

8 — O governo do Estado do Maranhão, no orçamento de 1945, reserva a dotação de seis milhões e quinhentos e cinquenta e oito cruzeiros para a educação pública.

12 — Iniciam-se em Porto Alegre (Rio Grande do Sul) as comemorações do Bi-Centenário de João Henrique Pestalozzi.

13 — É publicada a classificação geral dos professores inscritos no concurso de remoção e promoção do professorado primário do Estado de São Paulo, relativo ao ano de 1945 e que atingiu o número de 4.968 candidatos.

15 — Instala-se o grupo escolar da cidade de Guapé (Minas Gerais).

15 — É inaugurado o prédio da escola municipal de Ubaporanga no município de Caratinga (Minas Gerais).

16 — São inauguradas as duas primeiras escolas gratuitas da Campanha de Alfabetização Popular, promovida pela União dos Estudantes da Bahia.

16 — Encerra-se em São Carlos (São Paulo) o I Congresso dos Professores Secundários do Estado.

16 — Instala-se solenemente o grupo escolar de Cordisburgo (Minas Gerais).

18 — É inaugurada, pelo Departamento de Educação do Estado do Rio de Janeiro, a 1.^a Exposição de Fotografias, Filmes, Gráficos e Artes Populares.

20 — A União dos Estudantes do Salvador (Bahia) inaugura em Massaranduba a 3.^a escola, da campanha de alfabetização popular.

21 — Chega à capital do Território de Ponta Porã a delegação de professores paulistas convidados pelo Governo desse Território para realizarem um curso de aperfeiçoamento do professorado primário.

22 — Reune-se em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Escritores.

25 — A Faculdade de Engenharia de Recife (Pernambuco) comemora o 5.^o aniversário de sua fundação.

25 — Instala-se em Vitória (Espírito Santo) um curso rápido de Educação Sanitária para professoras de curso primário, organizado pelo governo do Estado em colaboração com o Serviço Especial de Saúde Pública.

25 — As professoras inscritas no Curso de Atividades Rurais, promovido pelo Departamento de Educação do Estado do Rio de Janeiro, visitam a Universidade Rural Brasileira, no km. 47 da Estrada Rio-São Paulo.

25 — É lançada em S. Paulo a pedra fundamental da Faculdade de Engenharia Industrial, instituto da Universidade Católica de São Paulo.

25 — Iniciam seus cursos as Escolas Práticas de Agricultura de Pirassununga e Ribeirão Preto (São Paulo).

25 — É publicado o Regimento da Universidade de São Paulo.

25 — Chega a Curitiba (Paraná) uma embaixada de estudantes da Escola Nacional de Engenharia.

26 — Inaugura-se em Recife, na Escola de Engenharia de Pernambuco, novo edifício com instalações para os diversos cursos existentes e para os de engenheiro mecânico e engenheiro electricista.

26 — Instala-se solenemente a Faculdade de Direito do Maranhão, em São Luís.

26 — Encontra-se em visita ao Rio de Janeiro a Missão Cultural "Presidente Vargas", composta de alunos da Faculdade de Direito de Recife (Pernambuco).

27 — É disputado no Distrito Federal o 2.º campeonato colegial de natação.

28 — Inaugura-se no Distrito Federal a Escola de Comércio do Instituto Brasileiro.

29 — É encerrado o curso de férias organizado para o magistério primário do Estado do Maranhão, e no qual tomaram parte mais de duzentos professores.

29 — Reúne-se em São Paulo o I Congresso Brasileiro de Arquitetos.

INFORMAÇÃO DO PAÍS

GOIÁS

O governo do Estado de Goiás acaba de autorizar, sob regime de inspeção preliminar, o funcionamento da Escola Normal Rural, com sede em Rio Verde, cidade do sudeste goiano. Esta escola já preparou diversas turmas de profissionais a cujos diplomas a equiparação oficial estendeu também o reconhecimento.

MINAS GERAIS

A matrícula nas escolas primárias de Belo Horizonte teve, nos últimos cinco anos, o seguinte movimento:

1940.	20.121
1941.	21.471
1942.	22.385
1943.	22.571
1944.	23.486

Nesses números não figuram as cifras das matrículas nos grupos escolares e escolas noturnas, nas escolas isoladas e nos jardins de infância, com o que a matrícula total ascendeu, no último ano, a 30.687 alunos, na capital mineira.

Merece ser acentuado, ainda, que, de 1935 a esta parte, foi o quadro de institutos de ensino primário oficiais de

Belo Horizonte acrescido de mais os seguintes: Instituto Pestalozzi; três grupos escolares, "Renascença", "Pandiá Calógeras" e "João Pinheiro"; sete escolas reunidas: "Augusto de Lima" "Cristiano Machado", "Padre José de Anchieta", "Cidade Jardim"; "Maurício Murgel", "Osanam", "Vila Celeste Império", "Alto dos Menezes" e "Vila Paraíso". Foram criadas para funcionar este ano as Escolas Reunidas "Padre Eustáquio".

A cidade está sendo dotada de cinco novos edifícios para grupos escolares — o primeiro, no bairro de Lourdes, com capacidade para mil alunos; o segundo, na Avenida Amazonas, bairro do Calafate, com capacidade para mil e duzentos alunos; o terceiro, na Vila Maria Brasilina, com capacidade para mil alunos; o quarto, na Vila Progresso, na avenida Pedro I, com capacidade para mil alunos; e o quinto, na avenida Pampulha, servindo os bairros da Lagoinha e Santo André, também com capacidade para mil alunos.

S. PAULO

O governo do Estado de São Paulo autorizou o funcionamento, sob regime de inspeção prévia, de 24 escolas nor-

mais particulares. Desses estabelecimentos, dois terão sede na capital do Estado, dois em Ribeirão Preto e os demais nas seguintes cidades: Avaré, Barretos, Bauru, Birigui, Capivari, Franca, Jacarei, Jaú, Laranjal Paulista, Lins, Marília, Olímpia, Penápolis, Piraju, Presidente Prudente, Ribeirão Preto, Santa Rita de Passo Quatro, Santos, São José do Rio Pardo e Sorocaba.

Para efeito de inspeção e orientação do ensino primário acha-se o Estado de São Paulo dividido em Delegacias Regionais do Ensino. O número dessas Delegacias, que era de 21, acaba de ser

elevado a 35. Oito dessas Delegacias serão localizadas na capital do Estado e 27 no interior.

TERRITÓRIO DE PONTA PORÃ

A Divisão de Educação desse Território vem desenvolvendo um intenso programa de reorganização dos serviços escolares. Deverão ser instalados no corrente ano 8 grupos escolares e 86 novas escolas isoladas. Desse modo, poderão ser matriculadas no ensino público do Território 6.000 crianças.

O governo territorial tem pronto, também, o projeto de criação de uma escola normal, em Ponta Porã.

INFORMAÇÃO DO ESTRANGEIRO

ARGENTINA

O ensino primário, na Argentina, é ministrado por escolas organizadas e mantidas pelas províncias, e escolas organizadas e mantidas pelo governo central, havendo, assim, como dois sistemas paralelos. Recentemente, porém, depois de entendimento com o Ministro da Justiça e Instrução Pública e o Presidente do Conselho Nacional de Educação, o Ministro do Interior dirigiu-se aos Intervenores federais nas províncias, recomendando adotem as medidas necessárias para que o ensino primário, em todo o país, se realize de forma unificada, isto é, com os mesmos programas, processos de ensino e livros didáticos, e que deverão ser os atualmente adotados nas escolas organizadas pelo governo nacional.

As medidas de reforma, que esse plano de unificação exigirá, serão, oportunamente, submetidas à ratificação pelos órgãos legislativos das províncias.

CHILE

O Ministério de Saúde, Previdência e Assistência Social do Chile determinou que, dos fundos de que disponham as Juntas de Auxílio Escolar, que correspondem às caixas-escolares em nosso país, 90% sejam destinados a manter serviços de alimentação aos escolares.

COSTA RICA

Costa Rica, que se empenha em desenvolver extenso plano de educação popular, criou recentemente um Departamento de Missões Culturais, em sua Secretaria de Educação Pública. Os objetivos desse Departamento são os de contribuir para a educação cívica e higiênica dos adultos, para a difusão de conhecimentos técnicos, que possam elevar o padrão de vida das povoações rurais, e, ainda, para a divulgação da educação artística e encaminhamento profissional dos alunos nessas povoações. O novo Departamento disporá de

um corpo de funcionários, para visita às escolas rurais, e estudo dos problemas peculiares de seu ensino.

ESTADOS UNIDOS

O movimento do pensamento pedagógico, nos Estados Unidos, tem apresentado, nos últimos tempos, algumas tendências no sentido de crítica e revisão dos métodos educacionais da chamada "escola progressiva". A reação tem sido, por igual, muito enérgica, da parte de associações de educadores, centros de investigação e de estudo social, e departamento de pedagogia em grandes universidades. A Federação Americana de Professores (*American Federation of Teachers*) em recente resolução aprovada em seu último congresso, reunido em Chicago, denunciou as fontes reacionárias de onde certa campanha de imprensa tem tido origem, e reafirmou, de modo veemente, que a "escola progressiva é a base de uma educação para a democracia, e da democracia na educação".

Em bem lançado artigo na revista *Progressive Education*, G. Baker apresentou, por sua vez, o que chamava de "teste rápido" para que a ele respondam os opositores da renovação escolar:

a) Concorda você em que devia existir igualdade de oportunidade para todas as crianças, sem diferença de raça, religião ou condição econômica?

b) Aceita você que os programas escolares sejam organizados na base das necessidades da criança, e que devam considerar as mudanças da vida de hoje, mais que a tradição e o preconceito de que "o que foi bom para meu pai necessariamente será bom para mim"?

c) Aceita você que deva existir cooperação entre as escolas, institui-

ções de serviço social, igrejas, e outros órgãos existentes para a reconstrução da vida social, em melhores bases?"

As pessoas que responderem "sim", a essas três perguntas, podem dizer que estão no espírito da "escola progressiva", qualquer que sejam as divergências quanto as minúcias de organização escolar e de processos didáticos. O movimento "progressista" tem acentuado assim as suas tendências de renovação social, em face dos problemas do "após guerra", o que tem explicado o ataque da parte de órgãos reacionários, como os jornais da organização Hearst.

Em artigo recentemente publicado no "New York Herald Tribune", manifestou o Sr. James Marshall, do "Board of Education" da cidade de Nova York, sua opinião a propósito da projetada organização de um *instituto internacional de educação*.

Segundo o Sr. Marshall, vem esse projeto merecendo nos Estados Unidos o apoio de figuras representativas do Governo, do mundo financeiro, comercial, operário, religioso e educativo por considerarem que o programa da paz será incompleto se deixar de colocar a educação de paridade com a organização política, com distribuição de matérias primas, a estabilização da moeda e o melhoramento dos standards de saúde.

Uma organização internacional de educação poderá ser instrumento de relações mais perfeitas entre os povos. Poderá inspirar melhores atitudes e correntes de pensamento mais sólidas. Poderá trazer uma noção da realidade que desmanchará receios e prevenirá gestos agressivos. Poderá tornar consciente a interdependência dos homens como vizinhos, como nacionais, como cidadãos do mundo.

Todos sabemos que segurança, forças construtivas em ação e paz dura-

doura não dependem somente de poder e riqueza. Sabemos disso instintivamente quando nos exprimimos em termos de religião e ética; sabemos disso socialmente quando falamos em termos de educação; sabemos disso cientificamente quando nos manifestamos em termos de psicologia.

Ao se iniciar a guerra atual muito desiguais eram as oportunidades educativas entre as nações e dentro das próprias nações. Há regiões onde é inexistente mesmo a instrução elementar, devido à falta de comunicação e transporte. Quanto à educação secundária e universitária, era, em quase todo o mundo, privilégio dos afortunados.

Cita o Sr. Marshall, como exemplo dessa desigualdade nas oportunidades dentro de um país, os próprios Estados Unidos, onde mesmo nas épocas de maior prosperidade grande número de jovens não possuíam meios para se inscrever em escolas superiores.

Além do mais, há a tendência de tornar a educação provinciana, regionalista e expressão de correntes políticas e emoções nacionais. Tende cada nação a ser exagerada no ensino da sua história, afim de exaltar seus triunfos e aviltar inimigos reais ou supostos. Mesmo nações sem política exterior agressiva adquirem hábitos de pensamento isolacionistas.

Continua o Sr. Marshall dizendo não deverem os Estados Unidos supor que, num empreendimento desse gênero, só teriam a dar e nada a beneficiar. Muito ao contrário: dos ingleses têm muito que aprender em matéria de direito civil; dos chineses em educação para os adultos; dos franceses, suíços e russos

quanto a relações internacionais; dos alemães em treinamento técnico, e assim por diante.

Sendo o trabalho em conjunto dos meios mais eficientes para a promoção de um melhor conhecimento mútuo, advoga o Sr. Marshall a criação de um Instituto de Educação Internacional, onde grupos de todas as nações, de todas as raças e de todos os credos trabalhem para uma causa comum; dessa iniciativa poderão advir relações mais duradouras e seguras entre os povos.

Para levar avante esse propósito, foi organizada a *American Association for an International Office for Education*.

MÉXICO

O Governo do Estado mexicano de Oaxaca destinou a soma de 50.000 pesos para premiar os três municípios que mais eficientemente colaboraram na campanha contra o analfabetismo, empreendida, recentemente, pelo Governo central. O primeiro prêmio consiste na construção de um aqueduto; o segundo, na dotação para o instrumental de uma banda de 35 músicos, e o terceiro em um auxílio para atividades educativas.

REPÚBLICA DOMINICANA

No correr do ano de 1944, criou o Governo dominicano numerosas escolas de emergência para desenvolvimento da campanha de alfabetização em que se vera empenhando. Funcionaram, em todo o país, 2.007 escolas, entre oficiais e particulares, com a matrícula de 210.602, e, as escolas de emergência, com a matrícula de 79.433.

BIBLIOGRAFIA

Vocational Technical Training for Industrial Occupations, U. S. Office of Education, 1944, Washington, 306 págs.

Em 1943, designou o "Office of Education", dos Estados Unidos, uma comissão especial para o estudo do ensino industrial, de que esta publicação apresenta agora o relatório.

O trabalho abre com o estudo da caracterização do ensino técnico-industrial, e insiste especialmente nestes pontos:

a) o ensino técnico-industrial visa formar peritos para profissões cujo nível não exija estudos universitários, ou de graduação em engenharia;

b) as tarefas dos técnicos de indústria, no nível referido, tanto podem referir-se à produção, como ao planejamento, controle, ou inspeção de certos serviços;

c) os cursos deverão ser organizados segundo as necessidades diretas e reais da indústria;

d) os estudantes devem ser selecionados por suas capacidades e tendências;

e) os cursos tanto podem tomar a forma de estudos de tempo completo como de *meio-tempo*;

f) os processos de ensino devem ser de caráter essencialmente prático;

g) os professores devem ser escolhidos na base de preparação prática, conhecimento técnico das indústrias e das ci-

ências que interessem à produção, aptidões pessoais e capacidade real para o ensino.

A rápida expansão da tecnologia, observa o relatório, criou novas necessidades na preparação de peritos e chefes de serviço nas indústrias. Novas matérias primas, novos processos, novos produtos apareceram, exigindo o reajustamento do ensino técnico industrial. Esses problemas são examinados para cada um dos diferentes ramos industriais, mas apresenta-se a classificação geral dos técnicos a todos necessários: analistas; calculistas; desenhistas; auxiliares de engenheiro; encarregados de serviço e contramestres; inspetores; técnicos de laboratório; elementos de ligação de pessoal; técnicos de manutenção das instalações: treinadores de pessoal; operadores de equipamento técnico complexo; planejadores especializados; superintendentes; assistentes técnicos; desenhistas técnicos; vendedores técnicos; técnicos de gabinete de provas.

Os estudos da comissão registram 35 tipos de profissões técnicas na indústria dos transportes aéreos; 58, na produção de aviões; 39, na produção de automóveis; 13, na engenharia de construção; 23, na indústria de comunicações; 24, na de produção e distribuição elétrica; 30, na de produção de equipamento elétrico; 7 grupos principais, com numerosas especializações, em química industrial; 100, em meta-

lúrgica; 14 tipos nas indústrias de madeira; 88, nas de artefatos de metal; 30, na de celulose e papel; 23, em estradas de ferro; 10, em construção naval; 22, em indústrias têxteis.

São relatadas, a seguir, as oportunidades de ensino técnico, que se oferecem nos Estados Unidos, em escolas industriais e técnicas, e em institutos técnicos; nos "colleges" profissionais e em cursos técnicos, escolas de engenharia e ciências; na aprendizagem das fábricas (*Training Within Industry program*).

Ligeiro exame é feito também de outros planos experimentados pelos governos dos Estados e organizações da indústria, no sentido da produção de guerra.

A parte final do trabalho contém as conclusões e recomendações oferecidas pela comissão, em número de 36. Dentre elas, cumpre destacar, por sua especial significação, as seguintes:

o) a, situação atual da indústria reclama grande expansão do ensino técnico;

6) dos inquéritos feitos, apura-se que, em média, são necessários 5 técnicos para cada engenheiro em serviço na indústria;

c) técnicos para certos ramos podem continuar a ser preparados em nível de ensino do 2º. grau; outros, porém, carecem de mais longos estudos;

d) devem ser desenvolvidos os cursos de continuação e os de "meio-tempo";

e) nenhum tipo de organização escolar poderá fazer conter, num só estabelecimento, todas as formas de ensino técnico-industrial;

f) cursos de correspondência podem ter importante função na difusão de conhecimentos técnicos;

g) mais do que complexos planos, para todo o país, ou extensas regiões, dever-se-ão organizar planos para distritos, ou planos que atendam às necessidades diretas da indústria local;

h) em qualquer caso, deverá ser assegurada a cooperação de patrões e empregados, no exame das necessidades a que o ensino deva atender e assim também no de seus resultados;

i) os jovens que recebam ensino técnico-industrial deverão ter facilidades de acesso a novos cursos, inclusive nos de ensino universitário, segundo suas capacidades;

j) torna-se necessário desenvolver a orientação educacional nas escolas de ensino de 2º. grau;

k) urge recrutar professores com especial cuidado, e cuidar da preparação de mestres para muitos ramos de ensino técnico, ainda desprovidos de mestres devidamente preparados.

Instituições educacionais do Canadá, publ. do Ministério do Comércio do Canadá, 1944, Ottawa, 90 págs.

Por determinação do Ministério do Comércio do Canadá, organizou o Dr. Jonh Robbins, chefe da estatística, da educação, este bem feito manual que aparece publicado em língua portuguesa, para fins de divulgação e intercâmbio com o nosso país. Mais do que estudo estatístico, representa o trabalho excelente exposição da situação geral da educação canadense, que apresenta alguns aspectos dignos de especial referência.

Desde os primórdios da história do Canadá, e muito antes de ser organizado o Domínio, tal como agora o conhecemos, houve aí acentuado zelo pela

educação. Montaram-se, inicialmente, colégios particulares, logo seguidos de sistemas organizados pelos governos provinciais. Papel de relevo tiveram também escolas criadas por congregações religiosas. Com o desenvolvimento, nos últimos tempos, de universidades oficiais, que completaram os sistemas provinciais de educação, passou o país a apresentar magníficas oportunidades de educação, para a sua população em geral.

Essas oportunidades apresentam-se, em nove sistemas de ensino, tantos quantas são as províncias. Em muitas delas, nas quais predomina a língua inglesa, há certa uniformidade de organização e de processos. Na província de Quebec, no entanto, há maior diferenciação e, pode-se mesmo dizer, que aí existem dois sistemas paralelos de ensino: um, para a maioria da população, que fala francês e é católica; outro, para os que praticam a língua inglesa, e são, no geral, protestantes.

Este sistema inglês, adotado, aliás, pelas demais províncias, oferece, em sua base, sete anos de curso primário, logo seguidos de três intermediários ou preparatórios, para estudos que conduzam à universidade. Para que o estudante a ela chegue, deverá fazer o curso de "college", em três anos; ou, em certos casos, preparatórios especializados; ou, ainda, o curso de escolas técnicas, industriais, comerciais ou agrícolas, que uma vez concluído, dá acesso aos cursos superiores correspondentes.

O curso primário do sistema em língua francesa é de sete anos, sem estudos intermediários. O estudante que se destinar à universidade, deverá fazer, então, o curso secundário de oito anos (*études classiques*). Pode-se admitir, no entanto, um curso de madu-

reza com cinco anos, para certos institutos de ensino superior, como os de comércio e agricultura.

No sistema, inglês, a formação do professorado primário é feita em "colleges" e nas universidades. No sistema francês, é realizado em escolas normais, de cursos variáveis, com dois a quatro anos, e para a admissão nos quais se exigem os estudos de madureza.

As universidades de Laval e de Montreal são as maiores do Canadá, com numerosos cursos culturais e profissionais. Muito reputadas são ainda as Universidades de Toronto, Mc Gill, O Hawa e Alberta.

Cada universidade mantém organização autônoma, sensivelmente diferenciada. Assim, o curso especial de geografia só se encontra na Universidade de Toronto; de sociologia, em Mac Gill; de ciências políticas, em Dalhousie. Oito universidades e "colleges" oferecem ensino de agricultura; quatro, de arquitetura; seis, de odontologia; onze, de engenharia; quatro de silvicultura; nove, de direito; igualmente nove, de medicina. Cursos de comércio, de música e de farmácia encontram-se em várias das grandes organizações universitárias e também em faculdades, ou institutos isolados. Existem, ademais, trinta centros de estudos teológicos católicos, e vinte e seis protestantes.

Todas as universidades de maior importância mantêm escolas de educação, ou, ao menos, seções de pedagogia, para o preparo de professores das escolas secundárias. O "Ontario College of Education", em Toronto, é o maior centro de estudos educacionais do país.

Desde 1939, funciona também no Canadá, um Instituto Nacional de Pesquisas Pedagógicas, cujos estudos têm sido de especial interesse na solução dos problemas educacionais do país.

ATRAVÉS DE REVISTAS E JORNAIS

LAMARTINE DELAMARE, EDUCADOR DE GERAÇÕES

Se São Paulo conta, nos tempos modernos, tanto na capital como nas principais cidades do interior, modelares estabelecimentos de ensino, inclusive escolas técnicas e profissionais de primeira ordem, — assim não acontecia antigamente, há uns cinqüenta anos atrás, quando o problema do "bom colégio" era, realmente... um problema. O Colégio D. Pedro II no Rio, o famoso "Caraça", o Colégio São Luiz, em Itu, e poucos outros, eis tudo quanto se oferecia aos responsáveis pela educação da juventude.

A situação era mais ou menos essa quando, poucos anos antes da proclamação da República, surgia nesta capital o "Externato Delamare", mais tarde "Colégio Delamare", funcionando num velho casarão da rua Senador Queiroz, de que hão de lembrar-se com saudades os que ali passaram e dali saíram emplumados para as lutas acadêmicas.

Ainda não contava trinta anos de idade o fundador e diretor destes institutos de ensino — Dr. Lamartine Delamare Nogueira da Gama — nome que mais tarde haveria de firmar-se como um dos mais completos educadores entre os que passaram pelo magistério paulista, elevando e dignificando a nobre profissão. Evocando aqui a memória do mestre, revivendo traços de sua vida e da probidade de seu sacerdócio, não só lhe rendemos merecida homena-

gem, como apontamos os belos exemplos legados aos que lhe desejem seguir a trilha.

O Dr. Lamartine Delamare, filho dum velho professor mineiro, senhor Francisco Antônio Nogueira da Gama, e de d. Inácia Nogueira da Gama, nasceu em Barbacena, Minas, a 2 de junho de 1862. Aos dezenove anos incompletos, já se entregava às lides do magistério, para as quais revelara, desde cedo, decidida propensão — lecionando primeiras letras no "Colégio Joaquim Carlos", então um dos mais reputados estabelecimentos de ensino de São Paulo. "A austeridade de costumes daquele menino, o porte grave com que desempenhava suas funções, o aproveitamento alcançado pelos seus discípulos, os resultados verificados nos exames, a ordem observada nas classes — escreveu um de seus biógrafos — tudo revelava no jovem mestre uma pronunciada vocação para o magistério".

Professor pobre, e filho de pais pobres, mas dotado de forte poder de vontade, e de vontade resoluta — Lamartine Delamare resolveu ser mais do que um simples professor de primeiras letras. E entra a lutar em campo mais vasto, matriculando-se na Academia de Direito de São Paulo, em 1883, após haver concluído o curso de humanidades, feito com os maiores sacrifícios.

Escasso lhe fora, nesta etapa inicial, o tempo para estudar. Por isso, nos in-

tervalos das aulas, nos seus raros momentos de folga, fazia quase afoitamente o que os seus colegas preparatórios realizavam com sossego e tranqüilidade.

Uma vez na Academia, difícil lhe foi, também, freqüentá-la com assiduidade, pois, ensinando de sol a sol, mal lhe restava tempo para comer e dormir. Mas o professor, infatigável, atravessava as noites debruçado sobre os livros, e ainda redigia pontos e teses para exames, auxiliando os colegas e fornecendo-lhes apostilas e resumos das matérias. Cinco anos de trabalhos hercúleos e desvelados os de seu curso jurídico!

Diplomado com distinção em 1887, consorciava-se logo depois, com a exma. sra. D. Flávia Delamare, de distinta descendência baiana.

O fato de haver se formado em Direito não lhe distraiu a atenção de sobre sua preocupação absorvente — o magistério. Havia traçado o plano de fundar uma grande casa de ensino em São Paulo, e põe mãos à obra. As dificuldades não eram pequenas, mas o Dr. Lamartine, embora sozinho e sem proteção, funda a sua primeira oficina, lançando a pedra fundamental de uma obra que haveria, mais tarde, de desenvolver-se em Jacarei e estender-se, posteriormente, a Guaratinguetá — o "Colégio Delamare".

De ano para ano, o estabelecimento prospera, conquista a confiança das famílias, melhora as suas instalações, aperfeiçoa e moderniza seus processos pedagógicos. O colégio se impõe. Sua reputação se firma. Sua fama se alastra.

*

Rara será a família paulista, nestes quarenta anos, que não tenha tido um filho no "Colégio Delamare".

Nessa época, e sempre — escreveu o

ex-aluno Luís Silveira, no seu opúsculo "Lamartine Delamare; subsídios para a sua biografia", — o referido instituto educacional foi um dos mais afamados pelos seus rigorosos processos de ensino e educação. "O professor Delamare, de porte esguio, lunetas de aros de ouro acavaladas quase no meio do nariz, figura simpática pela expressão de bondade que se lhe estampava na fisionomia risonha, voz serena e paternal, era o tipo do educador de elite, do verdadeiro apóstolo da causa da educação. Jamais teve preocupações de lucros materiais ou de posição social, porque apenas procurava servir à pátria, dando-lhe gerações preparadas carinhosamente, sob os princípios do civismo e da moral. Nada mais quis ser do que professor, e no seu próprio colégio".

E o acatado jornalista a que nos estamos referindo, depois de narrar episódios de sua permanência no internato, cita alguns companheiros também ali educados, entre os quais: Mário Amaral e seus irmãos Dario e Celso; Nestor Rangel Pestana; Augusto de Toledo; Leopoldo Guaraná de Faria Rocha; Sebastião Pereira; Alfredo Fomm Garcia Redondo ("Dr. Semana"); Edmundo Rodrigues Jordão; João Batista Correia Vasques; João Sampaio; Edmundo Navarro de Andrade; Mário Graccho Pinheiro Lima; José Pinto e Silva; José Vergueiro Steidel; Ayres Neto; Nicolau de Moraes Barros; João Augusto Pereira; Rodolfo Lara Campos; Joaquim Teixeira, e outros. Ainda no "Colégio Delamare" se educaram notáveis brasileiros que ocuparam elevados postos na política, na magistratura, no magistério superior, nas letras, no jornalismo, nas profissões liberais, no comércio e na indústria do país, bastando mencionar, entre outros: Júlio Prestes de Albuquerque, Delfim Moreira, Carlos Peixoto, João Luis Alves, Alfredo

de Morais, Cândido Mota, Martins Fontes, José Maria Lisboa Júnior, Gabriel de Resende, pai, Sebastião Soares de Faria, Valdemar Ferreira, Alcântara Machado, Alexandre Correia, Antônio de Almeida Prado, Antônio Carlos Pacheco e Silva, Cândido de Moura Campos, Leonídio Ribeiro, Antônio de Paula Santos, Sydenham de Lima Ribeiro, Esau Correa de Almeida Morais, Henrique Bayma, Aureliano Leite, Abelardo Vergueiro César, José de Moura Resende, César Lacerda de Vergueiro, João Gonçalves Dente, Benedito Meireles, Pergentino de Freitas, Cícero Marques, Alfredo de Assis, Bráulio de Mendonça, Armando de Arruda Pereira, e outros.

Passam-se os anos. A situação do "Colégio Delamare" — já grandemente conceituado — era a primeira vitória do jovem professor. Mas a sua ânsia de ainda melhor servir à juventude e de servir à Pátria, ao mesmo tempo, lançou-o no caminho de maiores realizações. E foi assim que o Dr. Lamartine ideou montar um estabelecimento modelo de ensino, com instalações especialmente construídas, afastado do centro tumultuoso de uma grande capital, em zona salubre e de fáceis comunicações. Conhecidos os seus desígnios, chegaram-lhe propostas de várias localidades do interior. O educador estuda o assunto com meticulosidade; faz viagens; discute condições com os interessados; levanta "croquis"; esboça plantas e orçamentos. Por fim, decide pela cidade de Jacarei, servida pela Estrada de Ferro Central do Brasil e distante três horas da Capital, banhada pelo rio Paraíba, dotada de clima ameno e habitada por um povo laborioso e culto. Se a escolha satisfizesse ao mestre — também Jacarei, cidade de belas e notáveis tradições históricas muito se rejubilou com a preferência. E, em 1893, a 23 de julho, ali se inaugurava o "Colégio No-

gueira da Gama", no qual se instalara com sua família, o professor, então com 31 anos de idade. Uma vasta chácara fora adquirida no coração da cidade. Iniciam-se obras várias. O diretor, durante cerca de vinte anos, não cessa de trabalhar, de construir, de melhorar, de aperfeiçoar, de embelezar. A velha vivenda transforma-se em pouco tempo num recanto de bom gosto, conforto e elegância: o rigor técnico preside a todos os planos; nenhuma regra pedagógica é olvidada. No pavilhão central, encimado com a sugestiva legenda, numa platibanda larga — "Sinite parvulos ad me" — estavam localizadas a diretoria, a secretaria, a capela, a sala da congregação, a biblioteca e a residência da família. Cercando-o, lindos pavilhões amplos, com vasta cubagem de ar, mobiliário adequado, quadros didáticos, luz, claridade, alegria. Completando-o, laboratórios de química, de física e ciências naturais, aparelhos cartográficos, mapas, um verdadeiro arsenal pedagógico do que havia de mais moderno, adquirido na Europa. Os serviços domiciliares mereceram sempre a especial atenção do infatigável educador. Dormitórios, refeitórios, copa, cozinha, banheiras etc. — inspecionados diariamente pelo diretor, davam ao conjunto uma impressão de ordem, de disciplina, de higiene.

Inaugurado no país o regime das equiparações ao Ginásio Nacional, foi o "Colégio Nogueira da Gama", de Jacarei, o primeiro no Estado de S. Paulo e o segundo no Brasil a alcançar as regalias da lei. No governo Campos Sales, sendo Ministro do Interior Eptácio Pessoa, foi que o Dr. Lamartine, auxiliado por seus dedicados amigos — os deputados Manuel Jacinto Domingues de Castro e Carlos Frederico Moreira Pôrto — conseguiu para seu estabelecimento os favores da equiparação, pelo De-

creto federal n.º 3.518, de 2 de dezembro de 1899.

Se por todo o Brasil o nome do benemérito educador vivia cercado da maior aureola de respeito, em Jacareí, onde ele desenvolvia as suas atividades, a estima e admiração granjeadas pelo mestre atingiam todas as classes de sua sociedade. O "Armário Histórico-Literário de Jacareí", organizado por Teófilo de Almeida e Costa Braga publicado no ano de 1906, interpreta com calor o sentimento dos -jacareienses em relação ao Dr. Lamartine, acentuando as suas virtudes privadas e seu rigoroso devotamento à educação intelectual e aprimoramento da formação moral e cívica dos alunos.

Com a sua equiparação ao Ginásio Nacional, passou o estabelecimento a denominar-se "Ginásio Nogueira da Gama". Nova era de atividade se inicia na vida do educador. De todo o interior de S. Paulo, das cidades mais longínquas de Minas, do Paraná, de Goiás, do Rio de Janeiro, do Espírito Santo, de Mato Grosso — chegavam pedidos de matrícula. O prestígio e a reputação profissionais do Dr. Lamartine se haviam espalhado por todo o centro e sul do Brasil. Políticos e jornalistas — acentua o seu mais carinhoso biógrafo — professores e homens de governo, prelados e chefes de família — iam a Jacareí para visitar e admirar as instalações do grande estabelecimento.

A fama de seu fundador consolidara-se.

Mas sobreveio imprevisto acontecimento que muito o contrariou e foi causa de radical mudança nos seus planos de trabalhos: a reforma Rivadávia, que, no seu entender, desorganizara, da noite para o dia, todo o aparelho pedagógico do país, e isso exatamente quando o infatigável educador, pretendendo ampliar o raio de ação de sua casa, re-

solvera fundar uma filial de seu ginásio na cidade de S. Paulo. Tão profundo foi o descontentamento do educador, que ele delibera fechar os seus estabelecimentos de ensino, e tenta dedicar-se a outro ramo de vida. Impossível! Mais de quarenta anos de tirocínio incompatibilizaram-no com qualquer outra espécie de atividade. Passado algum tempo, e atendendo a reiterados convites de amigos, reabre, em 1920, o seu tradicional colégio em Guaratinguetá, para onde então transfere sua residência, com a mais justificada consternação da sociedade jacareiense.

*

Na importante cidade do Vale do Paraíba, não houve quem não recebesse com alegria a resolução do Dr. Lamartine Delamare, a quem deram mão forte, desde logo, figuras eminentes e prestigiosas do lugar, entre elas o Coronel Pedro Marcondes, Prefeito Municipal, e o Comendador Antônio Rodrigues Alves, presidente da edilidade local.

Reaberto o "Ginásio Nogueira da Gama", a escolha de seus auxiliares de trabalho foi o primeiro problema a ser considerado pelo velho educador. E não teve, para isso, maiores dificuldades, pois ali mesmo pôde formar o corpo docente do instituto.

Em pleno funcionamento o Ginásio, seu diretor funda, então, a "Escola de Comércio Antônio Rodrigues Alves", anexa. O governo do Estado reconhece-a no primeiro ano de existência, e o Congresso Nacional vota em seu benefício favores de alta valia. A mocidade da terra aflui em massa, e de fora chegam numerosos candidatos à matrícula. O aproveitamento dos alunos é um atestado eloqüente da eficiência dos métodos didáticos empregados no novo estabelecimento. A primeira turma de diplomados conquista o seu laurel, e

quase imediatamente seus componentes se colocam no comércio e na indústria, iniciando com sucesso os primeiros passos na vida prática.

Assim, pois, às suas anteriores vitórias no magistério veio juntar-se o sucesso da escola de comércio.

*

Em sessenta anos de exercício da profissão de educador, passaram pelas mãos de Lamartine Delamare no "Colégio Delamare", em S. Paulo, no "Ginásio Nogueira da Gama", em Jacareí e em Guaratinguetá, e depois na "Escola de Comércio Antônio Rodrigues Alves", nesta última cidade — três gerações de brasileiros. E, como assinalou o seu biógrafo, na derradeira etapa de sua vida, o velho professor educava os netos de seus primeiros discípulos!

Outra face do caráter do saudoso educador era o seu despreendimento pelos interesses materiais que lhe pudessem advir de seu trabalhoso ofício. Preocupado em facilitar a mocidade desprovida de recursos os meios de que carecia para cultivar sua inteligência jamais a desamparou. Sabe-se que sempre manteve, durante os sessenta anos de exercício do ministério educacional, a porcentagem de 25% de matrículas gratuitas. Calculando-se a média destas matrículas em 50 alunos em cada ano letivo, verifica-se que, em seis décadas, Lamartine Delamare educou gratuitamente cerca de 3.000 brasileiros, dando-lhes elementos de cultura para enfrentar as mais variadas carreiras na vida. E, para que esses alunos não sofressem o mais leve constrangimento, se descobertas fossem pelos colegas ou pelos funcionários da casa as condições de sua permanência na escola, o Dr. Lamartine fazia-os figurar nos livros do Ginásio como alunos contribuintes e nem mesmo no seio da fa-

mília permitia que se aludisse ao assunto.

Aos 73 anos de idade, na madrugada de 28 de março de 1940, faleceu o Dr. Lamartine em Guaratinguetá, rodeado de seus amigos mais diletos. Foi um dia de luto na cidade, cuja população, sem distinção de classes, tributou ao grande morto as mais expressivas homenagens.

Seu nome será sempre lembrado por centenas de jovens que tiveram a inteligência e o caráter modelados pelas mãos do insigne mestre. E a beleza de seu apostolado há de figurar, com justiça, nas páginas mais brilhantes da história do ensino em nossa terra — JOSÉ ANÍBAL M. MACHADO (*O Estado de São Paulo*, São Paulo).

CRIANÇAS SEM JOGOS

Às 8 horas, centenas de mães entregam os seus filhos, entre 4 e 7 anos, aos cuidados das professoras dos Jardins de Infância. Um dedo de prosa sobre a última proeza do filho, as doenças na família, a carência do arroz etc. E as mães se vão. Porém, nos meses de agosto e setembro, as professoras dos 7 Jardins de Infância da Cruzada, convidaram as mães para ficarem um pouco mais e encaminharam a prosa em certas direções, previamente combinadas e fixadas como: a atividade lúdica dos filhos, seus divertimentos, seus castigos e suas recompensas. Vamos ver nesta época de Natal, o que as mães responderam em relação aos brinquedos dos seus filhos.

As professoras conversaram com 153 mães. A maioria, 85% das crianças, vem do operariado qualificado ou não qualificado; os recursos econômicos das famílias, as quais consistem em média de 5 a 6 pessoas, são bem limitados. Das 153 crianças, 41 ou 26,3% não

possuem brinquedo algum, sendo que fora do Jardim nas horas dedicadas à atividade lúdica não há nada em que possam experimentar e desenvolver as suas forças. O que é que fazem? Em geral, é devido à pobreza que não têm um único brinquedo, como a mãe de Valdemar, de 6 anos, exprime: "Meu filho brinca de corrida. Não tem brinquedos, o dinheiro não dá nem para o pão".

A necessidade de brincar é tão forte, que a criança, mesmo sem o armário cheio de brinquedos, também arranja os seus. A criança que vive no lar, e não fechada em instituições, desprovidas de brinquedos e oportunidades lúdicas, aproveita-se de muita coisa para brincar, por ex. do papel para fazer aviões, papagaios, chapéu de soldado; latinhas velhas, para jogos de barulho, casinhas; usa o papelão para brincar de fogãozinho, sendo que um destes é o único brinquedo de Nair, uma menina superdotada que tem 7 irmãos e cujo pai ganha Cr\$ 360,00 por mês. Do Rubens, que muitas vezes vem à escola mal alimentado, conta sua mãe que brinca com terra e pauzinhos e que briga muito com seu irmão, apanhando, por isso, freqüentemente. Sua mãe é lavadeira. Seu pai abandonou a família e Rubens, sub-alimentado, torna-se briguento e irrequieto, a fim de satisfazer suas necessidades, que não pode dispender na atividade de jogos orientados. A falta de brinquedos leva as crianças a improvisar seus jogos, mesmo nesta idade de 4 a 7 anos. Às vezes a criança penetra no mundo dos adultos assim como Nelson que, com seus 5 anos, brinca usando serrote, martelo e pregos do pai. Júlio, um pré-escolar de 6 anos fez uma máscara de couro para brincar de "mocinho" coisa que deve ter ouvido dos mais velhos. Um companheiro dele, também em idade pré-escolar, só tem

como único brinquedo um revólver ganho de sua tia no dia de seus anos. De preferência joga com ele de "trepas" e de "mocinho". É verdade que a falta de brinquedos estimula a imaginação das crianças; elas aprendem a organizar seus próprios jogos, porém é a falta dos mesmos que leva as crianças a comportamentos estranhos, pois tornam-se irrequietas e briguentas, não desenvolvem suas capacidades, não satisfazem suas necessidades. As crianças já em idade pré-escolar, que durante grande parte do dia não são orientadas por educadores, ou que tem mães que não dispõem de tempo, freqüentemente não se adaptam mais tarde à vida escolar e, reunindo-se em bandos, irão prejudicar a sociedade da qual fazem parte.

Era setembro, longe ainda do Natal, quando uma mãe nos disse que o seu filho de 7 anos tinha como único brinquedo uma bola, mas que esta furou e o dinheiro não dava para comprar outra. A pequena Dalila, de 5 anos, possuía uma boneca, mas caiu das mãos da irmãzinha e quebrou-se. Que tristeza para a criança! E Osvaldo, que aflição sentiu, quando seu cavalinho ficou na chuva e estragou. Agora não tem mais nada para jogar. Estes acontecimentos são sérios para a alma infantil. São acontecimentos que as ensinam a agüentar as graves conseqüências, muito cedo demais. A culpa é da criança? Muitas vezes parece que não. Tais brinquedos são frágeis demais. Foram feitos apenas para olhar e não para pegar. Não é que as crianças sejam sempre destruidoras, ao contrário, querem guardá-los, sentem afeição por "sua boneca", "seu caminhão", porém estes foram feitos baratos, sem resistência.

Célia completou 7 anos agora e freqüenta o Jardim de Infância, mas antes e depois não tem hora para brincar, pois tem que ajudar a mãe. Os Cr\$

350,00 que o pai ganha por mês não dão para sustentar a mulher e os 3 filhos. Célia lava a louça e, com suas poucas forças, até a roupa. Quando quer brincar com latas velhas tem que olhar pela irmãzinha de 5 meses. Às vezes apanha umas palmadas porque está cansada de olhar a pequena. Quais as conseqüências da criança não ter tempo suficiente para brincar? Pode atrasar o seu desenvolvimento como no caso de Marli: menina mentalmente dotada, porém nunca pôde bem ser criança e quando chegou ao 1.º ano escolar não acompanhou a classe, não estava preparada psicologicamente para atender às exigências da escola. Há crianças que mesmo tendo bastante oportunidade de brincar aos 7 anos ainda estão tão intensivas na sua atividade de brincar que somente um ensino compreensivo consegue fazê-las passar sem danos psicológicos do "país de brinquedo" para o "país escola".

Quando João saía, à hora do almoço, do Jardim, desapareciam com ele, quase diariamente, uns blocos, uns lápis, uns pedaços de papel. Uma conversa e mais ainda uma observação à mãe, no próprio lar, nos revelou o motivo: o menino, filho único de 5 anos, não tinha nenhum brinquedo. "Para que — disse a mãe — é bobagem". E na presença da professora ela rasgou um quadrado feito pelo próprio menino e o jogou no lixo. Era difícil fazê-la compreender que a atividade lúdica era tão necessária para o seu desenvolvimento como o banho diário que ela considerou o meio essencial de educação para seu filho. Com o presente de uma caixa de construção na ocasião de uma festa no Jardim, começaram a ficar vazias as bolsas de João na hora da saída. Tinha o "seu" brinquedo.

A mãe de Mário é uma pessoa amedrontada pela vida. O marido faleceu,

ela trabalha como operária. Enquanto está fora pede a uma senhora para olhar pelos filhos. E, nervosa e não pode bem tomar conta nem da alimentação nem da higiene das crianças. Nem permite que Mário jogue com os brinquedos de papel porque pode sujar o quintal da senhora que toma conta dos mesmos e a mãe tem medo que ela fique zangada com isso e teme as conseqüências. Depois não terá mais ninguém para olhar pelos seus filhos na sua ausência. E Mário, assim, ficou tímido e nervoso, custou a associar-se com outras crianças. No Jardim prefere trabalhar sozinho na marcenaria e nem por nada quer participar, apesar de ter 7 anos completos, do treino pré-escolar; há pouco que descobriu o "país de brinquedos" e já agora deve ser expulso dele, para ir para onde?

Em ocasiões que não sejam Natal ou aniversário, as mães às vezes sentem o desejo de dar um presente como uma recompensa ao seu filho. Entretanto, acontece que não há possibilidade de dar uma coisa material. E' o caso de Vítor, que não sai para passear, porque não tem uma roupinha melhor para pôr no domingo, como a mãe explica, e acrescenta toda carinhosa falando de Vítor, seu 12º filho — "eu o agrado porque sendo pobre só posso dar-lhe afeição". Vítor é um menino delicado, inteligente e atencioso. Há um número bastante considerável de mães que prometem, mas não cumprem a palavra dada.

Assim, Célia, que tanto ajuda sua mãe e esta, sentindo que devia dar alguma coisa à sua filhinha, promete-lhe uma boneca, o que ela deseja muito. Porém, nunca a presenteia e justificando sua atitude, diz: "Somos pobres e Célia já tem uma boneca, a irmãzinha". Sabendo que por causa dessa irmãzinha será muitas vezes repreendida por não vigiá-la tanto tempo e tão bem como a

mãe quer, compreende-se como Célia mais amargamente viverá decepcionada. Temos lá o Dorival que ajuda a mãe até na tarefa da fábrica em casa. A mãe nos disse que de dois em dois anos ele recebe uma recompensa; isto é, a promessa de um brinquedo, porém "quase sempre fica nisso porque o dinheiro nunca chega". Mesmo que a determinação do tempo de 2 em 2 anos, dada pela mãe, não seja bem correta, vê-se que ela sabe avaliar a escassez da recompensa em relação aos castigos, dizendo que ele apanha mais ou menos uma vez por semana, enquanto o presente prometido fica apenas na promessa. As conseqüências de uma decepção assim sofrida em criança vão se mostrar mais tarde no escolar, talvez até no homem desconfiando de tudo e de todos.

O Natal está perto, o calendário o avisa, o rádio anuncia, as lojas o exibem nas suas vitrinas. Os adultos preparam para os filhos próprios ou para pequenos conhecidos, presentes, dão doativos a instituições e a criança espera.

Compram-se roupinhas, doces, e enfim brinquedos para "agradar". Porém, pensando bem, não são somente para agradar, têm eles uma função muito mais profunda: servem para a criança desenvolver suas capacidades, para experimentar a própria vida. Por isso deve-se antes pensar na idade da criança e na boa qualidade dos brinquedos. Os assim escolhidos não devem faltar em nenhuma instituição e além disso cada criança deve possuir o seu próprio brinquedo, aquele que pertence só a si mesma, aquele que mostra com todo orgulho a qualquer pessoa, segurando bem nos braços, dizendo: "isto é meu, só meu".

Muitos desejos que não serão satisfeitos por falta de compreensão e muitos

outros por falta de possibilidade econômica vão sobreviver a este Natal. Nem todas as crianças têm tanta compreensão como Suze, a 3.^a filha de uma viúva que, nas vésperas do Natal passado, não podendo satisfazer a vontade de sua filha que desejava tanto um brinquedo, explicou-lhe que Papai Noel não existia e que, sendo muito pobre, nada podia lhe comprar. Ao terminar perguntou se iria ficar zangada por isso, e Suze, com seus 4 anos e meio, abraçando-a respondeu: "Vê-lá". — Dra. Betti KATZENSTEIN (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo).

A REFORMA DO ENSINO MÉDICO NA INGLATERRA

Agora que, no Brasil, tanto se fala no rumo que a medicina social imprimiu à ciência e arte de curar, tendo em vista as conquistas da higiene pública e o fim particularmente educador que está reservado aos seus profissionais, de certo que é instrutivo e oportuno dar uma notícia do que se vai passando na Inglaterra, onde o Serviço Nacional de Saúde preocupa seriamente o governo.

Para dar uma idéia do valor que neste último país se confere à questão, basta dizer que a recente proposta oferecida pela Comissão Inter-Departamental relativa às Escolas de Medicina atribui, como custo das despesas em capital a empregar nas modificações necessárias à atual reforma, a soma de 800 milhões de cruzeiros (em nossa moeda) baseado o cálculo nos preços anteriores à guerra.

As exigências daquele Serviço Nacional de Saúde repousam fundamentalmente no seguinte: educação mista em todas as Escolas, com a igualdade de vencimentos para ambos os sexos nos cargos hospitalares; prevalência dos estudos de medicina social, de promoção

da saúde, da saúde da criança e da higiene mental; maiores dotações por parte do tesouro; reforma do sistema de exames e ligação dos principais hospitais aos centros de ensino.

Completam as providências propostas na reforma estes três pontos de grande importância: a criação em Londres de um centro mundial para educação médica e pesquisas após a colação de grau; nomeações obrigatórias nos hospitais, por um período de doze meses após a formatura e antes de iniciar-se uma clínica independente; maior número de professores permanentes e vencimentos para os professores de horário parcial.

Vê-se, pois, que um dos objetivos da orientação nacional na Inglaterra é promover a saúde do povo e melhorar a educação médica. A higiene do corpo e do espírito deve prevalecer sobre o estudo das doenças. Diz textualmente o relatório oficial de que tiramos as presentes notas: "Torna-se indispensável uma orientação radicalmente nova da educação c da clínica médicas".

A reforma salienta ainda a necessidade de formar-se um corpo de professores que possa atender às necessidades do ensino, bem como aumento do número de médicos, uma vez que mui-

tos deles estão em serviço de guerra; finalmente prioridade para os materiais de construção e mão de obra para as escolas de medicina.

Nas linhas de tão vasto e sábio programa, dá-se a medicina o papel que lhe estará confiado no futuro, orientando a sociedade para seus destinos superiores. O médico precisa ser um profissional realmente competente, que cure os males de cada um, mas que saiba prevenir os da alçada da higiene pública. Mas não seja esquecida a função educadora, verdadeira missão que ele exerce em todos os meios aonde leva o seu ministério. É preciso também que se facultem a todos quantos tenham vocação para a carreira os recursos materiais: daí o aumento das dotações oficiais para estudantes de ambos os sexos.

Longe de limitar as admissões nas Escolas, a Comissão espera que cresça na Inglaterra o número de médicos, de sorte que ele seja, em 1953, de 50 mil atuando no país.

Tudo isso seria bom que calasse no ânimo dos reformadores brasileiros, quando tentarem mais uma vez, como é provável que aconteça em breve prazo, modificar o ensino médico no nosso meio e os serviços nacionais de saúde pública (*Correio da Manhã*, Rio).

ATOS DA ADMINISTRAÇÃO FEDERAL

PORTARIA N.º 77, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1945, DO MINISTRO DA AGRICULTURA

O Ministro de Estado, tendo em vista o disposto no § 2º do art. 2º do Decreto-lei n.º 4.083, de 4-2-42, combinado com o art. 4º do regulamento aprovado pelo Decreto n.º 8.741, de 11-12-1942,

Resolve aprovar as instruções para funcionamento do curso avulso de Reflorestadores, baixadas pelo Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento. Especialização e Extensão. —• *Apolônio Sales.*

Instruções para o funcionamento do curso avulso de Reflorestadores, a que se refere a Portaria n.º 77, de 19 de fevereiro de 1945.

Art. 1.º — O curso avulso de reflorestadores, de natureza prático-teórica, subordinado aos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Expansão, tem por finalidade habilitar práticos em reflorestamento.

Art. 2.º — O curso será ministrado nas dependências do Serviço Florestal, de acordo com as seguintes bases:

- 1) — Noções gerais sobre os processos de multiplicação de plantas.
- 2) — Proteção das sementeiras e mudas — importância dos abrigos, ripados, caixilhos, estufins e estufas.

3) — Porta-sementes — Características das árvores matrizes. Identificação e seleção dos porta-sementes. Cuidados que devem ser dispensados a essas árvores.

4) — Sementes — Como caracterizar as boas sementes. Germinadores. Poder germinativo e a sua determinação. Seleção de sementes.

5) — Sementeiras — Escolha do local e instalação de uma sementeira. Solos apropriados. Preparo do terreno. Construção dos diversos tipos de caneteiros.

6) — Semeadura — Processos, época apropriada, distância e profundidade. Cuidados subsequentes.

7) — Tratos culturais das sementeiras.

8) — Repicagem — Sua importância. Época e cuidados. Repicagem em caixas, vasos e viveiros.

9) — Viveiros — Instalação de um viveiro. Escolha de local adequado. Ex. posição. Preparo do terreno. Alinhamentos e distâncias.

10) — Mudas — Arrancamento, preparo, embalagem e transporte das mudas. Cuidados dispensados às mudas nessa fase.

11) — Plantação definitiva — Preparo do solo. Derrubada, roçada, destacamento, limpeza do terreno.

12) — Aração e gradeação dos terrenos para o plantio definitivo das mudas.

13) — Processos do alinhamento das árvores — Distância entre as mudas. Ruas. Abertura das covas. Formato e profundidade das covas. Épocas do plantio.

14) — Cuidados culturais. Limpeza e desbastes.

15) — Proteção às florestas — Cuidados preventivos contra o fogo. Meios de se evitar as queimadas. Vigilância nas florestas.

Art. 3.º — O curso terá a duração de doze semanas, sendo as aulas ministradas três vezes por semana, nas segundas, quartas e sextas-feiras, de 9 às 11 horas.

Art. 4.º — O número de alunos inscritos será limitado a dez no mínimo e no máximo vinte.

Art. 5.º — As inscrições estarão abertas por quinze dias a partir da data da publicação destas Instruções, devendo o início do curso ser fixado pelo Diretor dos C. A. E.

Art. 6.º — Os candidatos deverão requerer matrícula ao Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, juntando os seguintes documentos:

a) — atestado de sanidade física e mental;

b) — prova de identidade;

c) — prova de conhecimento de nível primário;

d) — dois retratos tamanho 3x4.

Art. 7.º — O aproveitamento do aluno no curso será verificado em provas orais e práticas no final do curso, sendo aprovado aquele que tiver média igual ou superior a 60.

Art. 8.º — Não poderá realizar provas o aluno que tiver mais de 20% de faltas às aulas respectivas.

Art. 9.º — O professor, designado na forma do art. 4.º, § 4.º, do Decreto-lei n.º 4.083, de 4-2-42, alterado pelo de n.º 5.114, de 18-12-42, terá as atribuições de que tratam as alíneas b), c), d) e f) do art. 31 do Regulamento dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, cumprindo-lhe, além disso, apresentar relatório final das atividades do curso.

Art. 10 — Os casos omissos serão resolvidos pelo Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, ouvido o Diretor do Serviço Florestal.

Em 19 de fevereiro, de 1945. — *Arthur Torres Filho*, Diretor.

PORTARIA N.º 78, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1945, DO MINISTRO DA AGRICULTURA

Resolve aprovar as instruções para funcionamento do curso avulso de Jardinagem, baixadas pelo Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão — *Apolônio Saltes*.

Instruções para o funcionamento do curso avulso prático-teórico de Jardinagem, a que se refere a Portaria n.º 78, de 19 de fevereiro de 1945.

Art. 1.º — O Curso avulso de Jardinagem funcionará na sede do Serviço Florestal (Jardim Botânico) subordinado a Diretoria dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão e terá por finalidade a formação de jardineiros.

Art. 2.º — O Curso será prático-teórico e obedecerá ao seguinte programa:

- 1) — Noções de morfologia vegetal.
- 2) — Como se alimentam as plantas.
- 3) — Noções de solos e climas.

- 4) — Importância de água no solo e na planta. Transpiração; sudação.
 - 5) — Ação do meio sobre os vegetais: plantas aquáticas, epífitas; xerofitismo.
 - 6) — Rudimentos da reprodução dos vegetais. Semente, germinação.
 - 7) — Multiplicação vegetativa; principais modalidades.
 - 8) — Objeto e importância da cultura de plantas ornamentais. Jardinocultura sob os pontos de vista econômico e decorativo.
 - 9) — Jardins. Classificação e descrição dos diversos estilos. Jardins escolares. públicos, comerciais e científicos.
 - 10) — Aparelhos necessários ao jardineiro.
 - 11) — Plantas ornamentais; sua divisão de acordo com o porte e o hábito.
 - 12) — Plantas ornamentais; suas aplicações em jardinocultura.
 - 13) — Plantas ornamentais indígenas e cosmopolitas.
 - 14) — Escolha de terreno para cada tipo de jardim e vive-versa. Preparo de terreno.
 - 15) — Propagação das plantas ornamentais em geral.
 - 16) — Escolha de sementes, bulbos, tubérculos e mudas.
 - 17) — Viveiros: preparo da terra. Ripados e estufins. Repicagens.
 - 18) — Tratos culturais. Regas; condições e processos. Mondas. Podas.
 - 19) — Enxertia: Suas modalidades.
 - 20) — Adubação de jardins.
 - 21) — Inseticidas e fungicidas.
 - 22) — Projeto do jardim. Estética; combinação de cores.
 - 23) — Locação do projeto no terreno.
 - 24) — Gramados, sebes vivas, cercaduras; aleias; tanques, fontes e lagos.
 - 25) — Muros, escadas, grades, pórticos e pérgolas. Móveis de jardim.
 - 26) — Roseiras; pontos de vista artístico e comercial.
 - 27) — Jardins e terraços.
 - 29) — Cultura de plantas em vasos.
 - 28) — Decorações e mosaicos florais. Plantas para interiores e jardineiras.
 - 30) — Cultura de plantas em estufa.
 - 31) — Cultura de orquídeas.
 - 32) — Cultura de plantas aquáticas.
 - 33) — Cultura para produção de mudas, sementes, bulbos, tubérculos; conservação dos mesmos.
 - 34) — Corte das flores; arte floral. Exposição de plantas e de flores.
- Art. 3.º — O curso terá duração de 20 semanas, sendo as aulas ministradas três vezes por semana, às segundas, quartas e sextas-feiras das 7:30 às 10:30
- Art. 4.º — O número de alunos será de, no mínimo, oito e no máximo quinze em cada turma, dos quais até cinco serão indicados pelo Diretor do Serviço Florestal, dentre os extranumerários desse Serviço.
- Art. 5.º — As inscrições estarão abertas por quinze dias a partir da data da publicação destas Instruções, devendo o início do curso ser fixado pelo Diretor dos C. A. E.
- Art. 6.º — Os candidatos deverão requerer matrícula ao Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão juntando os seguintes documentos:
- a) — atestado de sanidade física e mental;

- b) — prova de identidade;
- c) — prova de conhecimentos de nível primário;
- d) — dois retratos tamanho 3x4.

Art. 7.º — A cada aluno será distribuída tarefa de sua exclusiva responsabilidade no campo prático, após o segundo mês do curso.

Art. 8.º] — O aproveitamento dos alunos será verificado pelo modo por que se desobrigarem das tarefas que lhes forem distribuídas, assim como por provas prático-orais, no final do curso.

Art. 9.º — Serão aprovados aqueles que obtiverem média aritmética igual ou superior a 60 pontos, incluindo-se as notas dos trabalhos práticos.

Art. 10.º — Não poderá realizar provas o aluno que tiver mais de 20% de faltas às aulas respectivas.

Art. 11.º — O professor designado na forma do art. 4.º, § 4.º, do Decreto-lei n.º 4.083, de 4-2-42, alterado pelo de n.º 5.114, de 18-12-42, terá as atribuições de que tratam as alíneas b), c), e f) do art. 31 do Regulamento dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, cumprindo-lhe, além disso, apresentar relatório final das atividades do curso.

Art. 12 — Aos alunos que concluírem o curso será concedido certificado de habilitação, na forma do art. 21 do Regulamento aprovado pelo Decreto n.º 8.741, de 11-2-42.

Art. 13.º — Os casos omissos serão resolvidos pelo Diretor dos Cursos de Aperfeiçoamento, Especialização e Extensão, ouvido o Diretor do Serviço Florestal.

Em de 1945. — *Arthur Torres Filho*, Diretor.

ATOS DA PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL

ORDEM DE SERVIÇO N.º 2, DO DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE DIFUSÃO CULTURAL DA SECRETARIA GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

O Departamento de Difusão Cultural, no interesse, sempre crescente, de melhorar o nível técnico do professorado dos Cursos de Educação Supletiva, após a devida autorização do Exmo. Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura, entrou em entendimento com o Centro de Pesquisas Educacionais para que, por este ór-

gão da S. G. E., fosse dado aos referidos professores um Curso de Orientação do Ensino Elementar para Adultos.

Esse Curso, que será freqüentado por professores já designados por esta Diretoria, terá início quarta-feira próxima, dia 21, às quatorze horas, com a presença do Exmo. Sr. Secretário Geral de Educação e Cultura, e será ministrado em 12 aulas, pela Sra. Chefe do Serviço de Medidas e Programas do Centro de Pesquisas Educacionais, no Auditório do referido Centro (7.º andar do Edifício Andorinha — Ave-

nida Almirante Barroso n.º 81), às segundas, quartas e sextas-feiras, das quatorze às dezesseis horas, obedecendo ao seguinte programa:

I. Que deve o professor conhecer.

O grupo ao qual vai ensinar, mediante a observação, atenta e discreta de cada aluno, quanto a

1. Seu equipamento — Inato: Atributos morfológicos — Atributos fisiológicos — Atributos psíquicos; Adquirido: Hábitos e habilidades específicas — Informações e conhecimentos — Atitudes — Ideais — Interesses — Preferências.

2. Sua condição social: Família — Residência — Trabalho que executa — Recreação que prefere ou cultiva.

II. Como orientar o ensino atendendo aos:

1. Objetivos visados: Objetivos gerais do currículo — Objetivos específicos da matéria ou do grau do ensino.

2. Métodos mais adequados ao grupo, para consecução desses objetivos: Métodos e processo (distinção).

Lição — Aula — Preparo da lição.

Plano de aula — Plano de trabalho.

Meios de verificação da aprendizagem (em particular e em geral).

3. Fatores que concorrem para o bom aproveitamento do ensino.

III. Como distribuir a matéria do ano letivo em dois ou três períodos.

Planejamento, abrangendo a compreensão e a fixação das noções e dando margem às ocorrências imprevistas que prejudicam a realização integral do plano.

IV. Como documentar o trabalho realizado, a título de controle.

Registros: Fichas de aula — Caderno circular — Arquivo de provas —

Bibliografia — Relatórios — Outros documentos.

Distrito Federal, 17 de fevereiro de 1945.

Dr. Henrique Baptista Pereira, diretor do DDC.

RESOLUÇÃO N.º 5, DO SECRETÁRIO GERAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO DISTRITO FEDERAL

Cria, em caráter experimental, uma colônia de férias na ilha de Paquetá.

O Secretário Geral de Educação e Cultura, devidamente autorizado pelo Exmo. Sr. Prefeito, resolve determinar ao Departamento de Educação Nacionalista que tome todas as providências no sentido de fazer funcionar, em caráter experimental, uma colônia de férias, na escola "Joaquim Manuel de Macedo", na ilha de Paquetá.

Tendo sido aprovado pelo Exmo. Sr. Prefeito o plano de funcionamento dessa colônia de férias deve o mesmo ser posto em execução.

Distrito Federal, 23 de fevereiro de 1945.

Jonas . Correia, Secretário Geral de Educação e Cultura.

Plano de funcionamento da Colônia de Férias {Escola Joaquim Manuel de Macedo} Ilha de Paquetá

Funcionamento:

1) Em caráter experimental funcionará na Escola Joaquim Manuel de Macedo (Ilha de Paquetá) uma Colônia de Férias para alunos das escolas primárias da Secretaria Geral de Educação e Cultura.

2) A Colônia terá capacidade para 30 alunos por período e será orientada

pelo Serviço de Educação Física do Departamento de Educação Nacionalista.

3) A Colônia terá a duração de 30 dias divididos em 2 períodos, sendo o 1.º destinado às meninas e o 2.º aos meninos.

Do Pessoal

A Colônia terá o seguinte pessoal:

- 1 diretor, que será a atual dirigente da Escola Joaquim Manuel de Macedo.
- 4 professores do D. E. N.
- 1 médico especializado do D. E. N.
- 1 enfermeira.
- serventes.

Dos Alunos:

1) As crianças serão enviadas à Colônia por indicação do Departamento de Educação Primária, de preferência as que residirem em zonas afastadas do mar.

2) A idade será de 9 a 11 anos.

3) Cada aluno deverá trazer:

- 2 uniformes completos da Escola Primária
- 2 toalhas de rosto
- 2 toalhas de banho
- 1 colcha
- 1 agasalho
- 1 escova e pasta para dentes
- 1 pente.

ATOS DA ADMINISTRAÇÃO DOS ESTADOS

REGULAMENTO PARA O CONCURSO DE INGRESSO AO CARGO DE ADJUNTO DE GRUPOS ESCOLARES RURAIS DO ESTADO DE S. PAULO

Foi assinado pelo Interventor Federal do Estado de São Paulo, em 22-2-1945, o Decreto-lei n.º 14.553, que baixa o Regulamento para concurso de ingresso ao cargo de adjunto de grupos escolares rurais.

É o seguinte o decreto-lei em apreço:

Art. 1.º — O concurso para o provimento dos cargos de adjuntos de grupos escolares rurais, previsto no artigo 2.º e parágrafo único, do Decreto n.º 8.951, de 2 de fevereiro de 1938, reger-se-á pelo presente regulamento.

Art. 2.º — O concurso, que é de títulos e provas, será realizado anualmente, em época determinada pelo Departamento de Educação, perante comissão julgadora nomeada pelo seu Diretor Geral.

Parágrafo único — As inscrições estarão abertas pelo prazo de 15 dias, sendo efetuadas mediante petição dirigida ao Diretor Geral do Departamento de Educação, devendo os candidatos estranhos ao quadro do magistério provar sua qualidade de professor normalista.

Art. 3.º — Serão considerados os seguintes títulos:

a) tempo de efetivo exercício em escola ou classe da zona rural, computando-se 1 ponto por ano para os 2 primeiros anos e, daí por diante, 2 pontos por ano até o máximo de 10, no total:

b) cursos de especialização rural, computando-se 10 pontos para os certificados do Curso de Especialização Agrícola da Escola Mista Profissional Agrícola de Pinhal ou de estabelecimentos equivalentes e 2 para os certificados dos cursos do Departamento de Indústria Animal, Instituto Biológico, Serviço de Sericultura, do Centro do Professorado Paulista, em 1931, do

Serviço de Higiene Escolar e de outros estabelecimentos equivalentes, até o máximo de 20 pontos, no total;

c) trabalhos realizados sobre o ruralismo, computando-se até o máximo de 10 pontos, no total.

Art. 4.º — O concurso de provas consistirá em prova escrita, com a duração máxima de 2 horas, versando sobre ponto sorteado no momento.

Parágrafo 1.º — As provas terão o valor de zero a 10.

Parágrafo 2.º — Serão considerados inabilitados os candidatos que obtiverem nota igual ou inferior a 4.

Art. 5.º — A Assistência Técnica do Ensino Rural elaborará a lista dos pontos do concurso, em número de 10, submetendo-a à aprovação do Diretor Geral do Departamento de Educação.

Parágrafo único — Logo após o encerramento das inscrições, deverá ser

publicada a lista de pontos a que se refere este artigo.

Art. 6.º — A classificação dos candidatos será feita pelo número de pontos obtidos nos títulos e provas realizadas.

Art. 7.º — Os candidatos procederão à escolha das vagas pela ordem obtida na classificação.

Art. 8.º — As dúvidas que surgirem na execução do presente regulamento serão resolvidas pela Comissão Examinadora "ad referendum" do Diretor Geral do Departamento de Educação.

Art. 9.º — Este decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.
— *Fernando Costa*, Interventor Federal no Estado.